

MESTRADO EM LINGUÍSTICA

***Codeswitching* entre português e inglês em  
falantes de português como língua materna:  
Valores e funções**

Ana Cunha

**M**

2020/2021



Ana Cunha

***Codeswitching* entre português e inglês em  
falantes de português como língua materna:  
Valores e funções**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora  
Doutora Alexandra Pinto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020/2021



Ana Cunha

# ***Codeswitching* entre português e inglês em falantes de português como língua materna: Valores e funções**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora Doutora Alexandra Pinto

## **Membros do Júri**

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

*There is nothing that the sociology of language needs at the present time as much as it needs work and workers with sensitivity and sympathy for the contributions of "the other field".*

Dell H. Hymes

*The one thing Internet language needs, more than anything else, is good descriptions.*

David Crystal

*You don't talk to a linguist without having what you say taken down and used in evidence against you at some point in time*

*David Crystal*

# Sumário

Declaração de honra .....	<a href="#">8</a>
Agradecimentos.....	<a href="#">9</a>
Resumo.....	<a href="#">10</a>
Abstract.....	<a href="#">11</a>
Introdução.....	<a href="#">12</a>
1. Enquadramento Teórico.....	<a href="#">16</a>
1.1 <i>Codeswitching</i> .....	<a href="#">16</a>
1.2. Breve perspetivação histórica dos estudos de <i>Codeswitching</i> .....	<a href="#">17</a>
1.3 <i>Codeswitching</i> : nomenclatura e tipologias.....	<a href="#">24</a>
1.4 <i>Codeswitching</i> e juízos de valor.....	<a href="#">26</a>
1.5 <i>Codeswitching</i> e a <i>Speech Accomodation Theory</i> .....	<a href="#">28</a>
1.6 Gumperz, a importância da comunidade e do Princípio de Cooperação de Grice.....	<a href="#">31</a>
1.7 Auer e a análise sequencial; Myers-Scotton e o <i>markedness model</i> .....	<a href="#">35</a>
1.8 As perspetivas sociológicas e antropológicas de Bourdieu e Gal.....	<a href="#">35</a>
1.9 O inglês global e as suas conotações.....	<a href="#">45</a>
1.10 <i>Crossing</i> .....	<a href="#">48</a>
1.11 Outros fenómenos de simultaneidade e cultura trans- do novo milénio.....	<a href="#">54</a>
1.12 As particularidades do contágio linguístico entre jovens.....	<a href="#">62</a>
2. Metodologia .....	<a href="#">69</a>
2.1 Métodos de recolha de dados.....	<a href="#">69</a>
2.2 Amostra.....	<a href="#">71</a>
3. Discussão e Resultados.....	<a href="#">72</a>
3.1 Os inquéritos: Estatística Descritiva.....	<a href="#">72</a>
3.2 Inferência Estatística.....	<a href="#">82</a>
3.3 Entrevistas.....	<a href="#">84</a>
3.3.1 CS como indício de fraco conhecimento do português.....	<a href="#">84</a>
3.3.2 Intencionalidade do CS.....	<a href="#">88</a>

3.3.3 Alternância em função do interlocutor.....	89
3.3.4 CS como código de assuntos sensíveis.....	94
3.3.5 A comunidade LGBTQ+.....	96
3.3.6 CS como marcador de intimidade ou prestígio.....	99
3.3.7 Percepção geracional e ameaça do CS à integridade da língua.....	103
3.3.8 CS como marcador socio-político.....	108
3.3.9 <i>Cliques</i> .....	115
4. Conclusões.....	<a href="#">120</a>
5. Bibliografia.....	<a href="#">125</a>
6. Anexos.....	134
Anexo 1 - Questionário .....	<a href="#">134</a>
Anexo 2 - Tabelas.....	136
Anexo 3 - Guião das entrevistas.....	141
Anexo 4 - Notas de fim.....	143

## **Declaração de honra**

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2021

Ana Cunha



## Agradecimentos

Aos meus amigos que se deixaram ser poked e tested e assessed, a quem eu leguei crises de identidade, e que são o exemplo mais exciting da vivacidade da língua.

À minha orientadora pela paciência, o incentivo e a generosidade de conhecimento e de tempo.

Aos meus pais, irmãos, avós e tios, que fazem uma barulheira insuportável e mudam os nosso papéis de sítios, chateiam-nos para irmos fazer outras coisas com eles e têm perguntas inconvenientes nas horas erradas - devo quase tudo.

Aos Professores que tive - devo o resto.

Ao Shaw.

## Resumo

Este trabalho pretende fazer uma análise sociolinguística do uso de *codeswitching* em jovens de português como língua materna, estudando os contextos e as funções com que é posto a uso. Partimos das noções de *códigos-nós* e *códigos-eles*, propostas por Gumperz, assim como da ideia de *comunidade linguística* para podermos entender o enquadramento multicultural inerente ao *Markedness model* de Myers-Scotton que tão fundamental foi para o nosso entendimento da prática. Enriquecemos, por vezes, a perspetiva linguística com visões de áreas adjacentes, nomeadamente com as contribuições sociológicas e antropológicas de Bourdieu e Gal, analisando o impacto que as relações de poder e solidariedade têm na escolha de códigos, bem como as considerações comparativas entre o inglês internacional e o inglês padrão, como foram propostas por Hoffman ou Canagarajah. O trabalho de Rampton sobre as dinâmicas comunicativas em ambiente escolar e as propostas do novo milénio sobre identidades fluídas, híbridas e esteticamente motivadas, construídas verbalmente, foram adicionalmente indispensáveis ao planeamento da parte prática do nosso trabalho.

Na segunda parte do nosso estudo, propomo-nos testar as conclusões que recolhemos da parte teórica. Para isso construímos uma amostra, com jovens entre os 19 e os 32 anos, a quem foi aplicado um primeiro questionário de resposta fechada sobre o uso e a perceção do CS, seguindo-se reuniões coletivas de maneira a poder explorar as respostas dadas. Concluímos, tal como prevê a literatura, que as mulheres registam uma perceção mais positiva do uso de CS, tal como a geração com menos de 25 anos e os falantes *queer*, que não só usam mais inglês, mas também por uma maior variedade de motivos. Os falantes reconheceram uma larga gama de razões por que incorrem em *codeswitching*, não sendo consensual se esta prática é sempre intencional, e que papel têm os falantes nessa preservação da língua.

## Abstract

In this work we look to conduct a sociolinguistic analysis of codeswitching, as it is used by native language speakers of Portuguese, mainly considering what contexts it is used on and to what effect. Taking into account the ideas of *we-codes* and *they-codes*, suggested by Gumperz, as well as the concept of *linguistic community*, we can understand the multicultural framing of Myers-Scotton's *Markedness model*, which was so pivotal to our understanding of the codeswitching phenomenon. Occasionally, we have included linguistics adjacent perspectives, believing they are enriching to our work, such as Bourdieu and Gal's anthropological and sociological contributions, considering how power relations and solidarity influence code choice; as well as Hoffman and Canagarajah's comparative considerations about international English and standard English. Also indispensable to the planning of our experimental section was Rampton's work on school children communication dynamics, as well as the new millennium's ideas of a more fluid, hybrid and aesthetically motivated, verbally created, identity.

In the second part of our project we aim to test the conclusions gathered from the previous section. To this effect a sample was built, made from young people, aged 19 to 32 years old, to whom a closed answer questionnaire was applied, regarding codeswitching's use and perception. Afterwards, collective meetings were organized, so as to better explore the data collected. We have concluded, as was suggested by the literature, that women hold a more positive view of codeswitching, as does the generation under 25, and queer subjects, who not only switch to English more often, but also for a wider range of reasons. Informants registered an ample spectrum of motives why they resort to codeswitching, whether it is always an intentional use was not consensual, nor what role speakers have in the preservation of their language.

## Introdução

O tema que elegemos para objeto desta dissertação de mestrado, identificado na literatura através da expressão *codeswitching*<sup>1</sup>, tem sido alvo de estudos com perspectivas variadas. Maioritariamente, o tema tem conhecido duas abordagens diferentes: uma abordagem estrutural e uma abordagem sociolinguística. A primeira prende-se com os limites sintáticos e morfológicos do fenómeno; a segunda, com os contextos e funções com que é posto a uso. É esta última abordagem que escolhemos explorar no nosso trabalho.

Acima de tudo, interessava-nos conduzir uma análise mais profunda dos ubíquos hábitos de alternância entre línguas, que testemunhávamos em ambiente casual, nos nossos pares. Esta prática de mistura entre o português e o inglês, o que a motivava, como era percebida, eventuais variações no uso e na interpretação, de acordo com o género, a idade, a sexualidade, ou o grupo a que o sujeito pertencia, eram tudo questões que nos interessava investigar. Para além disso, não encontramos nenhum estudo que focasse esta prática dos jovens portugueses em alternar entre a sua língua materna e o inglês, pelo que muito nos satisfez poder contribuir para suprimir essa carência.

Esta dissertação está dividida em duas grandes partes, uma primeira de enquadramento teórico e uma segunda de testagem prática das ideias propostas. Na primeira parte, faz-se uma revisão da literatura existente, enriquecendo-se, por vezes, a perspetiva linguística com visões de áreas adjacentes. Esta parte informa fortemente a parte prática, em que se testam algumas das propostas revistas na parte teórica. Numa primeira secção, apresentamos uma definição de *codeswitching* enquanto fenómeno, fazendo uma revisão dos vários termos e conceitos em circulação que lhe

---

<sup>1</sup> Optamos pelo uso da expressão inglesa ao longo de todo o trabalho por ser o termo mais comumente usado na literatura (conferir, por exemplo, Aguiar, J., & Ermida, I. (2019). Quando uma língua não é suficiente: exemplos de code switching na comunicação online. In *III Colóquio Internacional de Línguas Estrangeiras - Politicamente incorreto: será o mundo dos políglotas?: livro de resumos*. Bragança: Instituto Politécnico; ou Porto, R. (2007) Os estudos sociolinguísticos sobre o code-switching: uma revisão bibliográfica. In *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*.) Eventualmente poderíamos traduzi-lo por “alternância de códigos” ou “alternância de línguas”, como também fazem outros estudos (conferir, por exemplo, de Sousa, A. N., & de Quadros, R. M. (2012). Uma análise do fenómeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (Libras e português). *Revista virtual de estudos da linguagem*, 10(19), 329–346.)

estão associados, delimitando aqueles em que o nosso trabalho se foca. Apresentamos, depois, uma breve perspectiva histórica sobre os estudos de *codeswitching*, salientando o trabalho pivotal de Blom e Gumperz (1972) *Social meaning in linguistic structure: codeswitching in Norway*<sup>2</sup>, introduzindo os conceitos de *codeswitching* metafórico e situacional e “códigos-nós” versus “códigos-eles”, bem como os seus inegáveis antecedentes, estabelecidos nas antologias de Hymes (1964) e Fishman (1968) e no estudo clássico *The Social Stratification of English in New York City* de Labov (1966)<sup>3</sup>. Para além do seu essencial apelo à transdisciplinaridade e a um enriquecimento etnográfico dos estudos linguísticos conduzidos, salienta-se o trabalho feito por estes autores no estabelecimento da macrolinguística<sup>4</sup> e na divulgação das ideias de domínio e de comunidade linguística. Apresentamos a proposta de organização dos estudos sobre *codeswitching* (de agora em diante CS) de Hall e Niplez (2015), por que nos regemos, fazendo um apanhado das classificações dos diferentes tipos de CS e respetivas funções, como foram propostas por alguns autores que nos parecem essenciais. Analisamos também as perceções e juízos de valor ainda presentes em relação ao CS, explorando as relações estabelecidas entre os preconceitos e os grupos demográficos. Exploramos a *Speech accommodation theory* de Giles e Powesland (1975) como possível enquadramento fértil para o estudo de CS, analisando estratégias de acomodação e resistência, e potenciais motivações para as mesmas. Revemos o princípio cooperativo de Grice (1975) e o trabalho de Gumperz

---

<sup>2</sup> Identifico estes títulos por extenso devido à importância pivotal que tiveram na génese, e posterior evolução da área.

<sup>3</sup> Enquadramento histórico proposto por vários autores, entre eles, por exemplo, Gumperz (1982).

<sup>4</sup> De acordo com Crystal, a macrolinguística pode ser definida da forma seguinte: «Macrolinguistics (n.) A term used by some linguists, especially in the 1950s, to identify an extremely broad conception of the subject of linguistic enquiry. In a macrolinguistic approach, linguistics is seen in its overall relation to phonetic and extralinguistic experience. It is divided into three main subfields: prelinguistics (whose primary subject-matter is phonetics), microlinguistics (whose primary subject-matter is phonology, morphology and syntax) and metalinguistics (whose subject-matter is the relationship between language and all extralinguistic features of communicative behaviour, e.g. including what would now be called sociolinguistics).» in Crystal (2008) *Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Comparativamente, definimos microlinguística como « microlinguistics (n.) A term used by some linguists, especially in the 1950s, to refer to the main areas of linguistics, especially phonology, morphology and syntax, these being seen as constituting a sharply defined field of study differentiable from prelinguistics and metalinguistics. In this frame of reference, it was seen as a branch of macrolinguistics. More broadly, the term can be used to distinguish complementary views of a subject, one being strictly linguistic, the other being wider; for example, a study of meaning which concentrates on denotative meaning and does not take sociolinguistic, etc., factors into account might be called microlinguistic (as opposed to ‘macrolinguistic’) semantics. The term ‘microlinguistic’ is sometimes used outside this framework in a general sense, to refer to any analysis of linguistic data involving a maximum depth of detail.» *idem*.

(1982), particularmente focado nas interações dentro da comunidade, contemplando também os estudos de Milroy e Wei (1995) sobre o mesmo assunto, e seus sucessores, pensando o CS na sua vertente mais comunitária e menos individual. A secção seguinte considera os contributos de Auer (1995, 1998, 1999) para os estudos sequenciais dos fenómenos linguísticos e o *Markedness model* de Myers-Scotton (1993, 1998), que tão fundamental é para o nosso trabalho, desfocando das comunidades monolingues e pensando no funcionamento do CS em comunidades multiculturais. Revemos então as contribuições sociológicas e antropológicas de Bourdieu (1977) e Gal (1979, 1988), numa perspetiva interseccional, analisando o impacto que as relações de poder e solidariedade têm na escolha de códigos, seguido de considerações comparativas entre o inglês internacional e o inglês padrão, pensando a língua como uma entidade mais múltipla e variável do que até então. O trabalho de Rampton (1995), altamente influente para a nossa pesquisa, faz uma descrição detalhada de ambientes escolares multiculturais, que nos informa sobre eventuais dinâmicas paralelas na comunidade que pretendemos estudar na parte prática. Rampton propõe também uma distinção entre *crossing* e *codeswitching*, que potencia uma discussão mais abrangente sobre estudos raciais, e que nos parece particularmente fértil. Jacquemet (2005), Maher (2005), Spring (2007), Canagarajah (2007) e Otsuji e Pennycook (2010) dominam o diálogo sobre o alargamento das noções de identidade, etnia e nacionalidade no novo milénio, que revemos, e a partir de Eckert, na última secção do Enquadramento Teórico, analisamos as dinâmicas de construção de identidade entre os jovens.

Na segunda parte do nosso estudo, propomo-nos testar as conclusões que recolhemos da parte teórica e tomar o pulso ao uso de CS entre os jovens que falam português como língua materna. Para tal, construímos uma amostra, com jovens e jovens adultos entre os 19 e os 32 anos, residentes em Portugal e falantes da variedade do português europeu, a partir de um pedido de colaboração divulgado através das redes sociais. Entre as datas de 5 de Junho e 17 de Julho, aplicamos a este grupo de 110 indivíduos um primeiro questionário de resposta fechada sobre o uso e a perceção do CS. Os dados recolhidos foram tratados e analisados qualitativamente com o programa de estatística IPSS e submetidos a testes não paramétricos, de maneira a determinar, por inferência, que conclusões se aplicavam somente à nossa

amostra e quais podiam ser extrapoláveis. Seguindo o método explicativo sequencial, organizamos então reuniões coletivas, a partir do banco de participantes, de maneira a poder explorar as respostas em regime de mesa redonda, já depois de ter sido dada uma primeira oportunidade aos participantes para ponderarem as questões, aquando do preenchimento do questionário. O guião das entrevistas foi desenhado segundo uma perspectiva construtivista, considerando que os sujeitos atribuem significados complexos e múltiplos às suas experiências. Excertos dessas reuniões foram, depois, transcritos e apresentamos a sua análise na terceira secção da parte prática. A nossa metodologia foi sobretudo influenciada pelo estudo de Rampton (1995), que conduz um inquérito semelhante em Inglaterra. Já as nossas conclusões partem e são devedoras das que Myers-Scotton apresenta no estudo de 1993.

A partir dos inquéritos aplicados, concluímos, tal como prevê a literatura, que as mulheres são mais permeáveis ao uso de CS e registam uma perceção mais positiva do fenómeno. O mesmo se passa com a geração com menos de 25 anos e com os falantes *queer*, que não só usam mais inglês, mas também por uma maior variedade de motivos. Os falantes reconheceram incorrer em *codeswitching* por esquecimento, preguiça, diferenças denotativas entre termos semelhantes mas não iguais (aquilo a que chamam “o peso da palavra”), e motivações pragmáticas, como o uso de expressões fáticas, como *please* ou *sorry*, usadas como atenuadores. São raras as instâncias em que o *codeswitching* é usado para excluir outros interlocutores presentes, tendo os falantes por hábito iniciar as suas interações com *codeswitching* exploratório (cf. Myers-Scotton, 1993). As opiniões divergem sobre se a alternância resulta de falhas no conhecimento da língua, se é sempre intencional, quão ameaçador é para o futuro do português e que papel têm os falantes nessa preservação ou alteração da língua. A maior parte dos intervenientes nas entrevistas concorda tratar-se de um marcador identitário, particularmente prevalente na comunidade LGBTQ+. A isto acrescem questões sintáticas de maior flexibilidade, maior simplicidade, e questões sociolinguísticas de maior informalidade e maior neutralidade de género do inglês, que também motivam o seu uso.

O nosso estudo contou com cerca de 100 participantes. Olhando para o futuro, seria interessante conduzir um estudo mais alargado, eventualmente organizando

sessões com pré-adolescentes, adolescentes, jovens adultos, e adultos. As diferenças geracionais no uso e na percepção de *codeswitching* são de interesse evidente e dariam também lugar a um estudo fértil. Seria igualmente produtivo estudar, em maior detalhe, a comunidade LGBTQ+ portuguesa e a diversidade dos seus hábitos linguísticos, eventualmente com maior incidência na comunidade trans e não binária. Não nos foi possível testar a influência de diferentes condições socioeconómicas e origens geográficas no uso do CS – variáveis referidas de passagem pelos entrevistados e que poderão estimular estudos futuros.

Todos estes estudos que ficaram por fazer, e completariam, cremos, o nosso projeto, têm como centro os jovens, uma vez que é entre eles que estão a ocorrer estas movimentações linguísticas do nosso tempo.

## **1. Enquadramento Teórico**

### **1.1 *Codeswitching***

São vários os termos que circulam na literatura da especialidade no domínio do fenómeno em referência, nem sempre em distribuição complementar e nem sempre consistentemente definidos. *Codeswitching*, *code mixing*, diglossia e empréstimos, por exemplo, são alguns desses conceitos, usados com alguma liberdade no domínio dos estudos da sociolinguística. Podemos pensar a delimitação adotada por Gumperz, 1982; Milroy & Muysken, 1995; Poplack, 1980; Poplack & Sankoff, 1984 *apud* Rauf, 2017, segundo a qual “empréstimo” se refere a um fenómeno de incorporação de palavras ou expressões idiomáticas de uma segunda língua no léxico da língua matriz, adotando estas unidades as particularidades morfossintáticas da mesma. *Codeswitching*, por outro lado, seria a alternância, num mesmo enunciado, entre duas línguas com igual preponderância morfossintática. De acordo com esta definição, não há então transferência de uma língua para a outra, mas sim verdadeira troca de paradigmas. Já a diglossia seria um fenómeno que pressupõe um contexto



sociocultural em que coexistem sempre pelo menos dois códigos<sup>5</sup>, sendo os mesmos marcados por corresponderem a uma variedade prestigiada e uma desprestigiada, em que um é sempre mais adequado à situação do que o(s) outro(s). *Codeswitching* poderia ocorrer nestas condições, mas também em contextos em que a hierarquia de códigos é menos evidente. Por fim, *code mixing* seria um termo guarda-chuva dentro do qual se inserem todos estes fenómenos de contacto entre línguas (Blom & Gumperz, 1972; Holmes, 2013; Reyes, 2004 *apud* Rauf 2017). Para o efeito deste trabalho, seguimos a posição integradora de Myers-Scotton (1993 e seguintes), que não vê grande produtividade nestas distinções e define CS como qualquer alteração de variedade linguística durante uma conversa, desde que mantendo continuidade prosódica. As motivações que levam os falantes a incorrer nesta estratégia e a forma como são interpretados serão analisadas na secção prática do trabalho, no seguimento dos estudos conduzidos pelos vários autores que citamos no enquadramento teórico, e das propostas que avançam.

## 1.2 Breve perspetivação histórica dos estudos de *Codeswitching*

Os especialistas estão genericamente de acordo em que o momento fundacional dos estudos sobre *codeswitching* coincide com a publicação do artigo de 1972 de Blom e Gumperz, intitulado *Social meaning in linguistic structure: Codeswitching in Norway*. Este estudo segue as práticas linguísticas dos habitantes da vila norueguesa de Hemnesberget de onde os autores deduziram um padrão na alternância entre o uso da variedade oficial e da variedade local, a partir do qual dois tipos de *switching* são propostos, e rapidamente adotados pela comunidade linguística: *situational switching* e *metaphorical switching*. O primeiro aplica-se a momentos em que o falante deseja renegociar a relação entre ele e o seu interlocutor, por exemplo, mudando do código oficial, esperado naquele contexto, para o local, de forma a encorajar maior proximidade com o interlocutor. Assim, uma alteração de códigos marcaria uma mudança de situação, seja em virtude dos participantes ou das estratégias discursivas dos mesmos. A situação descrita a título de exemplo por Blom e

---

<sup>5</sup> Para o propósito deste trabalho usamos “língua”, “código” e “variedade” como sinónimos parciais.

Gumperz (*idem*) faz referência à alternância em que um professor incorre numa sala de aula, mudando do código oficial para o código local de maneira a incentivar a participação dos alunos:

Similarly, teachers report that while formal lectures - where interruptions are not encouraged - are delivered in (B) [dialeto oficial], the speakers will shift to (R) [dialeto local] when they want to encourage open and free discussion among students. Each of these examples involves clear changes in the participants' definition of each other's rights and obligation. We will use the term situational switching to refer to this kind of a language shift. The notion of situational switching assumes a direct relationship between language and the social situation. The linguistic forms employed are critical features of the event in the sense that any violation of selection rules changes members' perception of the event. (Blom e Gumperz, 1972: 425)

Já o segundo tipo, designado pelos autores como *metaphorical switching*, é motivado pelo tópico e não pela relação entre os sujeitos, recorrendo um enunciador, por exemplo, ao código oficial para falar de negócios no trabalho, mas introduzindo o código local para saudações iniciais e finais ou assuntos familiares com função fática, sem nunca sinalizar uma alteração na relação entre locutor e interlocutor. Pegando no exemplo anterior, classificaríamos como *switching* metafórico uma instância em que o professor ensinasse história aos alunos no dialeto oficial, mas discutisse a cobertura mediática de eventos históricos no dialeto local, por ser o código esperado. Não há uma alteração da relação entre professor e alunos, não há um apelo a uma mudança de comportamento, apenas uma reorientação para o dialeto neutro, isto é, aquele que seria esperado naquela situação<sup>6</sup>. O exemplo dado por Blom e Gumperz que citamos abaixo refere a alternância entre dialeto oficial e regional, realizado por funcionários administrativos nas suas interações com clientes:

In the course of a morning spent at the community administration office, we noticed that clerks used both standard and dialect phrases, depending on whether they were talking about official affairs or not. Likewise, when residents

---

<sup>6</sup> Esta ideia é muito semelhante àquela que virá a ser explorada por Myers-Scotton nos anos 90, sob a égide de CS como sequência de escolhas não marcadas, e que analisamos na secção 7.

step up to a clerk's desk, greeting and inquiries about family affairs tend to be exchanged in the dialect, while the business part of the transaction is carried on in the standard. In neither of these cases is there any significant change in definition of participants' mutual rights and obligations. The posture of speakers and channel clues of their speech remain the same. The language switch here relates to particular kinds of topics or subject matters rather than to change in social situation. Characteristically, the situations in question allow for the enactment of two or more different relationships among the same set of individuals. The choice of either (R) or (B) alludes to these relationships and thus generates meanings. (...) We will use the term metaphorical switching for this phenomenon. (1972: 425)

Assim, concluímos que tanto a situação, como a relação entre os interlocutores, ou o tópico discutido, são fatores que influenciam a escolha de código por parte dos falantes. O aspeto revolucionário deste estudo prende-se com a descrição padronizada que os autores fazem do fenómeno, até então encarado derogatoriamente como falhas do falante no domínio da sua língua. A apresentação deste mecanismo como uma aptidão, e não como um deslize, chamou a atenção da comunidade académica para o fenómeno e abriu caminho para um novo campo de estudos. É também neste contexto que são introduzidos os termos *we-codes* e *they-codes*<sup>7</sup>, em referência aos códigos empregues com quem se mantém uma relação de proximidade ou familiaridade, e com quem se mantém uma relação formal, profissional, numa esfera de *otherness*<sup>8</sup>, respetivamente.

Este artigo de Blom e Gumperz vem no seguimento de outros estudos altamente influentes, publicados pouco antes, nomeadamente, *o estudo de Hymes* (1964), intitulado *A reader in linguistics and anthropology*, na revista *Language in culture and society*; o volume de Fishman (1968), *Readings in the Sociology of*

---

<sup>7</sup> Uma possível tradução destes conceitos poderia ser “código-nós” e “código-eles”, já que a mesma manteria a noção das expressões de origem, propostas por Gumperz, de que os “we-codes” são os códigos da intimidade e da solidariedade e os “they-codes” são os códigos de situações mais formais, usados para a comunicação fora do grupo.

<sup>8</sup> Caraterística daquele que não é Eu, parte da estratégia dialética que define o Próprio por oposição ao Outro. Conceito invocado por Simone de Beauvoir em *The Second Sex* (1949) e Hegel em *The Phenomenology of Spirit* (1807), por exemplo. Sociolinguisticamente é usado com a intenção de delimitar dois grupos distintos, desumanizando ou diminuindo aquele a que o Eu não pertence. Uma eventual tradução para português seria “Alterização”.

*Language* e a pesquisa de Labov (1966), *The Social Stratification of English in New York City*.<sup>9</sup> Os três autores, todos eles responsáveis pela edição de antologias e de estudos linguísticos da altura, sublinham a importância da transdisciplinaridade, do alargamento dos horizontes da linguística, promovendo a psicolinguística, a sociolinguística, a antropolinguística ou etnolinguística, etc - novas disciplinas que possibilitaram perspectivas mais abrangentes e situadas da comunicação humana. Tal como diz Hymes:

There is nothing that the sociology of language needs at the present time as much as it needs work and workers with sensitivity and sympathy for the contributions of "the other field". (Hymes, 1968: 6)

Não só este conselho foi seguido pela comunidade científica da área como, inevitavelmente, a panóplia de campos com que é possível colaborar foi alargando. É também nesse espírito que escrevemos essa dissertação e é por acreditarmos na importância dessa diretriz que tentamos incluir autores de várias áreas, mesmo que não imediatamente associadas à Sociolinguística - cremos que as suas contribuições enriqueceram o nosso trabalho e informaram indispensavelmente o que nos propomos testar na secção prática.

Hymes, o autor que propõe o acrescento da *competência de comunicação* à *competência linguística*, informado pelos seus pares, propõe que a competência dos falantes tem de incluir a capacidade de adequação de um código ao seu contexto, bem como a aptidão do interlocutor para interpretar não só a mensagem transmitida, mas também a significância do código utilizado:

With regard to participants, differential competence and performance are salient concerns of Bernstein's analysis of elaborated and restricted codes. Gumperz' concept of verbal repertoire also singles out a participant's capabilities in relation to the code component. Albert and Frake touch upon the subject with regard to special forms of usage. Code-switching, ability to translate, range of dialects or levels or socially advantageous routines at command, are familiar examples. (1964:21)

---

<sup>9</sup> Tal como já referimos acima na nota 2, identificamos estes títulos por extenso devido à importância que tiveram na génese, e posterior evolução da área.

Adicionalmente, o autor chama a atenção para o caráter indispensável de um estudo etnográfico para complementar qualquer análise linguística, reconhecendo o campo desigual em que os falantes de uma língua se encontram, e a influência que isso tem nas suas estratégias comunicativas (pense-se a maior permeabilidade linguística feminina, em comparação com a masculina<sup>10</sup>, as tendências vanguardistas dos jovens, a bagagem gramatical e os hábitos linguísticos dos migrantes, etc). Podemos dizer que Hymes deu uma contribuição-chave para a metodologia científica daí para a frente, tal como podemos ler nas palavras do autor:

It can indeed be argued that the notions of such a theory are foundational to linguistics proper (see Hymes 1964b, where the theory is called "(ethno)linguistic"). The fundamental problem - to discover and explicate the competence that enables members of a community to conduct and interpret speech - cuts deeper than any schema any of us have so far developed. (Hymes, 1972:52)

Da mesma maneira, Hymes avança já o contexto (nível de formalidade), o tipo de situação (espontaneidade, tom, disposição), a natureza dos participantes (género, idade, estatuto), a própria progressão do discurso (mudança de tópico, *background*) e as convenções sociais em vigor (o código esperado, os valores e ideias partilhados ou contestados), como fatores influentes na escolha de um código e na interpretação do mesmo. Como consequência considera também o desejo de aproximação ou de distanciamento como um motivo para a escolha de código (Hymes, 1964).

Labov, por sua vez, define, pioneiramente, o conceito de *comunidade linguística* como um grupo de indivíduos que, independentemente de outras características sociais que tenham ou não em comum, falam da mesma maneira e partilham as mesmas interpretações do valor social de um código. Estabelece também as bases para o que viria a ser a macrolinguística<sup>11</sup> e uma metodologia de estudo que compara as práticas discursivas dos falantes de acordo com o seu género, idade, etnia, classe socioeconómica, etc:

---

<sup>10</sup> Cf. por exemplo Milroy & Milroy (1985), Myers-Scotton (1993).

<sup>11</sup> Cf. nota 4.

This result is typical of many other empirical findings which confirm the view of New York City as a single speech community, united by a uniform evaluation of linguistic features, yet diversified by increasing stratification in objective performance (...) A great deal of evidence shows that lower middle class speakers have the greatest tendency towards linguistic insecurity, and therefore tend to adopt, even in middle age, the prestige forms used by the youngest members of the highest ranking class. This linguistic insecurity is shown by the very wide range of stylistic variation used by lower middle class speakers; by their great fluctuation within a given stylistic context; by their conscious striving for correctness; and by their strongly negative attitudes towards their native speech pattern (Labov, 1968:248)

Fishman (1965, 1972), por seu lado, está particularmente interessado na noção de *domínio*, isto é, o cenário, o tipo de rede a que o falante e o interlocutor pertencem, e o tópico da conversa em que estão envolvidos, bem como a maneira como estes fatores influenciam a escolha de código por parte do falante. Schmidt-Rohr (1963), que muito influencia a proposta de Fishman, elenca domínios como: a família, o recreio e a rua, a escola, a igreja, a literatura, a imprensa, o exército, os tribunais e a administração governamental; Já Barker (1947) considerava que um número mais restrito de domínios seria suficiente, nomeando: o íntimo, o familiar, o formal (dando como exemplo cerimónias religiosas) e o intergrupo (isto é, atividades económicas, recreativas ou interações com autoridades governamentais); Greenfield (1968), propõe um conjunto diferente, a saber: família, amizade (*códigos-nós*, para interlocutores de um círculo mais íntimo), religião, educação e trabalho (*códigos-eles*, para interlocutores de um círculo mais alargado). Queremos com este elenco exemplificar que, dependendo do autor, a lista de *domínios* muda, mas não a sua definição. Diz-nos, pois, Fishman (1972: 437) que o *domínio* corresponde a escolhas linguísticas dos falantes de acordo com critérios situacionais:

Proper' usage dictates that only one of the theoretically co-available languages or varieties will be chosen by particular classes of interlocutors on particular kinds of occasions to discuss particular kinds of topics.

O código usado está, portanto, dependente de macroestruturas contra as quais se destacar (a família, o trabalho, a religião, etc), isto é, o seu significado depende do contraste entre o que é esperado, o que é norma, e a escolha linguística do falante. Como o autor exemplifica, se em todas as interações professores-alunos nas aulas, nos corredores, nos laboratórios, no ensino básico, secundário e nas universidades, figurar o mesmo código é inferível que o ensino será um *domínio*. Esta perspectiva é fortemente marcada por um determinismo linguístico, contrariado nos artigos de Labov e Hymes, os quais reconhecem a importância da criatividade dos falantes na escolha de códigos. São os três autores, Hymes, Labov e Fishman, contudo, àquela altura, ainda muito vagos sobre as razões por que os falantes alternam de código e o que ganham com isso – questão a que Blom e Gumperz (1972), como mostramos no resumo feito acima, respondem frontalmente pela primeira vez.

Este é o “núcleo duro” dos autores que primeiro geram as discussões sobre CS: alarga-se a ideia de *competência linguística* para incluir a seleção e interpretação de um código de acordo com diferentes fatores situacionais; define-se *comunidade linguística* como grupo de pessoas que partilha dessa interpretação; frisa-se a necessidade de complementar estudos com análises etnográficas, lançando-se as primeiras sugestões de fatores que potenciam a escolha de diferentes variedades, a par das bases para a macrolinguística, isto é, uma visão do estudo da linguagem que contemple as relações sociais entre os sujeitos, as hierarquias em vigor, o poder vigente, a cultura, etc, e não apenas uma análise estrita de aspetos sintáticos, semânticos e fonológicos.

Posteriormente os estudos sobre CS podem ser divididos em quatro momentos, tal como propõem Hall e Niley (2015), perspectiva com a qual concordamos. Sugerem os autores o seguinte:

the theorization of code-switching has been importantly reliant on the theorization of identity, with both transformed through escalating contact set into motion by globalization. (...) [os falantes] will perceive their dialect as constituting local identity only if they become aware that they speak differently from a social group elsewhere (Hall e Niley, 2015: 598)

O primeiro momento, ao longo dos anos 60's e 70's, vê o CS como uma estratégia de identificação dos membros internos ou externos à comunidade (linguística), isto é, pensa-se ainda apenas em dois códigos, um *nós* e um *eles*, um para os membros da comunidade e outro para os que são de fora. Aposta-se fortemente em estudos etnográficos e é uma época marcado pelas pesquisas de Labov, Fishman e Gumperz bem como pela *Speech accommodation theory* de Giles e Powesland (1975).

O segundo momento, essencialmente durante os anos 80, é definido pelos trabalhos de Gal (1979, 1988), Woolard (1987, 1989), e Heller (1988) e estuda as práticas linguísticas na sua relação com o poder e a economia política. Reflete, sobretudo, sobre a ideia de estado-nação, identidades nacionais e nacionalismo, e o papel que a *standardização* e a oficialização de uma língua nacional têm nesse processo. Considera, ademais, a hierarquização das variedades de uma língua, dentro da sua cultura, e os fatores que contribuem para essa classificação, focando-se sobretudo nas práticas linguísticas das comunidades marginalizadas e desprestigiadas.

Com o terceiro momento, surge a proposta de uma identidade que pode ser múltipla, multiétnica, multicultural, e que encara o CS como uma ferramenta de comunidades urbanas marginais e de performance dessa mesma pluralidade. Para isto, contribuem os trabalhos de Myers-Scotton (1993, 1998), Crystal (1997), Hoffman (1991), Auer (1999) e Rampton (1995) na década de 90. Com o novo milénio e a globalização, a identidade é entendida como um conceito fluido e híbrido, em mutação, fruto do contacto constante entre culturas; para isto são fulcrais as perspetivas de Jacquemet (2005), Maher (2005), Spring (2007), Canagarajah (2007), bem como Otsuji e Pennycook (2010).

### **1.3 Codeswitching: nomenclatura e tipologias**

A respeito do fenómeno de CS a literatura contempla classificações e nomenclatura diversificada: Gumperz (1977, 1982) divide o CS em *situacional* e *metafórico*; Myers-Scotton (1993, 1998), em *marcado* e *não marcado* - leia-se inesperado e esperado; Poplack (1980), em *emblemático* - isto é, materializado em



perguntas *tag*, interjeições, expressões idiomáticas – e *intra e interfrásico* – formulando aqui uma divisão das formas de CS a nível sintático<sup>12</sup>.

Quanto às funções que o CS pode servir, a lista é extensa: Gumperz (1982) refere o seu uso com o propósito de fazer citações, adaptações ao interlocutor, repetições, interjeições, comentários pessoais e elaboração de um tópico lançado; Kachru (1989) e Kamwangamalu (1989), pensando na relação entre CS e o processo de modernização, avançam com funções como a expressão de ocidentalização, eficiência e profissionalismo, na esperança de progressão social; Hoffman (1991) menciona a atenuação ou intensificação de pedidos, a deficiência linguística no código em uso, a marcação de empatia e de identidade coletiva; Myers-Scotton (1993), tendo por base o seu trabalho nas comunidades multilingues da África Oriental, invoca a expressão de solidariedade ou autoridade, efeitos estéticos, jogos de palavras, pedidos de clarificação ou de acomodação linguística e resposta a essas mesmas acomodações. Verifica-se, pois, uma dispersão e uma sobreposição nas propostas de funções avançadas pelos vários autores, que partem de e constroem as suas propostas sobre o trabalho dos seus antecessores. Nenhum autor questiona, por exemplo, a lista de funções de Gumperz, unanimemente aceite, antes contribuindo cada um deles com os conhecimentos recolhidos nos seus campos de estudos particulares. Sert (2005), por exemplo, particularmente focado no uso de CS na sala de aula propõe as funções de reiteração e de gestão de conflitos - quando a língua preterida é ambígua - bem como dois usos relacionados, a que chama *equivalence* e *floor holding* – ambos derivados de deficiência linguística - referindo-se o primeiro à tendência para, desconhecendo a palavra que se deseja na língua em uso, se empregar a equivalente na língua materna, e o segundo, à prática de, em vez de perder a vez, quando o falante não sabe como continuar na língua vigente, recorrer à sua língua materna, preenchendo esse vazio. Por sua vez, Reyes (2004), também centrada nas práticas linguísticas de crianças em contexto escolar, cita funções como, imitações, citações, ênfase, insistência, clarificação, persuasão, mudanças de tópico, adaptação ao interlocutor, seja para o incluir/excluir ou seguir o seu mote, bem como expressão de incerteza ou dúvida,

---

<sup>12</sup> CS ao nível interno da palavra foi um fenómeno também estudado por outros autores, para além de Poplack (1980), porém, esta é uma perspetiva sintaticista, que não nos interessa tanto para o escopo deste trabalho.

provando que o recurso a CS serve sensivelmente as mesmas funções independentemente da faixa etária.

Resumindo, dependendo do autor, as subclasses em que dividimos os fenómenos de CS (metafórico/situacional, marcado/não marcado, emblemático/interfrásico/intrafrásico, etc), assim como as funções que desempenha (focadas nos participantes, na situação, na mensagem ou no objetivo da interação) variam. Contudo, ao invés de se oporem, estas várias contribuições partem de e constroem sobre o trabalho desenvolvido pelos seus antecessores, que vai sendo enriquecido pelas áreas de especialização de cada novo estudo. É este mesmo legado que intendemos seguir no nosso trabalho.

#### **1.4 Codeswitching e juízos de valor**

Apesar de ser uma marca intrínseca ao multilinguismo, ainda hoje o CS não é abrangentemente percecionado de forma positiva. Citamos sobre o assunto Dewaele e Wei (2013), que fazem uma análise dos estudos sobre CS desde os anos 80s até 2013, assinalando como, mesmo dentro de comunidades bilingues, permanece o preconceito contra um uso híbrido e fluido dos vários códigos:

Chana and Romaine (1984), for example, reported negative attitudes toward CS among Punjabi-English bilinguals in Birmingham, in spite of their almost exclusively using a CS mode. Experimental studies of attitudes towards CS using matched guise techniques largely confirm the negative findings from questionnaires and interviews. Bentahila (1983) found that the majority of the 109 Arabic-French bilinguals in Morocco who took part in the experiment reacted negatively to the CS guise, and their attitudes ranged from pity to disgust. Lawson and Sachdev's (2000) own study of 169 Tunisians found CS to be rated the lowest of all the guises. A similar pattern was uncovered by Berthele (2012) who investigated the influence of different ethnically marked names (Serbian) and code-switches on Swiss teachers' evaluations of pupils' oral proficiency in French as a foreign language. Without CS, texts with a Balkan

name were perceived as being superior, but with CS this superiority was lost and the samples got significantly lower assessment scores. (...) Significantly more studies of attitudes towards CS exist in educational contexts and in child language acquisition. Again the majority of the studies point to negativity (Martin-Jones 2000 e De Houwer 2009). But this needs to be interpreted against a background of behavioural norms in these contexts which are in turned driven by linguistic ideology. (Dewaele e Wei, 2013: 3)

Os mesmos autores que vieram a contribuir largamente para o avanço do campo de trabalho sobre CS duvidaram, em tempos, da qualificação do fenómeno como objeto científico - «[sobre CS] no one has been able to show that such rapid alternation is governed by any systematic rules or constraints and we must therefore describe it as the irregular mixture of two distinct systems» (Labov, 1971: 457). Todos estes preconceitos face ao CS enquanto tema de estudo sério foram já largamente ultrapassados por ampla investigação no domínio ao longo dos anos.

No que toca à perceção dos falantes, os autores que a seguir citamos obtiveram resultados diversos com os seus estudos: Gardner-Chloros, McEntee-Atalianis e Finnis (2005), por exemplo, estipulam que são os informantes menos escolarizados quem demonstra a atitude mais positiva em relação ao CS, enquanto os universitários reagem mais negativamente. Da mesma forma, informantes mais novos consideram o CS mais útil do que informantes mais velhos, e falantes da diáspora expressam-se mais positivamente sobre o fenómeno do que os nativos. Pena (2004) estuda diferentes gerações de galegos no Reino Unido, mostrando quão negativa é a opinião da primeira geração, chegada ao país nos anos 70, face ao CS, evitando usá-lo com os filhos, acreditando que perpetua a impressão de mau domínio da língua. A segunda geração apresenta opiniões semelhantes, mas participa ativamente em CS, sendo que 10% dos entrevistados no estudo de Pena expressaram uma atitude positiva, acreditando ser o CS um fator diferenciador. Foi ainda notada uma maior tendência para CS ao longo da estadia dos imigrantes no país estrangeiro, por uma questão de nostalgia e orgulho nacional. Dewaele (2010) encontra correspondência entre a perceção dos falantes da sua competência numa L2 ou L3 e a admissão do uso de CS, sugerindo que se trata de uma característica de falantes que se sentem confiantes na sua L2 ou L3. Dewaele e Wei

(2013b) notam também uma maior frequência de admissão de CS em mulheres, sujeitos extrovertidos e informantes com empatia cognitiva elevada, reforçando as descobertas de Gardner-Chloros, McEntee-Atalianis e Finnis (2005) sobre a relação entre níveis de educação e percepção de CS:

A look at the means per age group shows that those in their forties scored highest with those in their thirties, fifties and sixties scoring at similar levels on attitudes towards CS (...) A curvilinear relationship appeared: participants with lower levels of education had more positive attitudes towards CS, holders of BAs had the least favourable attitudes and participants with MAs and PhDs expressed the most positive attitudes towards CS. (Dewaele e Wei, 2013b: 14)

Em resumo, a percepção dos interlocutores sobre o uso de CS depende do seu gênero, do seu nível de educação, da longevidade da sua relação com o país em que vivem, etc. Ainda hoje, mesmo depois de 50 anos de estudos, a opinião pública sobre alternância linguística continua a não ser unanimemente positiva. A hegemonia do monolinguismo é a maior responsável por esta receção, sendo os julgamentos muito mais positivos em países como a África do Sul, por exemplo, – que analisaremos com mais cuidado quando nos focarmos no trabalho da Professora Myers-Scotton, onde o multilinguismo é norma. Estes preconceitos não estão tampouco unicamente relacionados com línguas desprestigiadas: no caso português, que estudamos na secção prática do trabalho, a utilização de qualquer língua que não a nacional desperta renitência e desconfiança nos interlocutores, mesmo entre os mais novos, que focamos como público-alvo do nosso inquérito.

### **1.5 Codeswitching e a *Speech Accommodation Theory***

Um enquadramento que pode ajudar na desmistificação do fenómeno é a *Speech Accommodation Theory (SAT)*, primeiro sugerida por Giles e Powesland (1975), com o objetivo de sistematizar e possibilitar previsões sobre os mecanismos de convergência ou divergência em que os interlocutores incorrem quando comunicam, adotando o registo, o sotaque ou a variante do parceiro, diminuindo a distância entre

ambos e fomentando a intimidade, ou mantendo-se fiel à sua identidade, afastando os avanços do interlocutor. Segundo esta proposta, o CS serve pragmaticamente o propósito de afastar ou aproximar os falantes, divergindo de ou convergindo para um mesmo código. Herman (1961) avança a ideia de *code-loyalty* para descrever a resistência de um falante em acomodar a escolha linguística do seu interlocutor, recorrendo antes ao seu próprio código, num desafio às normas estabelecidas e ao preconceito linguístico (principalmente com falantes de normas desprestigiadas). É importante ter também em consideração o código em que é, para um falante, mais fácil expressar-se, e ser mais verdadeiro a si próprio - o que pode justificar a renitência em abdicar da L1, seja essa escolha bem ou mal interpretada pelo interlocutor. Giles e Powesland (1975) citam, a título de exemplo, a mudança de um sotaque de acordo com expectativas de ascensão social – ocorrência comum em adultos, mas consideravelmente menos frequente nos jovens:

This different evaluation by the two age groups, although admittedly to different stimuli, could perhaps be explained in terms of a more cosmopolitan social environment surrounding the older subjects. In other words, it could be argued that the social qualities of college life are now, perhaps more than ever before, such as to promote less ethnocentric and more liberal attitudes towards the characteristics of outgroups. (Giles e Powesland, 1975: 32)

Esta conclusão, a que voltaremos mais à frente, é validada por vários outros estudos como Webster, Freedman e Heist (1962), Butcher (1965) ou McIntyre e Morrison (1967). Os falantes adaptam o seu discurso, dizem-nos os autores, de acordo com o género, a idade, o estatuto social e a etnia dos seus interlocutores. É ainda defendida a ideia de *positive response matching*, para designar o comportamento do falante quando este adota o padrão discursivo do seu interlocutor, de maneira a acomodá-lo linguisticamente – comportamento convergente; e o seu inverso, *negative response matching*, quando o intendido é uma dissociação do interlocutor, ou melhor, do grupo a que o interlocutor pertence – comportamento divergente. É de notar também, a associação feita pelos autores entre convergência com um interlocutor singular e divergência com um interlocutor plural – apesar de esta não nos parecer uma regra absoluta. Os estudos de Eckert (1989) e Bucholtz (1996) que veremos na

secção 1.12, por exemplo, analisam adaptações no discurso de adolescentes de maneira a sinalizar afiliação a um determinado grupo social dentro do contexto escolar. A convergência é no sentido dos padrões discursivos não de um sujeito isolado mas de um grupo de sujeitos, que coletivamente constroem a identidade privilegiada.

Segundo a teoria das trocas de Homans (1961) a ação acomodativa pode envolver custos para o falante, em termos do esforço associado a uma mudança de identidade, daí que só seja empregue com vista a uma recompensa social, como aprovação externa e, eventualmente, um aumento de estatuto. Esta aproximação pode ainda dever-se a um desejo de ser apenas mais bem entendido. Taylor e Jaggi (1974) estabelecem que os sujeitos mantêm tendencialmente um preconceito positivo em relação aos membros do seu grupo e um preconceito negativo em relação aos estrangeiros (usando “estrangeiros” no sentido lato para referir todos aqueles que são membros externos ou estranhos ao grupo). Ou seja, uma boa ação, como a adoção da L1 do interlocutor, é resultado de boa vontade, se desempenhada por um membro interno, mas de pressão externa, se desempenhada por um membro externo. Uma má ação, como a recusa da adoção da L1 do interlocutor, é fruto de má vontade se desempenhada por um membro externo, mas de pressão externa, se desempenhada por um membro interno. Similarmente, a resistência do interlocutor à mudança de código é frequentemente interpretada como inaptidão, e não má vontade, uma vez que a segunda implicaria a desvalorização da opinião do próprio, o que seria danoso para a autoimagem do sujeito. Um desequilíbrio de poder num impasse sobre o código mais adequado a utilizar por dois interlocutores que não partilham a mesma L1 pode ainda potenciar o desenvolvimento de mal-entendidos e ser interpretado negativamente - como condescendência por exemplo, caso o elemento mais poderoso tome a iniciativa acomodativa, como os próprios autores também apontam (Taylor & Jaggi (1974) *apud* Giles & Powesland (1975: 166)).

Em resumo, a proposta da SAT concentra a utilidade do uso de CS na aproximação ou afastamento dos falantes, de acordo com a relação que os sujeitos em interação querem negociar. Toda a ação acomodativa envolve custos em que só se incorre se estiver prevista uma recompensa, seja ela a aprovação externa, o aumento de estatuto, ou uma melhor compreensão das intenções comunicativas do falante. A

predisposição do sujeito para acomodar o seu interlocutor pode ainda depender do seu estatuto, idade, género ou proficiência linguística e a receção dessa escolha depende da intimidade entre os falantes.

### **1.6 Gumperz, a importância da comunidade e do Princípio de Cooperação de Grice**

Gumperz (1982), focado no estudo próximo das comunidades, adapta o princípio Cooperativo de Grice (1975)<sup>13</sup>, reforçando como, de maneira a haver comunicação, é necessário um entendimento, por parte dos dois participantes, do propósito da conversa, e daquilo que é esperado de cada um. As respostas devem ter em consideração aquilo que o interlocutor pretende comunicar, mais até, por vezes, do que aquilo que é expressamente dito - como é o caso com atos indiretos, em que o falante evoca exemplos anteriores de situações semelhantes (*background knowledge*) para informar o melhor curso de ação a tomar. O ponto de partida é a comunidade linguística, não o falante, ou a sua competência, e é em comparação com a matriz da comunidade que o discurso tem de ser analisado. O uso da língua não contempla apenas um discurso correto e adequado, afirma Gumperz (1982:27), serve também de veículo à expressão de um conjunto de crenças, valores e posições perante a comunidade a que pertencemos e a sociedade em geral. Gumperz alude então à alternância de códigos com o propósito de selecionar ouvintes e estabelecer empatia com os elementos da “tribo” em que um dado falante se intende integrar, sugerindo a potencialidade do CS como marcador identitário e reconhecendo já, como premissa dos mais jovens, mais permeáveis, mais recetivos a influências externas, a tendência crescente para uma L2, por oposição aos seus conterrâneos mais velhos.

As várias relações que um membro de uma comunidade linguística mantém com os seus pares (*laços internos*) e com elementos de outras comunidades (*laços externos*, na nomenclatura de Milroy e Wei (1995)), contribuem para a construção da sua rede interpessoal, a partir da qual é possível estabelecer o estatuto do sujeito

---

<sup>13</sup> «Make your contribution such as is required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged» (Grice, 1975: 45).

nessa mesma comunidade. A coesão interna de uma comunidade depende diretamente da partilha de experiências e posições entre os participantes (*laços internos fortes*). Quanto mais coesa for uma comunidade, mais rígidas são as fronteiras com outras comunidades. Essa coesão, porém, pode sofrer alterações devido a pressões externas, sejam elas do foro socioeconómico, político ou de outra natureza. Redes caracterizadas por relações de longo prazo, baseadas na cooperação em tarefas conjuntas e objetivos partilhados, tendem a favorecer rotinas e convenções linguísticas - gírias particulares de um setor de trabalho, por exemplo - este é o caso no estudo de Milroy e Wei sobre a diáspora chinesa em Newcastle nos anos 90, que temos citado. Contudo, este abrange várias gerações, vendo-se obrigado a analisar as diferentes formas como estas recorrem a CS; um estudo como o de Eckert (1989), outra análise de comunidade que veremos na secção 1.12, foca uma única geração, afunilando significativamente o escopo do trabalho e permitindo uma análise mais minuciosa dos padrões discursivos a uso. A nossa dissertação, dentro dos estudos de caso de comunidades, segue mais proximamente a metodologia de Eckert do que a de Milroy e Wei, mas é inevitavelmente herdeira das suas descobertas:

Closeknit social networks consisting mainly of strong ties seem to have a particular capacity to maintain and even enforce local conventions and norms – including linguistic norms. Thus, network analysis offers a basis for understanding the social mechanisms that underlie this process of language maintenance, the converse of language shift. (Milroy & Wei, 1995:139)

Como o excerto sugere, as normas linguísticas internas a uma comunidade funcionam como *shorthand communication* e podem excluir ou incluir interlocutores numa conversa, bem como estabelecer empatia ou tornar o discurso mais eficiente, exatamente como nos diz o Princípio de Cooperação de Grice (1975).

Sapir (1921) e Bernstein (1971), que Gumperz cita no seu livro, *Discourse Strategies* (1982), ambos concordam que o discurso dentro de grupos fechados e próximos é frequentemente pautado por expressões truncadas, *stock phrases* e deíticos dependentes do contexto. A aparente agramaticalidade desta prática é explicada pela Lei da Economia na comunicação - todos os interlocutores participantes



na conversa partilham *background knowledge* suficiente para poderem ser (aparentemente) lacónicos e agilizar a conversa:

A number of scholars have noted that the speech of closed network groups is marked by an unusually large number of truncated, idiomatic stock phrases and context bound deictic expressions (Sapir 1921, Bernstein 1971). (...) exclusive interaction with individuals of similar background leads to reliance on unverballed and context bound presuppositions in communication, and that the formulaic nature of closed network group talk reflects this fact. When these presuppositions are shared this speeds up communication. (Gumperz, 1982: 71)

É, ainda assim, expectável um certo *bias* por parte de análises superficiais que interpretam este comportamento, particularmente em comunidades bilingues de imigrantes, como pouco escolarizado e abaixo da média. Em comunidades abertas, a comunicação é marcada por uma diversidade de normas, atitudes e convenções. A eficácia da comunicação depende, aí, da consciência das diferenças nos processos interpretativos de todos os participantes. A própria capacidade de incorrer em CS eficientemente, não alienando interlocutores, e respeitando as suas convenções comunicativas, é já um fator diferenciador entre aqueles que dominam a prática e os que não a dominam. Em sociedades bilingues como na África do Sul, tal como nos é apontado por Myers-Scotton (1993: 113-151), uma primeira fase na comunicação entre dois desconhecidos é marcada por CS exploratório, típico de comunidades abertas, seguido, potencialmente, de CS como escolha não marcada, típico de comunidades fechadas – hipótese que abordaremos mais à frente.

Esta variedade de critérios dá lugar a uma das críticas apontadas à teoria das variáveis independentes externas de Labov (1971), autor que vimos na Introdução como pioneiro no estabelecimento de CS como área de estudos legítima, afirmando como é possível prever fatores extralinguísticos dos falantes - como classe, etnia ou educação - com base na análise linguística do seu discurso. A crítica prende-se com o facto de esta proposta não se aplicar a CS nas comunidades bilingues, cujas regras variam de comunidade para comunidade. Gumperz (1982), por outro lado, salienta como, ainda que não seja possível a um elemento externo, como um linguista, determinar a classe social ou a educação de um bilingue através do seu CS, outros

elementos bilingues dessa mesma comunidade, ou de outras comunidades, são frequentemente capazes de tirar ilações sobre os valores e crenças dos falantes, com base na forma como empregam as suas duas ou mais línguas. Gumperz afirma também que, independentemente do conteúdo proposicional, a mudança de código sugere uma mudança de perspectiva, seja ela íntima/distante ou *eu/outro* ou ainda geral/especificação: «The cues involved here [contextualization cues] are basically gradual or scalar; they do not take the form of discrete qualitative contrast. What is involved is a departure from normal in one or another direction» (idem: 132). Esta perspectiva que prevê o evoluir de uma conversa por graus, com uma série de avanços e recuos, estudando a situação, o conforto do interlocutor com um registo bilingue, aspetos potenciais de uma identidade partilhada, parece-nos ainda relevante para a comunicação jovem de hoje, mas abordaremos esta polémica na secção prática, quando falarmos da progressão no uso de CS em que os falantes incorrem aquando do conhecimento de pessoas que lhes são estranhas.

Gumperz (*ibidem*) estabelece assim como a prática de CS é influenciada pelo tipo de atividade que se desempenha, o cenário familiar/oficial em que ocorre a interação, a companhia íntima/profissional, estigmas histórico-culturais associados aos diferentes códigos, se se pretende salientar informação nova ou antiga, enfatizar ou contrastar segmentos, separar o tópico do foco, expressar a opinião do falante sobre um assunto ou narrá-lo rigorosamente, bem como diferenciar comentários objetivos e subjetivos de citações. Como nos diz depois Myers-Scotton (1993), que veremos na secção 1.7, não estando dependentes do contexto, os falantes usam o seu repertório linguístico para estabelecerem eles o contexto e a interpretação que pretendem que seja feita das suas palavras. Mudanças de *código-elas* para *código-nós* podem ser lidas, por exemplo, como passagem de um aviso para um pedido pessoal, de um comentário casual para um sentimento íntimo, de uma decisão por conveniência para uma decisão por irritação, de um facto estabelecido para uma opinião pessoal, etc. Este fenómeno é remanescente da descrição que Grice faz das suas implicaturas conversacionais, reunindo o que é dito com o que se pretende dizer, com base no Princípio da Cooperação – «Make your contribution such as is required at the stage at which it occurs by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are

engaged» (1975: 67). Todo o princípio cooperativo é, na verdade, muito útil a este estudo, ao considerarmos que as quatro máximas que nomeia – quantidade, qualidade, relevância e modo – são frequentemente violadas em contexto de CS. O exemplo dado por Gumperz (1982:91) a este respeito é a admoestação de um pai para o filho, na rua: «Keep straight. Sidha jao.»; podendo igualmente ser «Keep straight. Mantém-te direito.» devendo esta ser interpretada, na proposta do autor, como «Tendo-me apercebido que não ouviste o que eu disse ou que me estás a ignorar vou dizê-lo outra vez para que me oiças ou não possas continuar a fingir que não me ouves, uma vez que sou teu pai e o que eu digo é para cumprires». Esta situação acontece, apesar de violar as máximas de quantidade e modo, ou, precisamente, *por* violar essas máximas ao repetir-se e transitar de um *código-eles*, de rua, para um *código-nós*, de casa. Uma evolução de Fishman para Gumperz é a concessão do último de que, apesar de certos códigos se associarem a cenários como casa, trabalho, igreja, estes podem, não obstante, ser usados fora destes cenários, precisamente para evocar os sentimentos e dinâmicas relacionais associadas aos mesmos, como vimos com o caso do pai e do filho.

### **1.7 Auer e a análise sequencial; Myers-Scotton e o *Markedness model***

Auer (1995, 1998, 1999) interessa-nos, acima de tudo, como ponto de partida de Myers-Scotton (1993, 1998), consolidando a importância do estudo de CS integrado na sequência do texto e questionando a influência do tópico, do local e dos valores indexados por uma língua na interpretação do seu uso:

While the preceding verbal activities provide the contextual frame for a current utterance, the following utterance by a next participant reflects his or her interpretation of that preceding utterance. Therefore, following utterances are important cues for the analyst and for the first speaker as to if and how a first utterance has been understood. (...) From this perspective, the question is not what verbal activities are associated with one language or the other, but instead: in which activities do bilinguals tend to switch from one language into the other. (Auer, 1995: 119-120)

Podemos inclusive pensar esta proposta como uma continuação da última ideia que vimos com Gumperz (1982:132) na secção anterior. A sucessão de patamares que o primeiro autor propõe, e que caracterizam a progressão natural de uma conversa, poderão ser, à luz desta citação, na ótica de Auer, pares pergunta-resposta, dependente dos quais está o avanço numa ou noutra direção. Só fazendo uma análise sequencial das escolhas dos falantes podemos entender as estratégias de reorientação linguística – por que é que o falante foca um dado tópico, o local onde a conversa ocorre, a relação com o(s) interlocutor(es) ou os valores indexados pela(s) língua(s), ao invés de focar outros fatores, decorre diretamente das estratégias tentadas anteriormente e dos resultados obtidos.

Na visão de Auer, o CS é, acima de tudo, uma pista de contextualização, tal como a entoação ou o tom. São provas disso o estudo de Gal (1988) sobre o uso de Alemão por Húngaros na Áustria como marcador de autoridade, um fim definitivo para uma discussão, associado aos índices de estatuto e competência profissional que a língua alemã anexa na região; ou o estudo de Sebba e Wootton (1984) sobre os valores de apropriação ou apreciação que inglês e crioulo, usados pela diáspora jamaicana em Londres, podem anexar, dependendo da negociação entre os interlocutores.

Auer estabelece ainda diferenças claras entre CS, *language mixing* (LM) e *fused lects*, declarando um evento como CS quando a alteração de código é percebida como imbuída de significado pelos participantes; *fused lects* quando há uma estabilidade reconhecida desta alternância, tornando-se a própria alternância a língua matriz; e *language mixing*, quando nos vemos perante uma mistura de fenómenos de inserção<sup>14</sup> e alternância<sup>15</sup>. Estes podem ser identificados individualmente ou convergir em ocasiões (das quais o autor dá exemplos em Auer, 1999: 6 e 7). O autor assinala também a grande semelhança entre *alternation* LM e CS, justificando um uso preferencial da primeira por falantes que não se desejam comprometer com nenhuma das línguas em alternância. Um estudo mais profundo desta ambiguidade estratégica pode ser encontrado em Heller (1988) sobre o bilinguismo inglês/francês no Canadá, por exemplo. Outro motivo avançado por Auer para uma alternância diplomática

---

<sup>14</sup> Cf. definição de “empréstimo” na página 16.

<sup>15</sup> Cf. definição de “alternância” na página 16.

prende-se com a crescente globalização: desejos de falantes emigrados de se identificarem com a sua dupla nacionalidade podem estar por trás de um recurso a LM, ainda mais do que a CS. De notar que os códigos em alternância devem indexar diferentes valores aos olhos dos falantes, para que a interação possa, segundo o autor, ser vista como CS, independentemente da grande semelhança entre as duas línguas (por exemplo entre Galego/Castelhano, analisado por Auer em 1998) ou da grande diferença.

Já Myers-Scotton (1993: vii) não vê produtividade nestas distinções minuciosas e define CS como qualquer alteração de variedade linguística durante uma conversa, desde que mantendo continuidade prosódica. Na sua perspetiva, CS não é uma marca do processo de aprendizagem, antes de proficiência, sendo a realidade de muitas comunidades bilingues estáveis, longe da ilusão da marginalidade perpetrada pelo monolingüismo. Esta é também a nossa posição e é sobretudo no seu *Markedness model* que nos baseamos para pensar a comunidade jovem portuguesa.

O contexto da urbe africana, em que se centra o trabalho da autora, na década de 90, particularmente no Quénia e no Zimbabué, caracteriza-se como um sistema poliglota, com várias normas em jogo, sendo tendencialmente a língua materna usada em casa com os pais ou familiares mais velhos, destacando-se o swahili ou uma mistura de swahili/inglês para diálogo entre pares - uma vez que o inglês vigora como língua de escolarização (cf. capítulo 2 de Myers-Scotton (1993)). A originalidade do seu trabalho prende-se com a proposta do *Markedness model* (1993, 1998) a que subjaz a pressuposição de um princípio de negociação, presente em todas as interações, de onde se deduzem quatro tipos de CS: *CS como escolha marcada*, *CS como escolha não marcada*, *CS como sequência de escolhas não marcadas* e *CS exploratório*. Quando se fala em CS como sequência de escolhas não marcadas (1993: 114-116), referimo-nos normalmente a uma situação em que se vão inserindo novos falantes num diálogo em desenvolvimento, alterando-se, por consequência, o código visto como neutro. Os fatores desencadeadores são externos ao falante, mas, ainda assim, a escolha de como responder a esta mudança recai sobre o mesmo. Já CS como escolha exploratória (*idem*: 142-146) é fruto de incerteza sobre o código esperado, ou mais indicado, para a realização dos objetivos pessoais do falante, daí que se tentem vários códigos.

Aquando do uso de CS, ele próprio, como a escolha não marcada (1993: 117-130), as diferentes línguas não indexam necessariamente valores diferentes - é, como já vimos com outros autores, a alternância em si que é simbólica. Isto só acontece entre interlocutores bilingues, sensivelmente do mesmo estatuto, num registo informal, normalmente em ambientes multiculturais, sendo esperado, por norma, que os falantes avaliem positivamente todos os códigos em que alternam. Cita-se o caso do inglês, visto na cultura africana oriental como a língua da comunidade internacional, dos *media* globais, associada à mobilidade social - por tudo isto muito apelativa aos jovens - mas também como uma herança elitista e autoritária; daí a absoluta necessidade de um equilíbrio no uso que projete, simultaneamente, as identidades indexadas pelas duas línguas (inglês e o código com que se alterna)<sup>16</sup>. A manutenção de línguas indígenas com valor identitário e de uma língua ex-colonial institucionalizada promove este tipo de CS, particularmente em interações que motivem os falantes a ostentar a sua identidade múltipla:

This kind of codeswitching is typical for some interactions among peers who use shifting to signal their mutually multiple identities. Thus speakers are boosting, symbolically as it were of the range of their identities. One should not forget that in Bukavu where the largest part of the population is to be situated within the 10-25 age group, youngsters in the shanty town lack any financial or material means to procure status symbols. However status can be obtained through language use at no cost at all for that matter. (Goyvaerts e Zambele *apud* Myers-Scotton,1993:106)

Os falantes crescem com as duas línguas e alternam naturalmente, fruto da valorização de ambas as culturas que integram. Já comunidades com *high e low varieties* (*idem*: 128), ou em conflito linguístico, como Barcelona ou Bélgica (*idem*: 129), não recorrem a CS não marcado por vigorarem códigos específicos a circunstâncias que não se sobrepõem - uma das variedades é sempre a marcada:

Of even more interest are those cases where little incidence of unmarked CS is predicted (cf. Scotton 1988c). These are communities where the main

---

<sup>16</sup> Cf. a secção 2 de Myers-Scotton (1993) para uma descrição abrangente da situação linguística africana nos anos 90, incluindo exemplos do Zimbabué, do Quénia, do Senegal, da Nigéria, do Congo e do Gana.

candidates for such switching are also symbols of present intergroup competition or conflict. It is expected that communities will not divide sharply, but will rather fall along a continuum in terms of the incidence of unmarked CS (*idem*: 128)

A título de exemplo, se um catalão usar castelhano numa conversa informal, a percepção dos seus interlocutores não é a de uma escolha casual por parte de um sujeito que valoriza as duas matrizes culturais em que se insere, como acontece nos casos de CS não marcados referidos por Myers-Scotton, a percepção é a de que o sujeito está a exprimir aliança política e cultural fortemente marcada. Desta maneira, a autora conclui que é possível extrapolar que a frequência de CS não marcado funciona como indicador da polarização ou união de uma determinada sociedade.

Enquanto escolha marcada (Myers-Scotton, 1993: 131-142), o CS é uma refutação do paradigma de deveres e direitos em vigor, bem como das pressuposições que um recetor possa ter formado, com base em normas sociais, sobre o sujeito. O código marcado promove o estabelecimento de uma nova relação que beneficie mais o falante. Pode ser motivada, por exemplo, por uma renegociação da distância entre os interlocutores, seja para a reforçar ou diminuir – ainda que nem sempre produza os resultados desejados. Milroy e Gordon (2003) propõem que, se um interlocutor não responder no novo código estabelecido pelo sujeito, pode criar-se hostilidade, interpretada como uma recusa da tentativa de cortesia do primeiro. Myers-Scotton acrescenta que, devido ao contexto social africano, é frequente membros de uma mesma cultura, i.e., falantes de uma mesma língua, ajudarem-se uns aos outros na metrópole – daí a vantagem de manter a etnicidade saliente. Contudo, membros de outros grupos insurgem-se contra as relações preferenciais que este tendencialismo gera, levando a um novo cuidado em evitar demonstrações abertas de etnicidade, como seja o uso da língua materna num contexto multiétnico (1993: 135-136). Sabendo que se trata de um código desconhecido por outros membros, estar-se-ia perante uma exclusão intencional, o que inevitavelmente criaria atrito entre os participantes - daí que a língua “pública” seja etnicamente neutra.

Uma mudança de código traz consigo, inevitavelmente, uma mudança de direitos e obrigações, ou seja, de paradigma comunicativo, logo, quando o falante

aceita e segue a mudança de código do interlocutor está também a aceitar a mudança de paradigma de direitos e obrigações vigente na interação socioverbal. Destaca-se uma tendência nos falantes na referida comunidade sul-africana, para recorrerem primordialmente à escolha não marcada, isto é, inglês ou swahili, dependendo do contexto, uma vez que acumula o menor risco. Esta escolha parte do falante e não da situação. Contudo, uma mudança de código pode ser motivada pela introdução de um novo interlocutor ou de um tom diferente no diálogo. Em relação a outras motivações, Myers-Scotton refere-se não tanto a uma mudança de acordo com o tópico, como propõem outros autores, mas mais de acordo com a imagem que se quer passar em relação ao tópico: inglês, como L2, pode transmitir distanciamento ou vergonha, alternativamente autoridade ou poder, enquanto swahili, como L1, convida à proximidade. A autora salvaguarda crer serem estas escolhas frequentemente inconscientes (Myers-Scotton, 1993: 122). Poplack, Sankoff e Miller (1988:98) subscrevem esta posição, notando que a interpretação dos diferentes tipos de CS é definida a nível comunitário e não individual - «it must be a community mode in order to gain any real currency. An individual's personal ability is operative but it is mediated by the norms of his speech community».

### 1.8 As perspetivas sociológicas e antropológicas de Bourdieu e Gal

Apesar de sociólogo de formação, Bourdieu fornece um importante contributo ao estudo linguístico introduzindo os conceitos de *habitus*<sup>17</sup> e *capital linguístico*<sup>18</sup>. Na

---

<sup>17</sup> O *Dictionary of Media and Communication* define da seguinte forma o conceito de “habitus”: « A set of norms and expectations unconsciously acquired by individuals through experience and socialization as embodied dispositions, ‘internalized as second nature’ (Bourdieu), predisposing us to act improvisationally in certain ways within the constraints of particular social fields. The concept of the habitus was proposed by Bourdieu as an integral part of behaviour reflected in a ‘way of being’: including ways of seeing, moving, talking, and so on. It functions to mediate between individual subjectivity and the social structures of relations.» - habitus. (2011). In *Dictionary of Media and Communication*. Oxford University Press.

<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095914456>

<sup>18</sup> O *Dictionary of Sociology* define da seguinte forma o conceito de “capital cultural” « A term introduced by Pierre Bourdieu to refer to the symbols, ideas, tastes, and preferences that can be strategically used as resources in social action. He sees this cultural capital as a ‘habitus’, an embodied socialized tendency or disposition to act, think, or feel in a particular way. By analogy with economic capital, such resources can be invested and accumulated and can be converted into other forms. Thus, middle-class parents are able to endow their children with the linguistic and cultural competences that



sua obra (1977) ataca a ideia de «automatic production of speech», defendendo que a língua nunca é automática, mas sempre escolhida com propósito. O *capital linguístico* é assim a capacidade de expressão adequada a cada circunstância, conforme a estratégia do falante. O caráter inovador deste uso é sempre construído pelos falantes no momento, aliás é essa, como nos lembra Bourdieu, a natureza do signo – existe apenas no discurso e só aí ganha significado. O autor analisa também a língua enquanto objeto de poder, afirmando que falamos para que sejamos ouvidos, obedecidos, respeitados e reconhecidos (1977: 648). Capital é também a forma de nos fazermos ouvir. Nota então que a noção de competência de Chomsky pressupõe à partida que dois sujeitos (no mínimo) estejam dispostos a falar um com o outro e a ser ouvidos – o que nem sempre é o caso («Chomsky’s notion of competence is an abstraction that does not include the competence that enables the adequate use of competence (when to speak, keep silent, speak in this or that style, etc.)», idem: 646)). As ferramentas que usamos para lidar com essa questão integram adicionalmente o nosso *capital de autoridade*. Nas palavras do sociólogo:

Linguistics reduces to an intellectual encoding-decoding operation what is in fact a symbolic power relation, that is an encoding-decoding relation founded on an authority-belief relation (...) The science of discourse has to take account of the conditions for the establishment of communication because the anticipated conditions of reception are part of the conditions of production. (idem: 649)

A produção está, pois, dependente da relação entre a competência do falante e o mercado, neste caso pensado como o conjunto das relações de poder geradas por outras formas de poder, veiculadas linguisticamente. Por todos estes motivos, o autor é a favor de uma análise transtematática do fenómeno de alternância linguística. É

---

will give them a greater likelihood of success at school and at university. » - cultural capital. (2015). In *Dictionary of Sociology*. Oxford University Press.  
<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095652799>

Recorremos às definições dos dicionários temáticos da Universidade de Oxford, em detrimento de definições plasmadas diretamente do autor, uma vez que os dicionários nos permitem uma visão mais completa dos conceitos que Bourdieu foi construindo e enriquecendo ao longo das suas obras sobre a matéria.

necessário conhecer a dinâmica de poderes dentro do grupo a que o falante pertence para se compreender as suas motivações e efeitos. Assumir uma língua é assumir o mercado que a acolhe, i.e., «all the social conditions of the production and reproduction of producers and consumers.» (*idem*: 651), e o controlo desse mercado, uma vez que nenhuma língua tem valor intrínseco. Desta forma, compreende-se como o controlo do sistema educativo é controlo sobre a produção de produtores e consumidores, leia-se, do mercado, e da determinação do capital. O poder de uma língua reflete-se no poder dos seus falantes/produtores. Tudo isto se passa ao nível da comunidade linguística, onde se estabelece uma hierarquia e um padrão contra o qual o *valor* de tudo o resto é medido. O prestígio está sempre sujeito a mudança e não restrito na sua origem. O sujeito social e a sua posição são igualmente importantes na avaliação do significado de um excerto – por exemplo, quando um elemento da classe dominante afeta um registo menos cuidado para ganhar pontos numa interação social e tentar uma aproximação às classes governadas. O capital pertence assim ao grupo que consegue convencer o resto do sistema da superioridade hegemónica da sua variedade – é este o único critério, segundo Bourdieu. Um falante não escolhe a sua estratégia comunicativa com base na probabilidade média da sua proposição gerar recompensa social, antes tem em conta a sua posição e características. Nunca podemos separar o falante da sua mensagem. Estas probabilidades estão, pois, em constante atualização, de acordo com o carácter dinâmico do *habitus*. O nível de aceitabilidade de uma proposição não depende estritamente da situação, mas antes da relação entre a situação e o *habitus* - «which is itself the product of the whole history of its relationship with a particular system of selective reinforcements» (*idem*: 656), ou seja, o sistema de convenções e expectativas em vigor para aquele momento e as experiências do sujeito com o mesmo.

Gal (1988) surge-nos no seguimento de Bourdieu, tomando várias das suas ideias e explorando-as. Critica, acima de tudo, a tendência, prevalente à época, de reduzir toda a dinâmica de *switching* a *we-code vs they-code*, dependentes das relações interpessoais, identidade étnica ou intenção conversacional dos intervenientes. Cita como exemplo da restritividade desta proposta a pesquisa de Irvine (1985) que ilustra como as formas linguísticas que servem/deviam servir para

distinguir estatuto (honoríficos) são as mesmas usadas para efeitos cómico/estilísticos, quando se intende questionar ou relativizar o estatuto que o interlocutor assume para si próprio, percebido pelo sujeito como exagerado, problematizando assim a separação estanque dos códigos<sup>19</sup>.

Gal entende a alternância entre línguas, e é sobretudo isto que diferencia a sua pesquisa da de autores contemporâneos, não só como uma ferramenta na manutenção/reforma dos limites do *tu/eu* mas também como elemento central na construção do *eu/outro* a nível político, económico e histórico. Não é questionado que o CS funcione como estratégia conversacional para manter ou alterar relações e definições do próprio e do outro; a originalidade da autora é a perspectiva antropológica que traz para a cena, notando a envolvimento inevitável de comunidades concorrentes pelos mesmos recursos, marcadas pelas suas fronteiras étnicas. O uso de CS como gestor de interações pode ser categorizado em tipologias, donde se extraem universais; o CS como veículo para a expressão de diferentes posições sociopolíticas, segundo a autora, não. Propõe-se então que a evolução na interpretação de CS, que tende a ser localmente convencional, é um efeito de alterações nas dinâmicas sociopolíticas mais abrangentes. A etnia, por exemplo, é uma forma de organização social independente de classe, e como tal, um mesmo grupo étnico pode manter várias relações diferentes com o sistema político e económico em vigor. Essa mesma variedade de relações, bem como a relação que o sujeito possa ter com outros grupos étnicos, são influenciadoras dos padrões de uso de CS. Assim, apesar de ser uma forma de resistência à hegemonia da língua nacional, nem sempre esta resistência é idêntica à de outras classes exploradas.

Por isto se defende a absoluta necessidade de um estudo transtematizado: o CS é uma prática de comunidades bilingues, que, por norma, ainda que não sempre, associam diferentes valores às suas línguas. Uma análise que não investigue as relações sociopolíticas históricas das suas culturas falha, na medida em que separa a língua dos seus falantes - «[CS] usually involves the use of a state supported and

---

<sup>19</sup> Nem Gal nem Irvine dão exemplos deste uso cómico de honoríficos, mas é fácil imaginarmos o equivalente em português – algo como «Vossa Excelência deseja mais alguma coisa?» ou «Há algo mais em que possa servi-lo?» dirigido a um interlocutor de igual ou inferior estatuto, uma criança mesmo, que se pretende chamar à atenção, quando esta se esquece, por exemplo, de retribuir os rituais de delicadeza.

powerfully legitimated language in opposition to a stigmatized minority language that has considerably less institutional support» (Gal, 1988: 247) A teoria cultural neo-marxista, em que Gal enquadra o seu trabalho, define a consciência como a maneira como os falantes respondem às relações hierárquicas dentro do estado e entendem a sua posição e identidade no contexto de um sistema capitalista, baseado em interdependência e desenvolvimento desigual. Não chega uma análise linguística conversacional, é preciso considerar a etnografia e a história envolvidas. Williams (1973) afirma o seguinte sobre a realidade que define como *cultura alternativa*:

These are the results of earlier social formations, in which certain real meanings or values were generated. In the subsequent default of a particular phase of a dominant culture, there is the reaching back to those meanings and values which were created in real societies in the past, and which still seem to have some significance because they represent areas of human experience, aspiration and achievement, which the dominant culture under-values or opposes, or even cannot recognize. (*idem*: 42)

Também a noção de *domínio simbólico* de Bourdieu se refere à imposição da hegemonia de uma língua através da sua determinação como língua de ensino obrigatório, mesmo àqueles que nunca chegam a dominá-la completamente, como tende a ser exemplo a minoria bilingue. A língua vernacular permanece, como afirma a autora, pela solidariedade que indexa, em resistência ao regime de prestígio e mobilidade individual que vigora: «the values that code-switching indexes are the result of specific forces that are both historical and local.» (Gal 1988: 254). Esta é, aliás, a vantagem que o trabalho de Gal tem sobre Bourdieu, criticado especificamente por reconhecer a importância do poder mas desvalorizar a solidariedade em comunidades locais como influenciadora na escolha de código (cf. Mesthrie, Swann, Deumert e Leap, 2000). A hegemonia permite, assim, uma cultura alternativa até esta se mostrar opositiva. E daí advém a receção não só negativa mas ativamente combativa do poder hegemónico monolíngue estabelecido ao CS identitários das comunidades minoritárias. A cultura local vai ganhando prestígio dentro da globalização ao longo do novo milénio, como será apontado por Canagarajah (2007) na secção 1.11, e é até incentivada pelo sistema capitalista regente; contudo, apenas enquanto este puder ser

explorado e monetarizado. Quando se apresenta como uma cultura com potencial de substituição, a narrativa inverte-se, apelando à necessidade de união nacional e à defesa da identidade pré-estabelecida. A minoria é, então, uma ameaça empolada a toda a cultura majoritária.

É de notar ainda o uso que Gal faz das noções de *centro* e *periferia* para designar o percurso de concentração do capital, deixando certas regiões privilegiadas, económica e linguisticamente, e outras empobrecidas - ligando diretamente os períodos de êxodo e urbanização com o estabelecimento de comunidades como minoritárias. Poplack (1980), por exemplo, refere-se aos padrões de CS dos Porto-Riquenhos em Nova Iorque como emblemáticos da sua identidade, misturando já tão intensamente os dois códigos que se torna difícil identificar a língua matriz, mas nem por isso as trocas perdem significado. CS é, na definição da autora, «reality available and revealing sources of information about the implicit self-perceptions and unspoken evaluations of the ethnic “other” that make up consciousness» (Gal, 1988: 259).

Perspetivas extralinguísticas, como as que nos são apresentadas por Bourdieu e Gal, contribuem para o enriquecimento dos estudos sobre CS, oferecendo novas pistas de reflexão. O foco do sociólogo nas dinâmicas de poder inerentes à escolha de um código e o significado prático da mesma para o capital social do sujeito, ou a análise do valor da língua vernacular e das comunidades marginais, são tão importantes para a compreensão destas interações como as propostas basilares de Gumperz ou Fishman. Só num estudo transtématico do fenómeno é possível reunir todos os fatores em interação quando se analisa um fenómeno como o do CS.

### **1.9 O inglês global e as suas conotações**

Com Hoffman (1991), reajustamos o foco para o inglês como L2 global e os fatores que contribuíram para a sua adoção internacional. Diz-nos o autor:

International cooperation and communication needs have brought about the advancement of certain languages, especially English. In many countries, foreign-language teaching in schools and in higher education has contributed to

producing many people with some kind of bilingual skills. (...) Such endeavours tend to lead to individual rather than societal bilingualism, but they can also give rise to sort of temporarily bilingual group, as happens, for example, when scientist from different countries come together for an international meeting and agree on the use of a common conference language (1991: 163)

A adoção do inglês como língua franca é também mencionada por Canagarajah (2007), que reconhece o papel do inglês como língua de cultura e de ciência, e estuda, em específico, práticas de CS dentro da comunidade científica global. O autor cita o princípio de *let it pass*, cunhado por Firth (1996), que parte do reconhecimento de todos os participantes na interação como não nativos e ativa práticas mais flexíveis de forma a facilitar a comunicação – a segmentação de enunciados em frases mais pequenas e a regularização do foco da informação para o início, por exemplo. Como resultado, a língua obtida é, nas palavras de Seidlhofer (2004), «overtly consensus oriented, cooperative and mutually supportive, and thus fairly robust» (*idem*: 218). Os falantes estão, por isso, mais abertos a variações no discurso, chegando mesmo a adotar “desvios” como norma. Isto vai ao encontro da definição da comunicação como performativa, não só como foi definida por Austin (1962), ativamente alterando a realidade a partir de enunciados, mas como é atualizada pelo novo milénio, associada à ideia de identidade, recusando a inerência e construindo o *eu* a partir de ações e comportamentos, avaliados à luz dos paradigmas vigentes (exploraremos esta proposta quando revirmos na secção 1.12, mais adiante, o trabalho de Eckert (1989)).

Na secção introdutória do seu capítulo sobre linguagem e nacionalismo, Hoffman refere o conceito de “etnicidade” como elusivo e de difícil definição, citando as tentativas de vários outros autores, referindo como muitos equacionam o “nacionalismo” como uma extensão de “etnicidade”. Edwards (1977:254) *apud* Hoffman (1991), por exemplo, sugere que «at a very simple level, ethnicity can be thought of as a sense of group identity deriving from real or perceived common bonds such as language, race or religion»; já Hoffman avança que um grupo étnico é definido não só pelas suas características particulares, mas também pelas fronteiras que estabelecem perante outros grupos. Edwards (1985) problematiza ainda mais a questão, ao definir etnicidade não só como uma característica com que se nasce, mas

também algo que é mantido, ao longo de gerações, independente da mudança de nacionalidade, língua, religião, fenótipo, etc. O que entra aqui em jogo é um conjunto de características subjetivamente percebidas pelos sujeitos, que os une aos seus antepassados:

A number of definitions reflecting this kind of perspective stress that ethnicity is a matter of belief in common descent and presumed identity. We can readily accept that all feelings of allegiance and loyalty are highly subjective. (*idem*: 196)

Somos, porém, acutelados por Weber (1968) sobre como solidariedade étnica não é condição suficiente para estabelecer uma nação<sup>20</sup>. Edwards (1985:10) *apud* Hoffman (1991) resume esta situação da maneira seguinte:

Ethnic identity is allegiance to a group – large or small – socially dominant or subordinate – with which one has ancestral links. There is no necessity for a continuation, over generations, of the same socialization or cultural patterns, but some sense of the group boundary must persist. This can be sustained by shared objective characteristics (language, region, etc) or by more subjective contributions to the sense of “groupness”, or by some combination of both. Symbolic or subjective attachments must relate, at however distant a remove, to an observably real past.

Já Smith (1982) afirma «[an ethnical group is] a group of people who possess a myth of common ancestry, a shared history, one or more elements of common culture and a sense of solidarity» (*idem*: 196)

Em resumo, o processo de globalização impôs adaptações à língua franca global, de maneira a acomodar falantes de diferentes origens e paradigmas. Da mesma maneira, assistimos à problematização da ideia de etnia e à revisão da mesma na era e

---

<sup>20</sup> Vemos exemplos evidentes disto, hoje, nos Estados Unidos, onde cidadãos se identificam como descendentes dos pais fundadores, mas não de qualquer cultura europeia; cidadãos esses que se identificam mais com rebeldes do séc. XVII do que com concidadãos contemporâneos imigrados de um país vizinho. Ao mesmo tempo, vigora um fenômeno quase obsessivo com a análise da antecedência de cada um e a identificação de todos os grupos a que pertencem. Já os descendentes dos escravos levados contra a sua vontade para a América, porque lhes foi retirada a possibilidade de saber a que grupo pertencem, tendem a partilhar de uma identidade comum, “afro-americana”, caracterizada pela única experiência que todos sabem partilhar, a de ser negro nos EUA.

no contexto da *internet*. Os valores que os falantes associam a uma língua, ou às variantes de uma língua, determinam a sua relação e a sua associação à(s) mesma(s). Se os jovens percebem o inglês como uma língua de prestígio acadêmico, ou classe socioeconômica alta ou língua de herança ou código de resistência isso influencia o seu uso da mesma e a intenção com que a empregam. Num período como a juventude, em que a identidade do sujeito está a ser construída, nenhuma língua como o inglês oferece tantas variantes popularizadas para escolha. Vemos um exemplo semelhante na pesquisa de Rampton (1995) que analisamos na seção seguinte: jovens em comunidades multiculturais em fase formativa experimentam diferentes culturas, e por extensão línguas, em busca daquela que melhor expressa a sua identidade, recusando *posh English* e adotando ISA (inglês sul asiático), usando crioulo em moderação.

### **1.10 Crossing**

Rampton (1995) conduz um estudo profundamente influente para o nosso trabalho, redefinindo como pensamos a língua enquanto ferramenta dos jovens. A premissa destes, afirma abertamente o autor, é o questionamento de convenções – exemplificado, por exemplo, no uso de variedades linguísticas que não a própria, problematizando a noção de identidade étnica – a variável predominante no estudo do autor. Desta maneira, o objeto de trabalho de Rampton é, parece-nos justo dizê-lo, considerando que o próprio o sugere frequentemente, a criatividade juvenil na escolha e no uso das variedades linguísticas.

Grande parte da Linguística feita no século XX, é-nos dito pelo autor, parte da premissa de que as práticas discursivas derivam da existência do sujeito numa comunidade, onde este adquire um conjunto de valores e obrigações, bem como convenções sociais e linguísticas. O problema desta concepção prende-se com sujeitos que praticam mais do que uma norma e a tendência para os associarmos a mais do que uma comunidade linguística, definida pela sua diferença, em vez de considerar a liberdade do sujeito na construção do seu próprio idioleto e da sua eventual hibridéz. A ilusão de um estado-nação é assim a base da união homogênea imaginária que estes



estudos projetam nas comunidades. Em resposta a isto, encontramos uma refocalização no caráter fluido, híbrido e em trânsito das pessoas, culturas e conhecimento, particularmente a partir do novo milénio. O foco da análise de Rampton é então o papel que a língua desempenha quando sujeitos falantes interagem numa situação em que discursos de raça e etnia possuem capital, como propõe Bourdieu, e influenciam a distribuição de recursos materiais e simbólicos, em redes locais, nacionais ou globais. Os sujeitos podem ser indiferentes a estas relações de poder, desvalorizando a sua herança étnica ou racial, porém, não deixa de ser relevante analisar o que é que os faz desanexarem-se desses valores (Rampton, 1995: 3).

O trabalho de Rampton é, por sua vez, fortemente influenciado pelo de Hewitt (1986), com o qual estabelece comparações frequentemente. No trabalho de 1986, Hewitt foca-se na dinâmica entre adolescentes brancos e jovens de descendência caribenha em Londres, a tendência dos primeiros para se apropriarem do crioulo dos segundos e a receção destes últimos ao fenómeno. O *feedback* é maioritariamente negativo, sendo interpretado como uma expropriação da sua herança, ainda para mais sendo o uso do crioulo um dos marcadores mais associados à discriminação da minoria e um símbolo de resistência contra a opressão imperialista. Porém, o uso mínimo é considerado aceitável, principalmente entre grupos mistos de amigos, onde pode até ser mais extenso. Isto é justificado pelo autor como uma renegociação do valor simbólico do código, conduzida pelos adolescentes - «A person's knowledge is idiosyncratic to quite an extent, but it generally becomes extensively synchronized with other people's through experience in which participants coordinate the action to which their cognitive and emotional understandings give shape» (Rampton, 1995:29). O mesmo se passa na pesquisa de Rampton, isto é, a abertura para membros externos à cultura participarem na mesma varia de grupo para grupo, sendo que a identidade crioula está muito menos disponível para experimentação, enquanto a identidade sul-asiática acolhe afiliados, por exemplo. Estas dinâmicas dependem sobretudo da negociação da relação entre nativos e não nativos, podendo uma posição mais ou menos acolhedora de estrangeiros alterar-se.

Há que ter em consideração que o uso de crioulo afro-caribenho por sujeitos brancos da comunidade pode ser interpretado como paródia e conseqüentemente uma asserção de superioridade branca ou outra apropriação de poder num longo legado de exploração e pilhagem, como advertem os autores:

These were that white creole use was regarded (a) as derisive parody, and hence as an assertion of white superiority, and (b) as a further white appropriation of one of the sources of power – «It seems as if they are stealing our language» (Hewitt, 1986:162 *apud* Rampton, 1995: 51)

Participantes brancos reconhecem efetivamente o potencial ofensivo e desrespeitoso do uso do crioulo, afirmando usá-lo apenas em circunstâncias onde há um entendimento das intenções honoríficas intencionadas, nunca na presença de colegas negros que não conheçam, ou com quem não possuam uma relação estável, sublinhando sempre o tom de “brincadeira” - nas palavras de Rampton, uma negação do aspeto ritualizado da prática (1995: 53-55)<sup>21</sup>.

Alternativamente, o uso de Panjabi por outras etnias, segundo o estudo de Rampton (1995:58), é visto de forma positiva e com entusiasmo pelos seus “utilizadores legítimos”. Pode até indicar pertença honorária à comunidade, não havendo necessidade de o justificar como uma brincadeira. Não estamos perante uma “moda”, mas, antes, uma “tradição local” num meio escolar integrado numa comunidade multi-étnica. Salienta-se que o ambiente escolar convida ainda mais à troca linguística recíproca, e o emprego de línguas minoritárias como provocação perante as figuras de autoridade é sempre mais bem recebido do que num contexto de igual para igual. Falantes caucásianos que não partilham da diversidade cultural da comunidade são categorizados pejorativamente como “brancos”, mesmo por outros elementos caucásianos de diversa comunidade local. Apesar de haver discórdia relativamente ao que é que o termo “brancos” inclui, é notória alguma admiração pela

---

<sup>21</sup> Os sujeitos que entrevistamos na secção prática são também jovens brancos expostos a culturas com diferentes níveis de abertura a membros externos, facto que os entrevistados referem. Alguns dos nossos informantes admitem o uso de códigos característicos de etnias que não a sua, que adotaram sobretudo pela mesma razão que os sujeitos de Rampton e Hewitt: experimentação identitária, índices de *coolness*<sup>21</sup>, influências dos pares... contudo, também eles estão conscientes da polémica e da delicadeza de afiliar aspetos de uma cultura/língua externa sem permissão dos seus nativos. Tudo isto são aspetos que analisaremos mais a fundo na secção prática.

riqueza e sucesso acadêmico/linguístico deste grupo demográfico, em comparação com os outros grupos socioeconomicamente mais desfavorecidos<sup>22</sup>. Esta dualidade amor-ódio não é infrequente em comunidades bilingues em que diferentes culturas representam valores e estatutos diferentes<sup>23</sup>. Parece-nos legítimo dizer que há grupos “nós” sucessivamente concêntricos dentro do “nós” mais abrangente.

Os jovens nativos de culturas minoritárias, como os indianos no estudo de Rampton, estão conscientes das associações do sotaque dos pais à questão do racismo e a uma atitude de aceitação de uma posição social inferior, apesar de pessoalmente o interpretarem como um legado de migração e adaptação. É de notar que ISA (inglês sul asiático) é a língua dos pais/lar e indexa familiaridade (valor positivo), contudo não é a língua dos filhos (vernáculo). Os dados do estudo de Rampton (1995:66) parecem indicar que todos os alunos estão conscientes do sistema racial mais abrangente, como é notório pelo cuidados dos elementos negros e brancos em evitar usar ISA, no receio de indexarem autoridade de legitimidade duvidosa. Curiosamente, as reações dos informantes sobre os estereótipos associados aos seus códigos variam. Alguns interpretam-nos como um subterfúgio à autoridade branca, ao fingir que não se conhece a língua majoritária proficientemente, subvertendo o sistema a seu favor; outros como heranças racistas incontornáveis que não devem ser de maneira nenhuma normalizadas ou suavizadas.

O autor aponta também como o crioulo/*slang* é visto como a língua do futuro, enquanto o inglês sul asiático é, como já vimos, código de passagem/aprendizagem num caminho para um outro. Estas negociações ajudam a definir quem somos “nós” e quem são os “outros”. Nesta perspectiva *crossing* para outras línguas minoritárias pode surgir como uma demonstração de solidariedade e alargamento do “nós”, como estratégia de resistência perante a autoridade adulta e uma contribuição para uma mais forte comunhão entre os elementos da comunidade local, na construção da sua

---

<sup>22</sup> Assistimos a uma situação semelhante nas entrevistas com jovens portugueses que narraram sentir algum preconceito pelos seus pares que dominaram o inglês mais cedo (normalmente por via de escolas privadas, aulas particulares ou situações familiares bilingues), indexando-lhes arrogância e elitismo, mas ao mesmo tempo admirando a sua aptidão.

<sup>23</sup> Salvaguardamos, contudo, que o contexto que analisamos na parte prática da nossa tese não configura uma situação de bilinguismo. No entanto, parecem-nos situações suficientemente semelhantes para que possamos estabelecer um paralelo.

identidade como parte do grupo. Quando os alunos indianos afetam um sotaque estereotipado e afirmam não perceber inglês perante um professor substituto, por exemplo, ou quando, segundo os alunos, apesar de na localidade não haver racismo, pessoas vindas de fora trazem esse estigma, estamos perante situações que contribuem para uma mais clara delimitação do “nós” e do “eles” com base na tolerância e na resistência ao racismo.

Vários foram os autores que pensaram os cumprimentos como rituais (cf Austin 1962; Brown e Levinson, 1987); Rampton sugere, por sua vez, que apesar da convencionalização do cumprimento e da indagação pela saúde/estado/disposição do interlocutor, este segmento raramente serve essa função, como tal é vazio de significado, e seria hipoteticamente passível de ser substituído por qualquer outra coisa. O autor argumenta que os alunos estão conscientes deste fato e como tal suprimem o “como está?” em inglês, código padrão, e substituem-no por um “como está?” em ISA. Este comportamento está de acordo com a definição do autor de ritual, caracterizado como um processo de manutenção do *status quo* - «displaying an orientation to issues of respect for social order and emerging from some sense of the (social or political) problematicity of social relations (...) giving a more proeminente place to symbols than to propositions» (*idem*: 93) Partindo do trabalho de Lukes (1975) sobre o significado de rituais, o autor põe a hipótese de pensar a inserção de ISA como uma “mobilization of bias” i.e. um desafio às ordens sociais dominantes, obviamente, sempre sujeita a variações de interpretação e a negociações. Por isto, parte da alternância para ISA feito pelos alunos tinha intenções amigáveis e outra parte não. A alternância abriu espaço para o questionamento de ordem instituída e a questão racial apresenta-se como um campo mais amplo para a interação social. A ambiguidade é parte do objetivo. A exclusão de participantes associada à escolha de um código minoritário veicula naturalmente uma autoridade alternativa<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Os jovens portugueses que entrevistamos na secção prática admitem também um uso muito produtivo da L2 para expressões fáticas e rituais, contudo, não há neste ato o desafio à autoridade dominante e ao conforto do interlocutor que os informantes de Rampton referem. Isto prende-se, parece-nos, com o argumento que revimos de Myers-Scotton na secção 1.7: um uso produtivo de CS não marcado é um marcador de uma sociedade linguisticamente em paz; enquanto numa sociedade onde há conflito linguístico, na Catalunha, por exemplo, todas as instâncias de CS são marcadas, porque todas as escolhas são intencionais e simbólicas. Enquanto a comunidade estudada por Rampton é uma comunidade com significativo atrito étnico-cultural, aquela que nós estudamos na parte prática do

Em conclusão, Rampton sublinha a diferença entre *deference* (apreciação cultural) e *demeanour* (apropriação cultural) como conceitos chave na compreensão dos diferentes usos de códigos com significâncias complexas («expressing a person's appreciation and respect for the interlocutor and their relationship» vs. «conveying a person's confidence in their own interactional competence and self-control» - definição de Goffman, 1967: 56; Goffman, 1967: 77). O CS é uma ferramenta que reforça pertença interna a um grupo («an ingroup phenomenon restricted to those who share the same expectations and rules of interpretation for the use of the two language. CS is thus usually seen as a device used to affirm participants' claims to membership or solidarity of the group in contrast to outsiders» (Woolard, 1999: 69-70)). Por isto pode ser casual, num ambiente em que ambas as línguas são esperadas, exigindo competência, não estando sujeito aos participantes ou ao tema, nem sempre tendo a língua significado social. *Crossing*, por outro lado é um hábito de membros externos de um grupo que pretendem associar-se a uma cultura que não aquela em que nasceram, nas palavras de Rampton, «Crossing, in contrast, focuses on code-alternation by people who aren't accepted members of the group associated with the 2<sup>nd</sup> language they employ» (Rampton, 1995:270). É sempre consciente e intencional, a L2 não seria usada casualmente, não exige competência, está sempre sujeita aos participantes ou ao tema e a língua tem sempre significado social – por isto nos parece particularmente interessante. Até que ponto estamos perante um ou outro na comunidade jovem portuguesa é o que intendemos estudar na secção prática do nosso trabalho.

Há ainda uma problematização da noção de etnia que nos parece interessante. Cook-Gumperz (1986) propõem as noções de *velha* e *nova etnia*, sendo a primeira baseada em proximidade geográfica e comunitária, redes interpessoais de apoio e convivência conjunta, e a segunda, baseada no conhecimento histórico de pertença a um grupo, independentemente da distância que se mantem deste, e na certeza de que o seu grupo é diferente do dos outros. Hall (1988) defende que este novo entendimento de etnia serve melhor uma política de empatização na diferença e na procura de melhores soluções para todos, sem homogeneização. A *nova etnia*

---

nosso estudo não o é, e assim explicamos leituras diferentes de usos igualmente frequentes de CS para expressões rituais e fáticas.

compreende que somos todos herdeiros de culturas de que nos afastamos de uma maneira ou de outra e não se fecha dentro da sua comunidade. No caso em estudo *crossing* é motivado por elementos identitários não étnicos – vizinhança, género, interesses comuns, etc. Somos convidados a considerar também a variação dos comportamentos na escola, a cultura jovem e as dinâmicas lúdicas entre os informantes como influentes. A sensação de comunidade é precisamente cimentada pelas restrições com que os falantes recorrem ao *crossing*. A noção de *nova etnia* nasce do multiculturalismo e reconhecimento de diferenças enriquecedoras, do carácter positivo da diferença e não de alianças geográficas ou imperialistas - «The new ethnicity depends less upon geographic proximity and shared occupations and more upon the highlighting of key differences separating one group from another» (Cook-Gumperz, 1982b: 5 apud Rampton, 1995: 283)<sup>25</sup>.

Rampton distingue ainda entre *nativo* e *expert* valorizando o segundo como um melhor medidor da lealdade de um falante a uma língua, a qual pode até não ser a sua primeira língua, mas nem por isso põe em causa a proficiência e relação emocional do falante com a mesma, tal como um nativo. É a diferença entre herança (um passado pertencente a iguais) e afiliação (um passado pertencente a pessoas diferentes que atravessam fronteiras sociais (Rampton, 1995: 325)). Já Hewitt define o código empregue pelos seus informantes como «a new ethnically mixed “community English” created from the fragments» de vários códigos (1989: 139)<sup>26</sup>.

### **1.11 Outros fenómenos de simultaneidade e a nova cultura trans- do novo milénio**

---

<sup>25</sup> É um discurso semelhante a este que recolhemos também dos sujeitos que entrevistamos na secção prática, sobre *internet English* e a identidade *Zoomer* (sujeitos nascidos entre 1990 e 2010).

<sup>26</sup> Uma formulação semelhante àquela que os jovens portugueses que entrevistamos empregam para descrever o código que usam. Neste sentido é de ressaltar que a nossa pesquisa não inclui informantes de diferentes etnias nem elementos de uma etnia minoritária. Contudo, a L2 que elegem para o seu CS é uma mistura de AAVE (African American Vernacular English) e *internet slang*, que analisaremos mais a fundo na secção prática, e que indexam muita da significância social e política que Hewitt e Rampton exploram nos seus livros. Por isto atribuímos tanto relevo às conclusões destes estudos. Usamos L2 aqui, e em todas as seguintes menções à parte prática, em referência ao Inglês, como a segunda língua aprendida pelos falantes na escola e por meios individuais, usada na prática de CS.

Sobre a percepção das mudanças linguísticas em desenvolvimento neste momento, Jacquemet, não um linguista mas um especialista em comunicação intercultural, cuja perspectiva nos parece enriquecedora, define duas linhas de pensamento sobre a cultura pós-moderna: a globalização assimiladora, amorfa, e a globalização plural e híbrida: «On one hand we have the discourse on forced linguistic assimilation into global markets, increasing disappearance of local vernaculars, language standardization; and on the other, that of cultural pluralism, hybridity, popular democratization» (Jacquemet, 2005: 258). Dentro desta realidade o autor assinala como a perspectiva catastrofista que prevê colonialismo linguístico e extinção de línguas tem dominado a discussão geral: «the dominant discourse has privileged the dystopic pole, thus depicting the worst possible scenario: linguistic imperialism, endangered languages, language loss, and language death» (*idem*: 260). Por causa deste cenário distópico, o autor critica o caráter restritivo da pesquisa dedicada ao bilinguismo até então conduzida, o discurso binário sobre os efeitos previstos da globalização, o foco em pequenas comunidades geograficamente fixas, o uso de termos como *língua subordinada* e *língua dominante*, e o pressuposto demasiado ingénuo da homogeneidade de concidadãos, desprezando fenómenos de contacto e de comunicação virtual.<sup>27</sup>

A partir dos anos 90, a cultura não é mais determinada por um território geográfico e socialmente contíguo, encara agora as possibilidades levantadas pela consideração da distância física e temporal, permitindo o estudo de identidades *herdadas* (Jaquemet, 2005: 262). Como nos diz o autor, assistimos à desconstrução da proporcionalidade entre lugar e práticas, experiência e identidades culturais. O foco diverge para comunidades de fronteira, diásporas, comunidades mistas e pessoas que vivem em lugares transformados pelo processo de globalização. É graças aos *media* que se formam transnacionalidades, permitindo ao sujeito viver a sua identidade múltipla e híbrida, em contacto com o espaço-mãe, de que está distante, como deseja. Começa a tendência de reterritorialização:

---

<sup>27</sup> Esta mesma perspectiva de erosão linguística, colonialismo e eventual extinção da língua é frequente nas camadas mais velhas da sociedade portuguesa e permeia já as gerações mais novas, mesmo entre a juventude com educação universitária. Até que ponto esse receio está associado ao crescimento do uso do CS em anos recentes é uma discussão que retomaremos na secção prática do trabalho.

When the rapid, mass-mediated flow of images, scenarios, and emotions merges with the flow of deterritorialized audiences, the result is a recombination in the production of modern subjectivity (...) the dynamics of deterritorialization produce processes of reterritorialization: the anchoring and recontextualizing of global cultural processes into their everyday life. (*idem*: 262-263)

Como consequência podemos assistir a uma abertura à hibridez da identidade ou, alternativamente, a um reforço das fronteiras entre comunidades, isto é, maior nacionalismo, recusa mais veemente de elementos culturais estrangeiros, escalamento do preconceito contra o CS.

O trabalho de Woolard (1987) condena também a visão restritiva de um binarismo estruturalista e escolhe perspetivar o fenómeno de CS não como uma escolha entre códigos, mas como uma escolha de ambos os códigos e de ambos os significados a um mesmo tempo. A autora cita, no seu trabalho, cinco instâncias representativas de simultaneidade na comunicação bilingue: a pertença de um sujeito a mais do que um sistema linguístico, que designa como *bivalência*, refletindo-se no uso intencional de palavras pertencentes a dois códigos, esbatendo as fronteiras dos mesmos – frequentes em línguas cognatas ou crioulos - permitindo dualidade de identidade; a interferência linguística; o CS conversacional; múltiplas identidades num mesmo sujeito e múltiplas interpretações de uma mesma mensagem. Temos um exemplo disto na Catalunha, em que os códigos são próximos o suficiente para que o falante possa tornar o seu discurso, se assim o entender, simbolicamente ambíguo, de maneira a não ser claro para o interlocutor qual a língua matriz em uso, sem, contudo, perder o sentido, implicando a possibilidade das duas culturas, por extensão, poderem coexistir tranquilamente. Este caso não se aplica ao contexto que o nosso trabalho pretende estudar, sendo o português e o inglês línguas de famílias diferentes, contudo, não é raro elementos da comunidade trans e não binária em Portugal recorrerem ao inglês, o qual possibilita uma marcação menos absoluta de género, quando se querem referir a si própri@s, construindo segmentos como “estou tão *mad*” em vez de “zangado/a”, evitando a sua auto-determinação de género – o falante não está só a projetar múltiplas identidades (a portuguesa e a global) como promove múltiplas



interpretações da sua mensagem, servindo-se das estruturas que as duas línguas lhe disponibilizam. Analisaremos em maior detalhe o uso criativo que a comunidade LGBTQ+ faz da alternância entre português e inglês na secção prática.

As aptidões para navegar nesta nova realidade, envolvendo conhecimento tecnológico e multilinguismo funcional, são a nova fonte de capital. Um mundo marcado por diásporas com afiliações linguísticas e culturais plurais é regido pelos idiomas dos *media*, como o inglês global, que pressupõem produção e receção de conteúdos num contexto em que o espaço e o tempo se tornaram obsoletos, podendo ser consumidos por qualquer sujeito, em qualquer ponto do mundo, em qualquer momento, desde que disponha de uma ligação à rede. Lidamos também com uma nova elite e a realidade da tecnocracia, assim como a transformação do conhecimento poliglota em ferramenta para *gate keep*<sup>28</sup> o *status quo*. Como Jacquemet afirma:

detritorialization forces us to look at the ideological process of making and patrolling the boundary of a social formation that is no longer territorially confined. Linguistic anthropology has investigated the ideological formation of social identity through shared knowledge (Gumperz, 1982), national consciousness (Gal, 1979; Woolard, 1989; Irvine, 1998), and political activism (Urban and Sherzer, 1991; Urla, forthcoming), but it must now raise the question of how groups of people no longer territorially defined think about their multiple voices, transidiomatic practices, and recombinant identities (Jacquemet, 2005: 273-274)

Acreditamos, tal como o autor, que qualquer estudo compreensivo dos fenómenos linguísticos da nossa época tem que ter em consideração, por tudo isto, a mobilidade humana, a partilha de culturas e a divulgação globalizada de informação e de cultura, de maneira a nos podermos afastar da narrativa de homogeneização cultural e extinção linguística, e evoluir na direcção de partilha cultural consciente e de identidades recombinadas<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> O dicionário de Oxford define da seguinte forma este conceito de “gatekeeping”: «The activity of controlling, and usually limiting, general access to something.» - gatekeeping. *In* Oxford Lexico Dictionary. <https://www.lexico.com/definition/gatekeeping>

<sup>29</sup> A percepção da juventude portuguesa sobre estes tópicos e a influência da internet no processo é analisada em maior detalhe na secção prática do trabalho.

Já Maher (2005) introduz o conceito de *metroetnia*, que define como um exercício em política de emancipação:

Metroethnicity's an exercise in emancipatory politics. It is an individual's self-assertion on his own terms and that will inevitably challenge the orthodoxy of "language loyalty". Metroethnicity involves the shift from examining our identity as the site of historic struggle and focusing on what we can achieve as persons. (Maher, 2005: 84)

Ao abrigo deste enquadramento, a etnia é percebida como uma realidade híbrida, aparentemente contraditória, pós-filiações. A identidade é autossuficiente, urbana, ambígua, inconsequente, de ocasião. Estamos perante uma dialética entre o desprendimento do passado, quando este é problemático e afiliação ao mesmo, quando é estético:

It is the *principle of Cool*. Cool is personal. Cool is a demand for self-sufficiency. It is an attitude deployed by the "ethnic", an attitude undistorted and unheated by the emotions of past struggle, lacking interest for "the struggle", a form of personal rebellion that eschews "ethnic violence" by (merely) minimizing commitment to ethnicity (sic. ethnic language) whilst at the same time recognizing ethnic affiliation as something that can be usefully deployed: fashion, music, lifestyle, and so on. (*ibidem*).

O autor é da opinião que, contrariamente às esperanças de outros linguistas, a relação língua-etnia não pode ser ignorada e não caminhamos para um mundo pós-étnico. A *metroetnia*, na sua conceção, é uma crítica à etnia rígida, descrita como cética de um heroísmo étnico, o reverso do determinismo e duma estrutura de poder interno, que determina como todos os seus membros se devem sentir e agir. É *acessória*, produz um efeito cultural e estético, transfronteiriça, performativa. Na opinião deste autor, é o prestígio social, e não a etnia, aquilo que determina a teoria do *cool*. Neste contexto relata experiências de herdeiros de culturas perseguidas que não demonstram interesse em continuar a carregar o peso do seu legado e escolhem diminuir-lo, reduzindo a importância da etnia na sua vida. É particular, por isso, a jovens

urbanos, envolvidos no multiculturalismo, com altos níveis de tolerância. Ligando-se à ideia de *crossing* de Rampton, a *metroetnia* é pós-étnica, uma identidade *diy* (*do it yourself*), fruto de uma cultura de identidade singular pós-moderna que deseja o exótico, que neste caso é o minoritário. *Cool* é, como nos diz o autor, uma resistência ao sistema, uma visão da sociedade como *estética* (2005: 100)<sup>30</sup>.

Complementarmente, Spring (2007) fala de um inglês que já não é a língua do imperialismo cultural do século XIX, mas um meio para a participação na economia global, escolhida autonomamente pelos falantes – nas palavras do autor:

In the 21st century, the English language plays a different function in the global economy than it did during the 19th century when it was used as an instrument of cultural imperialism. Today, English serves as a vehicle for participation in the global economy. It is now chosen as a language to learn rather than it being imposed by outside forces. Also, it is often adapted to local linguistic traditions creating a world of *Englishes*. (Spring, 2007:64)

Esta é uma afirmação com que não podemos concordar e que nos parece até ser continuamente questionada pelo autor, quando afirma mais à frente no seu estudo a função do inglês em espalhar o ideal de uma economia global industrial consumista (*ibidem*). Na leitura que faz, o inglês serve como ferramenta de escalada social, bem como forma de obtenção de um estatuto pós-pós-colonial, e por isto é também um elemento distintivo de classe e fonte de discriminação - um produto de luxo a que só a elite abastada tem acesso (*ibidem*: 66).

Canagarajah (2007), que está em diálogo com Spring e Jacquemet, ecoa as suas preocupações, ressaltando como a globalização pós-moderna dá algum destaque ao *local*, o que não implica que o capital internacional não o explore para os seus

---

<sup>30</sup> Até que ponto esta é uma motivação influente entre os jovens portugueses é uma questão que intendemos abordar na secção prática, assim como a dificuldade da sua relação com o passado histórico da identidade portuguesa.

Em virtude da natureza do *cool* prevemos, contudo, a improbabilidade de obtermos relatos de falantes que admitam recorrer ao CS para inglês para indexarem valores de *coolness* – paradoxalmente, isso não seria *cool*. Eventualmente uma distância temporal mais significativa – se interrogássemos adultos, por exemplo – talvez produzisse outro tipo de resultados.

interesses; na perspectiva do autor é por isso importante analisar como o *local* negocia e reconfigura o poder<sup>31</sup>.

Contrariamente ao que afirma Spring, o inglês nunca é uma língua neutra, indexando, inevitavelmente, os valores dos meios que se servem dela. É salientada uma possibilidade paradoxal descrita pelo autor da seguinte forma: «The paradoxical possibility that multilinguals are able to use English for shared purposes while not losing their values and identity» (2007: 90), fenómeno a que o autor chama «ecological resources of language» (*idem*). O inglês global é, pois, um recurso de uma comunidade linguística sem ligação geográfica ou cultural obrigatória. Os seus falantes têm outras línguas e culturas, sendo caracterizados especificamente pelo seu multilinguismo - “they activate a mutually recognized set of attitudes, forms and conventions that ensure successful communication” (*idem*). Por isto, o seu significado é construído em cada momento da interação. Também a forma é negociada pelos falantes, de acordo com aquilo que melhor serve os seus objetivos, desde a variedade à gramática, ao espectro vocabular e à atitude pragmática. Por isto não pode ser definido *a priori*, ou *standardizado*, uma vez que não é um sistema, sendo ainda altamente influenciado pelo contacto com todas as L1 dos seus utilizadores, que adotam características umas das outras. Apesar do inglês global e o inglês da *internet* não serem exatamente coincidentes, existindo efetivamente vários ingleses globais e vários ingleses da *internet*, dependendo das comunidades, a descrição que Spring faz de uma língua plural, influenciada pelas outras culturas e outras línguas dos seus falantes é, porém, aplicável quer ao inglês global, quer ao inglês da *internet*, como veremos adiante.

Otsuji e Pennycook (2010), finalmente, conduzem uma análise de casos de CS em ambiente de trabalho poliglota, propondo que o código misto, ou *fused lect* como diria Auer, é, em si, a língua matriz. Também estes autores se dissociam da tradicional proporcionalidade país-língua-etnia-identidade, no seguimento de um movimento que marca a década de 00's e redireciona o foco da mistura e alternância de códigos na direção da influência que as ideologias da linguagem têm na definição de fronteiras entre sujeitos. Antes disto, Makoni e Pennycook (2007) defendem a necessidade de se

---

<sup>31</sup> No contexto português, em particular, de que forma os jovens negociam as suas identidades internacionais e globais, e até que ponto estão conscientes das dinâmicas de poder anexadas pelas línguas, serão questões a ser analisada na secção prática do trabalho.

pensar a língua como uma construção política, social e histórica, reinterpretada a nível local – formulação que entendemos como particularmente fértil. É em resposta a isto que Otsuji e Pennycook (2010) introduzem então a noção de *metrolinguismo* para caracterizar uma mistura inconsciente de línguas, fruto de um ambiente e uma cultura multilingue e *transidiomática*, usando o conceito de Jacquemet. O seu foco são as «features, styles and resources» (2010: 243) da comunicação, e não a língua usada, dificilmente distinguível por vezes até. Um uso híbrido das línguas não é equacionável tampouco, como sublinham os autores, com uma identidade híbrida – erro frequente cometido pelos adeptos do multilinguismo. A tendência para um registo híbrido pode inclusivamente ser motivada pelo confronto com registos estanques, sendo importante ter sempre em consideração a ideologia dos falantes relativamente à fluidez e rigidez linguística. A reinterpretação local do valor de práticas comunicativas também é parte da hibrididade linguística do mundo moderno. Os autores estabelecem inevitavelmente um paralelo com o conceito de *metroetnia* de Maher (2005) e chamam a atenção para a invocação de outras posições socialmente progressistas como o apoio à luta de classes, a oposição ao patriarcado, a revisão do binarismo de género, o anti-racismo e o combate à homofobia, que se interligam com a ideologia linguística do falante.

Os autores estabelecem, ainda, um paralelo com o uso de inglês como língua franca. Em reação à valorização de uma única norma de inglês, uma *high variety*, surge, pois, um movimento de valorização de todas as variedades do inglês. É importante, neste momento, segundo os autores, pensar a língua franca inglês e não o inglês como língua franca, uma vez que o primeiro não reconhece a língua como um sistema pré-existente, antes «it is constantly brought into being in each context of communication» (Canagarajah, 2007: 91); já o último é um sistema fixo usado por diferentes falantes.

Em conclusão, todos estes autores, Jacquemet, Wollard, Maher, Canagarajah, Pennycook, salientam a necessidade de alargar o escopo da análise, abandonar a visão binária do fenómeno de alternância entre línguas, e estudar o CS como uma ferramenta numa realidade em que a identidade individual é a característica mais importante para o sucesso pessoal dos sujeitos. Os efeitos da globalização e da

migração, a par da crescente heterogeneidade dos falantes bilíngues, ganham novo peso na análise linguística. Alargam-se, com o novo milénio, as noções de etnia, nacionalidade e identidade, a supremacia da ideologia transnacional, transidiomática, transfronteiriça, vigora a performatividade e a hibridez, nunca desvalorizando como as dinâmicas de poder e os veículos das mesmas moldam as práticas discursivas dos falantes e os paradigmas de estatuto. Conclui-se, também, como a aptidão para o multilinguismo e as tecnologias informáticas são uma ferramenta cada vez mais necessária ao local de trabalho e à comunicação interpessoal.

### 1.12 As particularidades do contágio linguístico entre jovens

O paradigmático estudo de Eckert (1989), seguido de Bucholtz (1997), sobre padrões discursivos de diferentes *cliques*<sup>32</sup> de Secundário comprovou o carácter intencional e performativo das escolhas linguísticas de jovens falantes. Bucholtz salienta sobretudo a supremacia da influência do ambiente social na construção do idioleto individual - «this exchange is a collaborative performance of nerd identity<sup>33</sup>: all the participants collide in sustaining the frame» (Bucholtz, 1997: 10). A performance não só é consciente, como pode ser autocrítica, e jogar com a forma como o sujeito sabe que será percebido: «performance of nerdiness, not just a manifestation of it. That is, Carrie is simultaneously displaying and commenting on nerd practice, showing her awareness of linguistic forms and announcing her willingness to enter a nerdy interaction space». Salienta-se ainda a existência de membros liminares aos vários *cliques*, que se movem entre eles, servindo como veículo de transmissão de práticas externas. Cedergreen (1988) faz, não obstante, uma ressalva importante quando lembra que é na adolescência que o idioleto dos falantes sofre mais alterações,

---

<sup>32</sup> O dicionário de Oxford define da seguinte forma este conceito de “clique”: « A small close-knit group of people who do not readily allow others to join them.» *clique*. In Oxford Lexico Dictionary.

<https://www.lexico.com/definicion/clique>

<sup>33</sup> Veja-se o que diz Bucholtz sobre o conceito de “nerd”: «Being a nerd isn't about being a failed Burnout or an inadequate Jock.- It's about rejecting both Jockness and Burnoutness and all the other forms of coolness that youth identities take (...)The primary values underlying this identity are individuality and intelligence, and these are reflected in nerds' linguistic practice (...) One of the primary ways nerds differ from these other, more trend-conscious groups, is through the high value they place on individuality. Unlike both Jocks and Burnouts, who must toe the subcultural line in dress, language, friendship choices, and other social practices, nerds are relatively unconstrained by peer group sanctions.» Bucholtz, 1997: 4-5.

passando a estar sujeito à ditadura do *cool* e aos padrões dos pares, estabilizando com efeito pouco tempo depois. Um bom exemplo são os impropérios, considerados tabu, que registam um pico de uso na adolescência e diminuem à medida que se transita para a vida adulta. Já palavras como “tipo”, que também atingem um máximo de uso na adolescência, não estando associadas a um tabu, mantêm-se em uso, informal, ao longo da vida (Goel *et al*, 2016). Por todos estes motivos nos parece particularmente fértil concentrarmos o nosso estudo na camada mais jovem, num período em que a identidade sofre significativas atualizações, e a expressão das mesmas é ponderada tão cuidadosamente. Interessa-nos não só a construção de identidades coletivas (*nerd*, *burnout*<sup>34</sup>, *jock*<sup>35</sup>) mas também a força como estas se definem em oposição ou em colaboração umas com as outras, através da ação dos membros liminares que as autoras referem.

Atualmente, o início da adolescência coincide sensivelmente com o primeiro contacto com as redes sociais, passando os sujeitos a estar expostos a uma explosão de diferentes registos num período de grande influenciabilidade. Nycz (2016) ressalva que períodos de influenciabilidade linguística aguda ocorrem sempre que falantes se integram numa nova realidade (geográfica, laboral, social), contudo, a adolescência ocorre simultaneamente em grandes grupos de pessoas, e como tal é mais fácil de medir. Estudos que analisam os processos de inovação linguística e transmissão de práticas - Trudgill (1986), por exemplo - são regidos por três conceitos: *awareness*, isto é, o reconhecimento (subconsciente) de traços diferentes dos próprios no discurso do interlocutor, *salience* desses mesmos traços, isto é, têm que ser divergentes o

---

<sup>34</sup> Vejam-se as seguintes explicações de Eckert sobre estes conceitos: «In the early 1980s, the stereotypic Belten High Burnout came from a working class home, enrolled primarily in general and vocational courses, smoked tobacco and pot, took chemicals, drank beer and hard liquor, skipped classes, and may have had occasional run-ins with the police; (...)The prevailing attitude in the school is that Jocks become involved in school because their families have instilled in them confidence, ambition, and academic skills, while Burnouts become alienated from school because their families have failed them. Burnouts' rebelliousness is seen as resulting from problems at home and from frustration at their lack of academic ability» Eckert, 1989:3-7.

<sup>35</sup> «The Jock was middle class and college bound, played sports for the school, participated in school activities, got respectable grades, and drank beer on weekends. The Jock had a cooperative, the Burnout na adversarial, relationship with the school. (...)The high school Jock embodies an attitude, an acceptance of the school and its institutions as an all-encompassing social context, and an unflagging enthusiasm and energy for working within those institutions. An individual who never plays sports, but who participates enthusiastically in activities associated with student government, unquestioningly may be referred to by all in the school as a Jock» Eckert, 1989:3.

suficiente para serem passíveis de ser reconhecidos, e *noticing*, a consciência ativa dos traços que leva à sua aquisição ou recusa (Trudgill, 1986 *apud* Nycz, 2016: 63)

Ao mesmo tempo entra em jogo a consciência da leitura social de certos traços que pode inibir a sua aquisição – Preston (1996) dá AAVE como exemplo, reconhecendo que a familiaridade com um traço não implica o seu uso. Esta perspectiva é ecoada por outros autores como Babel (2010) *apud* Nycz (2016) - «the tendency to converge may be reined in by social or attitudinal factors which favour accent maintenance or even divergence» (2016: 65). À questão da apropriação cultural mal recebida pelos nativos acresce o desejo de distanciamento do interlocutor, ou de reforço da lealdade à terra, expressão de poder ou insegurança linguística, como fatores que podem motivar a inibição do uso de um registo, apesar da familiaridade com o mesmo - fatores que vimos já assinalados por vários outros autores (cf. Blom e Gumperz, Myers-Scotton, Hoffman).

Um número suficiente de estudos aponta também para uma maior permeabilidade das mulheres a novas práticas linguísticas, ao ponto de prescindir já de explicação, seja pela maior proximidade às crianças, maior atenção ao discurso, de maneira a compensar *bias* de competência, ou redes interpessoais mais extensas (cf. Myers-Scotton (1993), Milroy e Milroy (1985), etc). Porém, o *clique* a que o sujeito pertence é sempre mais determinante para o seu registo do que o género do falante, defendem Eckert (1989) e Bucholtz (1996). Milroy e Milroy (1985), adicionalmente, analisam a importância de *laços fortes e fracos* na atualização linguística dos sujeitos, concluindo que é através dos *laços fracos* que se introduzem no idioleto de um sujeito inovações linguísticas, considerando que dos falantes com quem se mantêm *laços fortes* espera-se que partilhem os mesmos referentes. Estes laços são ainda assim importantes na sedimentação e divulgação das inovações dentro dos *cliques*, depois de serem introduzidos pelos *laços fracos*.

Períodos de influenciabilidade linguística aguda como a adolescência são particularmente informativos para estudos linguísticos, uma vez que nos permitem assistir ao complexo processo da construção de identidade dos sujeitos. No caso da adolescência é particularmente relevante a construção colaborativa de identidades coletivas, a ultra-consciência da performance e da perceção do indivíduo, a assimilação



e recusa de códigos de acordo com as normas sociais e o papel de sujeitos liminares<sup>36</sup> na atualização linguística dos vários *cliques* - segundo as teses de Milroy e Milroy (1985) e Eckert (1989). Na secção prática interessar-nos-á, sobretudo, analisar estas questões adaptadas ao contexto português.

### 1.13 Conclusões

Em resumo, estabelecemos que o CS pode ser influenciado por vários fatores: o nível de formalidade ou casualidade da interação; a espontaneidade ou preparação do discurso; o tom, a disposição do falante/interlocutor, o género, a idade e o estatuto dos envolvidos; a própria progressão do discurso, as mudanças de tópico, o background; as convenções sociais em vigor, o código esperado, os valores e ideias partilhadas ou contestadas, etc. Quanto às funções que pode servir, vimos exemplos de falantes que recorrem a CS para fazer citações, adaptações ao interlocutor, repetições, interjeições, comentários pessoais e elaborações de um tópico lançado; exprime também afiliação a uma cultura ou comunidade - no caso do inglês, normalmente exprime ocidentalização, eficiência e profissionalismo, com potencial para contribuir para a progressão social. É produtivo na atenuação ou intensificação de atos de linguagem, na marcação de empatia e de identidade coletiva, e como auxiliar, caso o falante não seja fluente na língua em uso. Pode também servir como marcador de solidariedade ou autoridade, produzir efeitos estéticos, permitir jogos de palavras, pedidos de clarificação ou de acomodação linguística e resposta a essas mesmas acomodações. A perceção varia dependendo do tipo de ambiente – monolíngue ou multíngue, profissional ou casual - e do tipo de interlocutor – mais ou menos escolarização, idade, género, experiência de migração, etc. Interessa-nos assim testar quais destes fatores os jovens portugueses identificam como mais ou menos influentes na sua escolha de código, quais as funções que os motivam a alternar de língua, exemplos dessas práticas e da sua perceção do fenómeno noutros e neles mesmos.

---

<sup>36</sup> Sujeitos que não pertencem exclusivamente a um *clique* mas que se movimentam entre vários grupos, à margem de categorizações, servindo por isso de veículo da transferência de hábitos linguísticos.

Milroy e Wei (1995) referem a importância de *laços fortes* dentro das redes de relações como geradores de *shorthand communication* que quer exclui, quer inclui participantes. Interessa-nos inquirir sobre as práticas comunitárias dos nossos informantes, a caracterização dos vários grupos em que se inserem e de que forma os seus hábitos linguísticos variam quanto ao uso de CS.

A caracterização de *CS não marcado*, proposta por Myers-Scotton (1993), como prática entre interlocutores do mesmo estatuto, num registo informal, em que todos os códigos a uso são avaliados positivamente, apesar de descritiva de dinâmicas num contexto plurilingue multicultural africano, parece-nos suficientemente geral, como era intenção da autora, que intendeu um *Markedness model* de aplicação global, para indagar até que ponto pode ser aplicado ao contexto português. Também a potencialidade do CS para indexar múltiplas identidades e a descrição de *CS exploratório* nos parecem ideias que valem a pena testar junto da nossa amostra.

Bourdieu (1977) e Gal (1988) não influenciam de forma tão evidente ou direta a construção do nosso questionário, ou do guião das entrevistas a aplicar no estudo experimental da Parte 2 do nosso trabalho, contudo, a perspetiva que nos trazem sobre as dinâmicas de poder entre falante e interlocutor, falante e comunidade, poder central e comunidade, etc foram indispensáveis ao nosso entendimento do fenómeno e formataram o nosso enquadramento de uma forma essencial. A ideia do inglês como potencial língua colonizadora, referida no trabalho de Myers-Scotton (1993) e reforçada por estes dois autores, assim como a ideia de vernáculo como resistência, são propostas cuja aplicabilidade à nossa realidade nos parece relevante estudar. A tendência que Gal (1988) refere, e Jacquemet (2005) reforça, para vilificar a cultura alternativa quando esta se começa a parecer com uma alternativa legítima ao poder instituído, apelando à união nacional e à defesa da identidade pré-estabelecida, empolando a minoria como uma ameaça a toda a cultura maioritária, é também uma proposição que nos parece premente submeter a teste na nossa comunidade, tendo em conta o preconceito contra o CS com que estamos familiarizados na sociedade portuguesa.

A adaptação da exigência da norma às capacidades dos interlocutores, descrita por Canagarajah (2007) e Firth (1996) dentro da comunidade científica, parece-nos

também fértil num contexto como o nosso, em que o inglês é a segunda língua de todos os participantes e os níveis de fluência dos mesmos são significativamente variáveis.

O estudo de Rampton (1995), em particular, é influente na construção da nossa parte prática: a dinâmica que descreve entre falantes brancos e falantes de etnias minoritárias, o uso de códigos de etnias que não a própria por desejo de experimentação identitária, indicição de *coolness*, influência dos pares, etc, bem como a consciência da polémica associada à afiliação de aspetos de outra cultura sem permissão dos nativos - são práticas que nos interessa explorar no nosso estudo. Estamos, no entanto, perante uma questão evidentemente problemática. Os jovens adultos portugueses não pertencem, na sua maioria, a etnias minoritárias – todos os elementos da nossa amostra são, por sinal, caucasianos – ao contrário dos informantes de Rampton. No entanto, os nossos entrevistados recorrem a AAVE (*African American Vernacular English*), no seu dia-a-dia, com mais ou menos consciência da origem das estruturas de que se servem - isto é, afiliam códigos de etnias que não a própria. Os nossos informantes não têm um passado em comum com falantes de AAVE ou de um inglês mais padronizado, nem afirmam ter; contudo, cremos, há o reconhecimento de uma história comum de opressão por sistemas como o capitalismo, o racismo e o patriarcado, que atingem os sujeitos de formas diferentes, mas que os unem numa luta conjunta. Otsuji e Pennycook (2010) validam esta proposta quando chamam a atenção para a interligação de outras posições socialmente progressivas, como o interesse pela luta de classes, a oposição ao patriarcado, a revisão do binarismo de género, o antirracismo e o combate à homofobia, com a ideologia linguística do falante<sup>37</sup>. Em 2007, Markoni e Pennycook defendiam a necessidade de se pensar a língua sempre como uma construção política, social e histórica, reinterpretada a nível local. Como é que este processo se dá é outra das questões que queremos indagar na secção que se segue.

---

<sup>37</sup> Este uso de AAVE pelos jovens que falam português como língua materna poderia justificar-se por uma empatização com a luta que os falantes nativos de AAVE integram. Não os une um laço étnico, mas super-étnico, aumentado pela necessidade de a *internet* ser um espaço de comunhão além-etnia. A acrescentar a isso há a grande presença afro-americana na *internet* desde o seu início e o seu contributo para a definição do padrão de prestígio. No entanto, esta hipótese explicativa não chegou a ser testada, ficando legada ao domínio das potencialidades.

Hoffman refere como etnicidade pode evoluir para nacionalismo, quando ao sentimento de tribo se une o desejo de autogovernança. Contudo, essa noção está em declínio desde a descolonização e de forma mais acentuada ainda na *internet*. Não nos parece portanto que o recurso a AAVE por jovens portugueses esteja de alguma maneira ligado a uma empatia por uma nacionalidade estrangeira, sendo neste caso difícil até estipular qual essa seria. Vários outros casos foram já estudados em que a afeição a uma língua ou um código linguístico correspondia diretamente à afeição pela nação e cultura que esta representava, sendo por vezes o seu último legado, mas não é esse o caso aqui. Hall e Niley (2015) expressam-no claramente:

During the same decade [anos 90's], a burgeoning body of research on the globalized new economy began to theorize identity as fragmented by processes associated with late modernity. The expansion and intensification of international exchange severed the connection between identity and locale that had been previously assumed. Whether discussed in terms of “detraditionalization” (Giddens 1991), “liquid modernity” (Bauman 2000), or “network society” (Castells 1996), identity had lost its deictic grounding in the temporal and spatial fixities that constituted an earlier era, including the nation-state (2015: 607)

Esta proposta é permitida e segue nas passadas da problematização que Hoffman (1991) e Edwards (1985) fazem da questão da identidade.

Adicionalmente, o estudo de Rampton (1995) descreve ainda uma dualidade entre admiração e desprezo sentida pelos jovens relativamente aos falantes que dominam a norma, normalmente de classes mais privilegiadas - fenómeno que nos parece apropriado para testagem na nossa comunidade. Resta-nos verificar se os hábitos dos falantes se identificam mais com CS ou *crossing*, se é justo classificá-los como *experts* (por oposição a nativos) interessados em afiliação (por oposição a herança). A nova ideia de etnia, menos dependente da geografia e mais dos limites entre um grupo e outro, é uma que nos interessa testar junto dos nossos informantes.

Poderemos falar de etnias na *internet*? Será *Zoomer*<sup>38</sup> uma etnia? – são questões que teremos que colocar aos nossos informantes.

As ideias do novo milênio de uma identidade mais híbrida e *cool*, transfronteiriça, caracterizada pela simultaneidade em vez de flutuação, uma etnia performativa, estética, como propõem Woolard (1987), Jacquemet (2005) e Maher (2005), são também propostas que nos interessam estudar. Da mesma forma, as preocupações salientadas por Canagarajah (2007) sobre a dinâmica entre o local e o global, bem como a noção de *englishes* de Spring (2007) são questões que indubitavelmente têm que ser sujeitas à nossa amostra.

## 2. Metodologia

### 2.1 Métodos de recolha de dados

O objetivo da secção prática deste trabalho passa por tomar o pulso à situação linguística atual fazendo uma análise sincrónica do uso que a geração mais nova faz de CS entre português e inglês: em que contexto recorre à alternância de línguas, que fatores influenciam a sua escolha, que objetivo serve, como percebem o fenómeno noutros e que opinião têm sobre o crescimento do uso do inglês.

Definimos as seguintes perguntas como questões orientadoras para a nossa investigação: o preconceito contra o CS é restrito às faixas etárias mais velhas ou permeia também a geração mais nova e, se sim, de que forma? Que fatores influenciam mais determinadamente o CS nos jovens: o tema, a adaptação ao interlocutor, o contexto, o objetivo da interação, etc.? Que valores atribuem os jovens ao inglês e ao português e o que é que isso projeta neles/no interlocutor? Que influência teve a *internet* e as relações próximas no uso do CS dos sujeitos?

Para este efeito aplicamos o método explicativo sequencial, segundo a nomenclatura de Creswell (2014), numa primeira fase, pedindo a um grupo de voluntários, recrutado a partir das redes sociais (ver adiante), que respondesse a um

---

<sup>38</sup> *Generation Z/Gen Z/Zoomer*: denominação inglesa para a geração nascida entre 1997 e 2012.

questionário de resposta fechada, avaliado qualitativamente; organizando, numa segunda fase entrevistas coletivas, também num enquadramento de análise qualitativa. O questionário da primeira fase não providencia apenas informação específica sobre parâmetros restritos que nos interessavam avaliar - como o domínio em que os respondentes recorrem a CS e a frequência, de acordo com as suas várias funções - mas também uma primeira oportunidade para que os participantes pensem de forma crítica os fenómenos em análise, antes de lhes ser pedido que os discutissem em grupo – aspeto que chegou a ser referida pelos sujeitos como útil para a sua organização pessoal.

Os dados recolhidos a partir do questionário foram transferidos do *Google Forms* para uma folha de *Microsoft Excel* e daí para o *software* de análise estatística *IBM SPSS*, de forma a poderem ser tratados. Inicialmente procedeu-se a uma análise descritiva dos dados, seguida de uma análise de inferência estatística, partindo da amostra, extrapolando para a população geral.

A partir destes dados, construiu-se o guião das entrevistas. Estas foram pensadas segundo uma perspetiva construtivista, de acordo com a nomenclatura de Creswell (2014), considerando que os sujeitos atribuem significados subjetivos às suas experiências, significados esses que são complexos, múltiplos e nem sempre congruentes. Consequentemente, pareceu-nos importante reconhecer a complexidade dessa rede de significados, optando por uma abordagem mista. A nossa principal fonte de informação é, inevitavelmente, a perceção dos falantes do CS, daí a aplicação de questões mais gerais, que concedessem liberdade aos participantes para abordarem os aspetos do fenómeno que mais lhes interessassem, mais se relacionassem com a sua experiência e sobre os quais tinham mais a dizer. A discussão coletiva acrescenta, parece-nos, a este efeito, tanto que o significado é negociado social e historicamente, não fazendo sentido realizar entrevistas individuais, não se tratando de um tema particularmente sensível, que careça de anonimidade nas respostas.

Creswell, no seu manual de 2014 sobre metodologias de investigação, aponta como não é infrequente o investigador recorrer ao seu próprio passado para o auxiliar na interpretação dos dados recolhidos, reconhecendo que a ciência nunca pode ser absolutamente objetiva, assumindo conscientemente a forma como as suas

experiências pessoais, culturais e históricas influenciam a sua interpretação. Assim, partimos com algumas expectativas informais mas a construção de hipóteses explicativas foi feita ao longo do processo de análise dos dados, e não antes. A própria definição de CS que apresentamos ao longo do trabalho não é estática, tendo nós partido de uma definição provisória no início do estudo, a qual foi evoluindo com a revisão da literatura.

Da mesma maneira, o guião das entrevistas foi sendo adaptado para incluir questões que surgiram sem ser previstas nas primeiras reuniões, e que geraram resultados produtivos, e para suprimir questões a que os informantes não responderam bem, isto é, a formulação não era clara, gerava respostas repetidas, os informantes não tinham conhecimento suficiente para dar respostas mais do que superficiais sobre o tema, etc. Um guião modelo é disponibilizado no anexo 3, com as várias formulações alternativas das perguntas, assim como as gravações das entrevistas realizadas. Nestas gravações pode ver-se um *Power Point* que foi construído a partir do guião, sobretudo como sistema de apoio para os participantes.

## **2.2 Amostra**

Para este efeito, foi divulgado um pedido de colaboração no Facebook, entre as datas de 5 de Junho e 17 de Julho, descrevendo a temática do estudo e o perfil dos participantes necessários, garantindo o uso dos dados recolhidos apenas para fins académicos. Construiu-se uma bolsa de voluntários com 110 participantes, que se disponibilizaram para responder ao questionário; 92 aceitaram participar nas entrevistas coletivas. Por motivos de compatibilidade de horários 13 desses sujeitos não puderam participar no estudo. Restaram, pois, 79 participantes. Organizaram-se 21 sessões, com grupos de 2 a 5 informantes, de acordo com disponibilidade e afinidade entre os mesmos, conduzidas ao longo do mês de Julho de 2021, por Zoom, com uma duração entre os 45 minutos e 2 horas e 30, cada. Todas as entrevistas foram transcritas pela investigadora, tendo sido selecionados excertos representativos das várias perspetivas abordadas nas entrevistas para análise na secção prática que se segue. Este é um trabalho incontornavelmente subjetivo, cabendo à autora a seleção e

a edição da informação recolhida, pelo que, em nome da transparência, os registos audiovisuais da totalidade das entrevistas são deixados em anexo para contra verificação dos dados.

Os participantes são todos jovens entre os 19 e os 32 anos, 34 homens, 74 mulheres e dois indivíduos não binários, que concluíram ou estão em vias de concluir o ensino superior, numa larga panóplia de especialidades, incluindo engenharia informática, bioengenharia, línguas e relações empresariais, medicina, filosofia, tradução e serviços linguísticos, som e imagem, design/restauro e conservação de arte, enfermagem, arquitetura, etc. Todos os participantes detêm pelo menos um nível de inglês de Secundário, sendo que vários possuem formação mais elevada; alguns dos quais em mais do que duas línguas.

Como referimos na secção 1.12 é na adolescência que o idioleto dos falantes sofre mais alterações, passando a estar mais sujeito à influência dos pares e aos novos padrões de *coolness*, vindo a estabilizar pouco tempo depois. Por todos estes motivos nos parece particularmente fértil concentrarmos o nosso estudo na camada mais jovem, num período em que a identidade sofre significativas atualizações, e a expressão das mesmas é ponderada tão cuidadosamente.

O nosso estudo é fortemente inspirado pelo trabalho de Rampton (1995)<sup>39</sup>, na medida em que os informantes partilham de um certo grau de familiaridade com o entrevistador, o que permite promover um ambiente mais informal e natural nas reuniões, diminuindo a hipercorreção dos falantes do seu próprio discurso.

### **3. Discussão e Resultados**

#### **3.1 Os inquéritos: Estatística Descritiva**

Registamos 110 respostas ao inquérito, sendo a amostra composta por 74 mulheres, 34 homens e 2 sujeitos não binários, com idades entre os 19 e os 32, numa

---

<sup>39</sup> Cf. secção 1.10.



média de 27,9, identificando-se 75 dos respondentes como heterossexuais e 30 como *queer*. O questionário pode ser consultado no anexo 1.

Os gráficos abaixo mostram a composição da amostra de participantes:

Gráfico 1 – Género

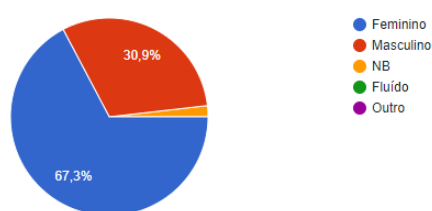


Gráfico 2 - Sexualidade

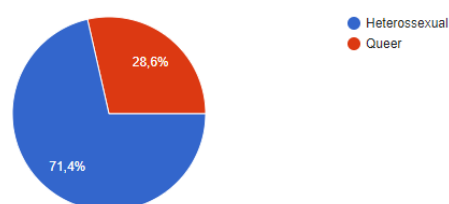
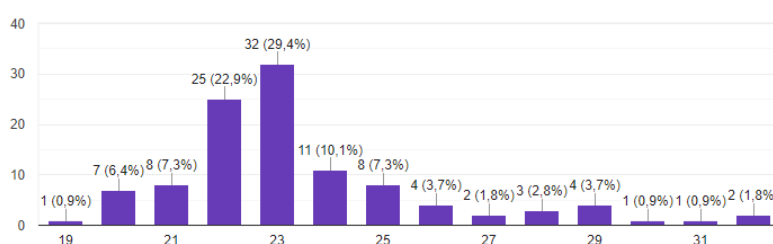


Gráfico 3 - Idade



O questionário era composto por 10 perguntas, 5 diziam respeito a dados de identificação dos participantes e 5 diziam respeito ao tema do CS. No conjunto de perguntas que versavam o uso e as perceções dos sujeitos face ao CS começamos por inquirir se os respondentes tinham por hábito alternar entre português e inglês; se consideravam que tal denotava um conhecimento normal ou fraco da língua; se achavam que facilitava a comunicação; com que frequência incorriam em CS em contexto familiar, amigável e profissional e quais as suas motivações (o inquérito pode ser consultado na íntegra no anexo 1, como já referimos).

A nível de diferença de género focamo-nos sobretudo na diferença de respostas entre homens e mulheres, uma vez que não dispomos de uma amostra suficientemente grande de sujeitos não-cisgénero para tirar conclusões. Notamos que, no que diz respeito à nossa amostra, as mulheres alternam ligeiramente mais entre as

línguas do que os homens (95,9% e 91,2%, respetivamente), o que vai ao encontro do que a literatura propõe<sup>40</sup> – tabela 1. A nível de preconceito, as mulheres aparentam ser também mais flexíveis, considerando que 98,6% da nossa amostra feminina vê o CS como um marcador de conhecimento normal do português, em comparação com apenas 88,2% da amostra masculina – tabela 2. A percentagem de participantes que consideram que o CS facilita a comunicação é também mais alta entre as mulheres do que entre os homens, ainda que de forma ligeira (87,8% e 85,3%, respetivamente). Segundo os dados, as mulheres usam mais o CS em família (67% responderam que o faziam “Às vezes”, “Frequentemente” ou “Constantemente”, perante 28% dos homens), mas menos no trabalho (66,2% das respondentes femininas, em comparação com 76,6% dos respondentes masculinos). O uso entre amigos é sensivelmente o mesmo – tabelas 5, 6 e 4, respetivamente.

Na série de tabelas abaixo concentramos os dados das respostas fornecidas pelos participantes no inquérito:

Tabela 1 - Mistura português e inglês quando fala?

Género		Frequência	Percentagem
Feminino	Sim	71	95,9%
	Não	3	4,1%
Masculino	Sim	31	91,2%
	Não	3	8,8%
NB (Não binário)	Sim	1	50%
	Não	1	50%

---

<sup>40</sup> Cf. secção 1.4.

Tabela 2 - Considera que o hábito denota:

Gênero		Frequência	Porcentagem
Feminino	Normal conhecimento do português	73	98,6%
	Fraco conhecimento do português	1	1,4%
Masculino	Normal conhecimento do português	30	88,2%
	Fraco conhecimento do português	4	11,8%
NB (Não binário)	Normal conhecimento do português	1	50%
	Fraco conhecimento do português	1	50%

Tabela 3 - Considera que o hábito facilita a comunicação

Gênero		Frequência	Porcentagem
Feminino	Sim	65	87,8%
	Não	9	12,2%
Masculino	Sim	29	85,3%
	Não	5	14,7%
NB (Não binário)	Sim	1	50%
	Não	1	50%

Tabela 4 - Mistura as duas línguas entre amigos?

Gênero		Frequência	Porcentagem
Feminino	Nunca	0	0%
	Raramente	3	4,1%
	Às vezes	13	17,6%
	Frequentemente	19	25,7%
	Constantemente	39	52,7%
Masculino	Nunca	1	2,9%
	Raramente	3	8,8%
	Às vezes	5	14,7%
	Frequentemente	8	23,5%
	Constantemente	17	50%
NB (Não binário)	Nunca	0	0%
	Raramente	1	50%
	Às vezes	0	0%
	Frequentemente	0	0%
	Constantemente	1	50%

Tabela 5 - Mistura as duas línguas em família?

	Género	Frequência	Percentagem
Feminino	Nunca	6	8,1%
	Raramente	22	29,7%
	Às vezes	21	28,4%
	Frequentemente	22	29,7%
	Constantemente	3	4,1%
Masculino	Nunca	13	38,2%
	Raramente	11	32,4%
	Às vezes	7	20,6%
	Frequentemente	2	5,9%
	Constantemente	1	2,9%
NB (Não binário)	Nunca	1	50%
	Raramente	0	0%
	Às vezes	1	50%
	Frequentemente	0	0%
	Constantemente	0	0%

Tabela 6 - Mistura as duas no trabalho/Faculdade?

	Género	Frequência	Percentagem
Feminino	Nunca	7	9,5%
	Raramente	18	24,3%
	Às vezes	24	32,4%
	Frequentemente	15	20,3%
	Constantemente	10	13,5%
Masculino	Nunca	4	11,8%
	Raramente	4	11,8%
	Às vezes	11	32,4%
	Frequentemente	11	32,4%
	Constantemente	4	11,8%
NB (Não binário)	Nunca	1	50%
	Raramente	1	50%
	Às vezes	0	0%
	Frequentemente	0	0%
	Constantemente	0	0%

Decidimos também testar se se verificavam diferenças entre os sujeitos com mais e menos do que 25 anos, *Millennials* e *Gen Z's*<sup>41</sup>, respetivamente. Determinamos que, na nossa amostra, 100% dos menores de 25 anos afirmou incorrer em CS,

<sup>41</sup> *Millennial*: denominação inglesa para a geração nascida entre 1981 e 1996.

*Generation Z/Gen Z/Zoomer*: denominação inglesa para a geração nascida entre 1997 e 2012.

comparativamente com 92,5% dos respondentes com mais de 25 anos - tabela 7. Os menores de 25 anos foram também unânimes na classificação do CS como um marcador de conhecimento normal do português (100%), perante 93,5% dos maiores de 25 anos – tabela 8. Enquanto 93,8% dos menores de 25 anos consideram que o CS facilita a comunicação, apenas 86% dos maiores de 25 concordam com essa perspectiva – tabela 9. Relativamente ao uso entre amigos, 81,3% dos menores de 25 anos afirmaram incorrer nesta prática, perante apenas 75,3% dos maiores de 25. Os valores são sensivelmente os mesmos em contexto familiar e em contexto de trabalho – tabelas 10, 11 e 12, respetivamente.

Tabela 7 - Mistura português e inglês quando fala?

Geração		Frequência	Percentagem
Maior ou igual a 25 anos	Sim	86	92,5%
	Não	7	7,5%
Menor que 25 anos	Sim	16	100%
	Não	0	0%
NR (não respondeu)	Sim	1	100%
	Não	0	0%

Tabela 8 – Considera que este hábito denota:

Geração		Frequência	Percentagem
Maior ou igual a 25 anos	Normal conhecimento do português	87	93,5%
	Fraco conhecimento do português	6	6,5%
Menor que 25 anos	Normal conhecimento do português	16	100%
	Fraco conhecimento do português	0	0%
NR (não respondeu)	Normal conhecimento do português	1	100%
	Fraco conhecimento do português	0	0%

Tabela 9 – Considera que este hábito facilita a comunicação?

Geração		Frequência	Porcentagem
Maior ou igual a 25 anos	Sim	80	86%
	Não	13	14%
Menor que 25 anos	Sim	15	93,8%
	Não	1	6,3%
NR (não respondeu)	Sim	0	0%
	Não	1	100%

Tabela 10 – Mistura as duas línguas entre amigos?

Geração		Frequência	Porcentagem
Maior ou igual a 25 anos	Nunca	1	1,1%
	Raramente	6	6,5%
	Às vezes	16	17,2%
	Frequentemente	25	26,9%
	Constantemente	45	48,4%
Menor que 25 anos	Nunca	0	0%
	Raramente	1	6,3%
	Às vezes	2	12,5%
	Frequentemente	2	12,5%
	Constantemente	11	68,8%
NR (não respondeu)	Nunca	0	0%
	Raramente	0	0%
	Às vezes	0	0%
	Frequentemente	0	0%
	Constantemente	1	100%

Tabela 11 – Mistura as duas línguas em família?

	Geração	Frequência	Porcentagem
Maior ou igual a 25 anos	Nunca	18	19,4%
	Raramente	28	30,1%
	Às vezes	23	24,7%
	Frequentemente	20	21,5%
	Constantemente	4	4,3%
Menor que 25 anos	Nunca	2	12,5%
	Raramente	5	31,3%
	Às vezes	5	31,3%
	Frequentemente	4	25%
	Constantemente	0	0%
NR (não respondeu)	Nunca	0	0%
	Raramente	0	0%
	Às vezes	1	100%
	Frequentemente	0	0%
	Constantemente	0	0%

Tabela 12 – Mistura as duas línguas no trabalho/ na Faculdade?

	Geração	Frequência	Porcentagem
Maior ou igual a 25 anos	Nunca	10	10,8%
	Raramente	20	21,5%
	Às vezes	30	32,3%
	Frequentemente	20	21,5%
	Constantemente	13	14%
Menor que 25 anos	Nunca	2	12,5%
	Raramente	3	18,8%
	Às vezes	4	25%
	Frequentemente	6	37,5%
	Constantemente	1	6,3%
NR (não respondeu)	Nunca	0	0%
	Raramente	0	0%
	Às vezes	1	100%
	Frequentemente	0	0%
	Constantemente	0	0%

Fizemos também uma análise comparativa das respostas de acordo com a sexualidade, tendo determinado que há uma ligeira vantagem no uso de CS pelos respondentes *queer*, em comparação com os respondentes heterossexuais (96,7% e 92%, respetivamente) – tabela 13. Curiosamente 97,3% da amostra heterossexual considerou o CS um marcador de conhecimento normal do português, quando comparados com 90% da amostra *queer* – tabela 14 - no entanto, 93,3% dos

respondentes *queer* afirmaram que a prática do CS facilita a comunicação, sugerindo que, apesar de o encararem como um ferramenta útil, há uma percentagem dos sujeitos que não deixa de considerar que denota um fraco conhecimento da língua nativa (o valor é ligeiramente mais baixo para os respondentes heterossexuais que concordam em 86,7% que facilita a comunicação) – tabela 15. O uso em contextos familiares e de trabalho é sensivelmente o mesmo, divergindo o uso sobretudo em contexto informal com amigos, com 76,6% dos respondentes *queer* a afirmar incorrerem em CS “Constantemente”, contra apenas 40% dos respondentes heterossexuais – tabela 17, 18 e 15, respetivamente.

Tabela 13 – Mistura português e inglês quando fala?

Sexualidade		Frequência	Percentagem
Heterossexual	Sim	69	92%
	Não	6	8%
Queer	Sim	29	96,7%
	Não	1	3,3%
NR	Sim	5	100%
	Não	0	0%

Tabela 14 – Considera que este hábito denota:

Sexualidade		Frequência	Percentagem
Heterossexual	Normal conhecimento do português	73	97,3%
	Fraco conhecimento do português	2	2,7%
Queer	Normal conhecimento do português	27	90%
	Fraco conhecimento do português	3	10%
NR (não respondeu)	Normal conhecimento do português	4	80%
	Fraco conhecimento do português	1	20%



Tabela 15 – Considera que este hábito facilita a comunicação:

Sexualidade		Frequência	Porcentagem
Heterossexual	Sim	65	86,7%
	Não	10	13,3%
Queer	Sim	28	93,3%
	Não	2	6,7%
NR (não respondeu)	Sim	2	40%
	Não	3	60%

Tabela 16 – Mistura as duas línguas entre amigos?

Sexualidade		Frequência	Porcentagem
Heterossexual	Nunca	1	1,3%
	Raramente	6	8%
	Às vezes	13	17,3%
	Frequentemente	25	33,3%
	Constantemente	30	40%
Queer	Nunca	0	0%
	Raramente	1	3,3%
	Às vezes	4	13,3%
	Frequentemente	2	6,7%
	Constantemente	23	76,7%
NR (não respondeu)	Nunca	0	0%
	Raramente	0	0%
	Às vezes	1	20%
	Frequentemente	0	0%
	Constantemente	4	80%

Tabela 17 – Mistura as duas línguas em família?

Sexualidade		Frequência	Porcentagem
Heterossexual	Nunca	15	20%
	Raramente	23	30,7%
	Às vezes	18	24%
	Frequentemente	16	21,3%
	Constantemente	3	4%
Queer	Nunca	4	13,3%
	Raramente	9	30%
	Às vezes	10	33,3%
	Frequentemente	6	20%
	Constantemente	1	3,3%
NR (não respondeu)	Nunca	1	20%
	Raramente	1	20%
	Às vezes	1	20%
	Frequentemente	2	40%
	Constantemente	0	0%

Tabela 18 – Mistura as duas línguas no trabalho/na Faculdade?

Sexualidade		Frequência	Porcentagem
Heterossexual	Nunca	8	10,7%
	Raramente	17	22,7%
	Às vezes	22	29,3%
	Frequentemente	17	22,7%
	Constantemente	11	14,7%
Queer	Nunca	3	10%
	Raramente	6	20%
	Às vezes	10	33,3%
	Frequentemente	8	26,7%
	Constantemente	3	10%
NR (não respondeu)	Nunca	1	20%
	Raramente	0	0%
	Às vezes	3	60%
	Frequentemente	1	20%
	Constantemente	0	0%

### 3.2 Inferência Estatística

Nesta secção pretendeu-se apurar se as diferenças entre os binómios estabelecidos detêm significado estatístico, tendo-se comparado género, idade e sexualidade, com o objetivo de corrigir irregularidades estatísticas devido ao reduzido tamanho da amostra. Para tal, aplicamos o teste não paramétrico de Mann-Whitney,

adequado à análise de duas amostras independentes (género masculino e feminino; menores e maiores de 25 anos; sujeitos heterossexuais e *queer*). Depois de se converterem as respostas qualitativas dos questionários em duas listas de pontuações ordenadas, este teste permite-nos aferir se essas pontuações são estocasticamente idênticas (hipótese nula  $H_0$ ), ou se uma é tendencialmente superior à outra, definindo-se *a priori* um nível de significância ( $\alpha$ ), sendo  $1-\alpha$  o nível de confiança. Aplicando o teste, sempre que o *p-value* for inferior a  $\alpha=0,05$  (correspondente a 95% de nível de confiança), podemos rejeitar a hipótese nula, passando a considera-se que a diferença entre os grupos tem significado estatístico, ou seja, as conclusões sugeridas pela amostra podem ser extrapoladas para a população geral.

Desta forma, foi-nos possível determinar que as diferenças encontradas entre homens e mulheres no que toca à perceção de CS como marcador de normal/fraco conhecimento da língua e à mistura de línguas em contexto familiar; assim como no uso de CS “porque a palavra existe na minha língua mas não tem o mesmo peso” e “para suavizar/intensificar um pedido/ordem/afirmação” detêm significado estatístico, apresentando um *p-value* menor que 0,05.

Quanto à diferença de idades (menores e maiores de 25 anos) o *p-value* é inferior a 0,05 na justificação do uso de CS “porque é mais confortável falar de assuntos sensíveis em inglês” e para “falar de assuntos sobre os quais só li/ouvi falar em inglês”.

Entre os sujeitos *queer* e os sujeitos heterossexuais o *p-value* é inferior a 0,05 em relação à mistura entre línguas num contexto entre amigos e o uso “para incluir/excluir outros da conversa”, “para clarificar o que quero dizer, caso seja ambíguo na minha língua”, “marcar a mudança de um comentário objetivo para um subjetivo”, “porque linguisticamente o inglês é mais eficiente”, “porque é mais confortável falar de assuntos sensíveis em inglês” e “para reforçar a minha pertença ao meu grupo de amigos”. Parece-nos evidente que as maiores diferenças estatísticas dependem das práticas dos sujeitos que se identificam como heterossexual ou *queer*, mais do que do seu género ou da sua idade.

### 3.3 Entrevistas

Tratados os dados estatísticos dos questionários, construiu-se um guião para as entrevistas coletivas, de maneira a confirmar e expandir as conclusões tiradas das respostas ao inquérito, como já referimos na secção 2. Metodologia. Começamos por pedir aos informantes que elaborassem sobre a sua perceção do CS como indicativo de um conhecimento normal ou fraco do português e dessem exemplos de situações em que o seu uso facilitou a comunicação; inquirimos sobre o tipo de vocabulário que alternam mais e fatores que o despoleta; perguntamos se usam o CS mais com intenções de indiciar autoridade ou estabelecer intimidade; interrogamos que influência teve a *internet* e as relações pessoais na aquisição do hábito de CS; pedimos comentários mais extensivos a algumas das funções que elencávamos no questionário e a exemplos práticos de uso de CS; inquirimos sobre se os informantes viam o CS mais como uma questionação ou uma conformação com o *status quo*; indagamos sobre que variante do inglês que usavam e que valores consideravam que indexavam; e, opcionalmente, se concordavam com a expansão do conceito de etnia como é proposto por Cook-Gumperz (1986) ou Hall (1988). O guião das entrevistas consta no anexo 3.

#### 3.3.1 CS como indício de fraco conhecimento do português:

Quando interrogados sobre se a prática de CS deriva de um fraco conhecimento da língua, a maior parte dos entrevistados afirmou que não, descrevendo o fenómeno como mais abrangente. Embora os informantes concordem que CS implica uma dimensão lexical, cuja alternância se pode justificar com esquecimento, preguiça ou diferenças denotativas entre vocábulos semelhantes mas nunca equivalentes (aquilo a que os informantes chamam o “peso” da palavra<sup>42</sup>), foi também referida uma dimensão pragmática, como propôs Hoffman (1991)<sup>43</sup>, particularmente no uso de expressões fáticas como *please* ou *sorry*, usadas como atenuadores de mensagem. Abaixo transcrevemos alguns excertos de respostas que nos parecem particularmente

---

<sup>42</sup> De maneira a não sobrecarregar o corpo do texto reunimos excertos complementares em Notas de fim no Anexo 4. Estas notas estão marcadas com numeração romana.

<sup>43</sup> Cf. secção 1.3

relevantes. As intervenções da investigadora estão marcadas entre parêntesis, a identificação dos participantes está anonimizada<sup>44</sup>.

[1] TM: Existe uma componente de conhecimento lexical, sobretudo, e é um facto que se eu conhecer mais léxico português utilizo menos léxico inglês no fenómeno da substituição direta, né? Portanto quando eu estou a seleccionar uma palavra e essa palavra não me ocorre em português eu vou buscá-la em inglês. Conhecendo melhor o léxico português uso isso menos vezes; agora não é verdade que isso seja o único fenómeno de CS portanto embora o melhor conhecimento da língua oficial ajude não- acho que- não- não- não- não- suprime o *codeswitching* todo. Que facilita a comunicação acho que é óbvio. (Consegues dar-me um exemplo de CS que não seja substituição lexical e um exemplo em que facilite comunicação?) (...) Sim, o clássico exemplo do *sorry*: não é que eu não me lembre da palavra *desculpe*, não é que eu não saiba pedir perdão em português, eu uso um *sorry* por razões pragmáticas, uso um *sorry* porque é menos- é mais fraco do que- do que o *desculpe* e- e pronto isso facilita a comunicação simplesmente porque eu tenho acesso a esse pragmatismo, a ter essas diferentes *nuances*, não é? Eu posso pedir um *desculpe* assim sincero, ou posso dizer um *sorry* para pá, pronto, cala-te lá com isso.

Os falantes foram bastante honestos sobre a erosão e os limites que reconhecem ao seu conhecimento da língua materna, registando um esforço ativo para tentar restringir o seu uso de inglês a um mínimo estritamente necessário e significativo, e não caírem num facilitismo de expressão<sup>45</sup> que o inglês lhes

---

<sup>44</sup> Utilizamos uma transcrição ortográfica simples, para reproduzir as intervenções orais dos participantes nas entrevistas. Não reproduzimos muitos dos fenómenos de oralidade ocorrentes nas intervenções, atendendo a que o nosso foco, neste trabalho era o conteúdo das intervenções e não tanto a forma. Mantivemos, no entanto, possíveis incorreções linguísticas executadas pelos falantes.

<sup>45</sup> Este facilitismo pode, contudo, ser muito útil em circunstâncias de stress extremo ou ansiedade, onde a possibilidade de se impor algum distanciamento entre o sujeito e a carga sentimental que naquele momento o avassala pode ser vantajosa na gestão da situação. Um relato semelhante foi-nos confidenciado por uma informante com autismo, numa situação mais extrema, mas podemos ver versões mais moderadas deste fenómeno quando falarmos do uso de CS na discussão de assuntos sensíveis ou tabu:

[1b] CLR: Eu como pessoa com autismo, com a minha maior dificuldade que é a comunicação, que é a minha dificuldade, é comunicar com pessoas – deixem-me escolher as palavras que eu

providencia, em resultado do grosso do seu consumo de entretenimento e informação ser em inglês. Abrem-se eventuais exceções para conceitos originados e desenvolvidos por outras comunidades. No caso em questão, a informante em [2], que está inserida em vários grupos de ativismo feminista, dá o exemplo da discussão em torno do uso de *femicídio/feminicídio*, tendo-se discutido também no decorrer da conversa o uso direto ou a eventual tradução de termos como *gaslighting* ou *mansplaining*. Estes vocábulos foram criados recentemente na língua inglesa, em resposta a uma necessidade de conceptualização e sistematização de um fenómeno, de forma a facilitar o seu estudo. A discussão está a acontecer agora, mais do que na Academia, nas redes sociais e noutras plataformas digitais, onde o debate de questões sociais tem o seu maior foco. Esta questão em particular prende-se com a forma de melhor honrar o trabalho desenvolvido por outros ativistas, prestando o devido reconhecimento, porém sem ostracizar o público-alvo das várias células ativistas, que não dominam necessariamente línguas estrangeiras, nem estão a par do que se passa noutras comunidades. Estão portanto em jogo fatores de alternância em função do tema e em função do interlocutor.

[2] CA: Ok, por acaso tenho *mixed feelings* em relação- em relação a isto: não acho que seja propriamente um fraco conhecimento da língua oficial. Eu tento sempre procurar uma alternativa em português, porque nós temos efetivamente muitas palavras e acho que em muitos casos dá para falar em português. Agora, parece que há uma emoção ou uma forma de comunicação diferente que eu acho que aí já está mais associada à parte cultural. Há coisas que eu prefiro dizer em inglês, mesmo que eu saiba dizê-las em português (...) Será que isso também não pode querer dizer que eu ainda não encontrei a palavra em português que tenha todas essas características? Aí fico na dúvida

---

uso na língua que eu quiser! Por favor! Eu trabalhei- quando eu estive a fazer voluntariado com pessoas com autismo (...) quando eram não-verbais - ou eram, ou são, isto foi há muitos anos, não sei como é que eles estão. Mas muitas vezes como eles viam muitos desenhos animados noutras línguas às vezes não conseguiam dizer “para” ou “deixa” ou qualquer coisa assim do género, diziam “stop” - às vezes também nós dizemos “stop” no coloquial por causa dos sinais de trânsito - mas [eles] usavam claramente palavras estrangeiras para dizer coisas e nós percebíamos. (...) Por isso às vezes eu vou- porque eu tenho momentos de mudez com a ansiedade, já fiquei horas sem conseguir falar, escrever felizmente sempre consigo mas-mas falar às vezes é muito complicado, por isso às vezes sai-me na língua que sair e não me venham dizer “fala em português” ou inglês ou lá o que for.

(...) por exemplo noutra dia estava a debater se deveríamos dizer *femicídio* ou *feminicídio*. Nós sabemos que foi na América Latina que começaram a falar mais sobre isto, então de certa forma até faz sentido adotarmos uma palavra que neste caso é do português do Brasil e não doutra língua propriamente.

Alternativamente, pôs-se a hipótese de a tendência para a alternância excessiva resultar não de uma falta de proficiência linguística na língua portuguesa, mas de uma falta de proficiência cultural – ideia que foi proposta, independentemente, em várias reuniões, com particular ênfase na desproporção sentida por todos no consumo de *media* anglo-americanos, em detrimento dos nacionais<sup>ii</sup>:

[3] GSL: Eu pergunto-me até que ponto é que essa absorção de um anglicanismo não revela fraco conhecimento da língua oficial mas pode revelar um fraco conhecimento de referências? Não revela falta de inteligência, não revela falta de conhecimento da língua (...) mas muitas vezes falta de referência.

Ainda assim, vários respondentes fizeram questão de salvaguardar como, por norma, a flutuação entre línguas implica um domínio maior e não menor das duas ou mais línguas, tal como Blom e Gumperz (1972) primeiro apontaram<sup>46</sup>. A falácia que sugere que os pares monolingues, em virtude da sua prática unitária da língua nacional, dominam o código com maior mestria foi reprovada pelos participantes. Neste excerto, a informante dá o exemplo de dois grupos com quem mantém interações, sendo um deles proficiente em inglês e o outro não, ilustrando como, contrariamente à proposição que o grupo monolingue teria um maior domínio da língua materna, por não sofrer de fenómenos de interferência de uma língua estrangeira, estes se caracterizam, na verdade, por um nível de proficiência menor do que o grupo bilingue. A informante justifica este facto, propondo que os sujeitos que, em virtude de um maior interesse, ou de maiores possibilidades, se educaram também numa cultura estrangeira, mantêm essa mesma dedicação e compromisso com a sua língua nativa; enquanto os seus pares não a fomentam nem por uma língua, nem por outra.

---

<sup>46</sup> Cf. secção 1.2.

[4] LS: Tu lembras-te de uma vez eu te ter dito que no meu grupo de amigos aqui em casa, familiar, aqui de Gondomar, eu era a única pessoa que tinha seguido para o ensino superior? (...) Com essas pessoas eu não uso tanto o tal *codeswitching* mas por exemplo se for com um grupo da Faculdade ou um grupo do ballet-teatro ou um grupo de tipo pessoal que já tem esse conhecimento já usamos o tal *codeswitching*. E lá está, não concordo que denote um fraco conhecimento da língua oficial porque eles também não têm um grande conhecimento da língua oficial. Enquanto que com o pessoal da Faculdade, ou o pessoal do ballet-teatro, ou outro grupo de amigos qualquer, que tenha mais formação, mesmo a nível da língua oficial, e que é pessoal que lê e que- que se educa, pronto, informalmente, que procura ler e procura cultura. O pessoal aqui é um bocado – eu peço desculpa aos meus amigos, eu espero que eles nunca vejam este vídeo - mas é verdade a cultura deles é muito redes sociais e *facebooks* e *memes* e séries, muito *mainstream*. Não há, tipo, leitura- não há literatura e, pronto, também há um fraco conhecimento da língua oficial.

### 3.3.2 Intencionalidade do CS:

Não é unânime entre os participantes se o uso de CS é sempre intencional, sempre inconsciente, ou em que proporção incorrem num ou no outro, contudo, cerca de metade mostrou-se convicta do carácter marcado do seu uso, sendo capaz de mapear as intenções e os efeitos que pretendia com a sua alternância. Neste exemplo o respondente descreve como alterna entre português, inglês e francês, de forma a estabelecer intimidade, em função do domínio do tópico. Podemos pensar neste como um exemplo paradigmático de *metaphorical switching* (cf. Blom e Gumperz, 1972)<sup>47</sup> – o falante começa o seu discurso na língua matriz, o português, trocando para francês, por ser a língua de ensino da Escola francesa, que os alunos integram; e para inglês,

---

<sup>47</sup> Cf. secção 1.2.



por ser a língua em que se encontra mais profusamente informação *online*, sem nunca sinalizar uma alteração na relação entre locutor e interlocutor<sup>48</sup>.

[5] BP: Eu ainda hoje de manhã dei aulas aos meus alunos. A aula- o grosso da aula - eu faço em português porque eles são portugueses e portanto é uma forma de imediatamente criar afinidade, ok? Depois, sempre que é preciso sublinhar ou re-explicar algo de uma forma mais assertiva, ok? uma definição, um teorema - eu mudo para o francês. Mudo para o francês porque a educação deles é em francês. E sempre, ou quase sempre que é para generalizar outros aspetos do tema, eu mudo para inglês - e a razão pela qual é porque embora francês já seja um mundo de diferença em relação à quantidade de conteúdo que existe em português - bom conteúdo - inglês ainda é outro mundo diferente. Por isso sempre que eu quero que eles possam desenvolver por si só de uma forma autodidata eu faço questão de lhes dar as ferramentas para isso através do inglês. Portanto, numa mesma frase, ou num período de cinco minutos, acaba por haver esse *codeswitching* entre essas línguas com propósitos muito diferentes e que é perfeitamente intencional e nunca fortuito.

### 3.3.3 Alternância em função do interlocutor:

Em relação à alternância em função do interlocutor os respondentes concordaram, na sua maioria, que dependendo de se se dirigem a pares íntimos, colegas de turma/trabalho, conhecidos, ou elementos de outras gerações, o seu uso de CS varia, não só como consequência de variáveis níveis de proficiência, mas também de preconceito dos interlocutores. Alguns respondentes descreveram um processo semelhante àquele que Myers-Scotton classifica como *CS exploratório*, alternando entre códigos de forma a determinar qual o registo menos marcado, que deixará o interlocutor mais confortável no contexto da interação.

---

<sup>48</sup> «In neither of these cases is there any significant change in definition of participants' mutual rights and obligations. The posture of speakers and channel clues of their speech remain the same. The language switch here relates to particular kinds of topics or subject matters rather than to change in social situation.» (Blom e Gumperz, 1972: 425)

[6] CF: Tu sabes que és amigo dessa pessoa quando comesas *codeswitching* e tu vais apalpando o terreno com os *normies*<sup>49</sup> que conheces, tipo, as pessoas *random*.

Neste exemplo a informante, que se assume como membro da cultura *alterna*, descreve o processo de interação com outros sujeitos, que identifica como membros da cultura *normie*, como um processo que exige uma averiguação cuidada do à vontade do interlocutor com diferentes níveis de inglês, de maneira a não o ostracizar da conversação. Neste caso, a falante não se refere só a uma escalada do nível de proficiência de inglês, mas também dos tipos de registos e dialetos em que pode incorrer, assim como tipo de calão ou vocabulário específico de comunidades restritas, para além da questão do preconceito – como analisaremos mais à frente.

Esta alternância entre diferentes “tipos de ingleses” ou vocabulário específico das diferentes comunidades pode anexar afiliações identitárias profundas (à comunidade LGBTQ+, por exemplo), funcionar apenas como colorido de linguagem ou indicar interesse por um *fandom*<sup>50</sup> particular:

[7] CA: uma das pessoas que eu mais ouço a dizer isso [*slay, sahsay away*] é o meu namorado, porque curtiu também a série [*RuPaul’s Drag Race*], e não o vejo a incorporar isso de todo [identidade LGBTQ+], acho que foi só porque gostou. Mas há pessoas que o fazem, sim, mas acho que tem toda uma outra performatividade que eu pessoalmente não procuro (...)

MC: O objetivo é mesmo esse, é encontrar pessoas (...) Isso é simplesmente sobrevivência social. Eu não quero mostrar que conheço, eu não quero mostrar que sei, eu quero ver quem é que vai entender, quem é que se vai rir disto também – “ah tu, vou falar contigo”.

Esta prática confirma a descrição de Gumperz (1982)<sup>51</sup> sobre o uso de CS para selecionar ouvintes e estabelecer empatia com os elementos da tribo que se pretende

---

<sup>49</sup> *Normies* é a abreviatura de *normal people* (“pessoas normais” em inglês), normalmente usado por oposição a *alternos*, para identificar sujeitos que fogem menos ou mais da norma padrão de comportamento, respetivamente.

<sup>50</sup> *Fandom* – grupo de fãs unidos pela sua dedicação a uma equipa, banda ou tipo de entretenimento específico (tradução própria da definição apresentada pelo Dicionário Macmillian).

<sup>51</sup> Cf. secção 1.6.

integrar, funcionando a língua como um marcador identitário. Neste excerto, as informantes discutem como o uso de determinado jargão pode servir como um marcador de identidade sexual ou de género, usado por pessoas *queer* para identificar outros membros da comunidade LGBTQ+, ou, alternativamente, como uma forma de indicar que se é um aliado, isto é, um indivíduo não homofóbico, junto de quem as pessoas *queer* não precisam de se sentir coibidas, inseguras ou mascarar o seu comportamento para se conformarem com o padrão heteronormativo<sup>52</sup>. Outra hipótese é aquela referida pela segunda informante, que admite fazer piadas internas a uma certa comunidade de fãs, de forma a identificar sujeitos com gostos e interesses coincidentes aos seus, e assim fazer uma pré-seleção mais eficiente das suas interações – uma versão mais moderada do caso descrito em cima.

Em regra geral, os falantes afirmam fazer por acomodar os seus interlocutores de acordo com o conforto que exibem com o inglês ou o preconceito que deixam transparecer<sup>53</sup>. Esta tendência vai ao encontro daquilo que vimos sobre o trabalho de Giles e Powesland e a adaptação da SAT a situações de CS<sup>54</sup>. No excerto abaixo, os informantes descrevem como se adaptam ao código não marcado dos seus interlocutores, seja ele CS entre português/inglês padrão, isto é, alternância entre as normas padrão de português e inglês, sem interferência de outros dialetos ou registos;

---

<sup>52</sup> «Conceito ou visão que estabelece como norma a heterossexualidade e a instituição de categorias distintas, rígidas e complementares de masculino e feminino.» “heteronormatividade”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/heteronormatividade>.

<sup>53</sup> Registamos também situações em que um falante baixou o seu nível de inglês para acomodar outro falante. As interações descritas neste contexto incluem todas interlocutores não nativos do português e, como tal, estão fora do escopo do nosso estudo. Contudo, ilustram como o inglês, da forma que é usado por estes falantes, não pretende indexar um alto nível social ou grau académico, apenas estabelecer intimidade. Segue-se o princípio de *let it pass*, proposto por Firth (1996), o qual parte do reconhecimento que todos os participantes na interação são não-nativos, ativando práticas linguísticas mais flexíveis de forma a facilitar a comunicação.

[7B] GG: Mas quando as pessoas à tua volta não falam, não têm o mesmo nível, ele, por exemplo, tentava falar mal, tipo um bocado à Borat, estás a ver? na brincadeira (...)

TG: Não, isso é o que eu fazia em Macau, tipo, por mais que nós usávamos o inglês para comunicar com pessoas que não falavam o português, a verdade é que nós- eu pelo menos - tipo, subconscientemente falava *broken English* para fazer-me entender às pessoas que não tinham o mesmo domínio de inglês que eu, só porque eu falava muito rápido. Tenho por hábito usar vocabulário mais intransigente, mais impenetrável e como tal faço isso. É um bocadinho danado porque a partir de um momento eu não sei qual é a relação que está ali a ser feita - será que eu estou quase a infantilizar a pessoa?

<sup>54</sup> Cf. secção 1.5.

discurso *queer* ou português monolíngue, mesmo que nenhum desses seja o código não marcado dos do falante.

[8] VM: Por fazerem algum *codeswitching* quando eu estou a falar com essas pessoas eu própria me deixo levar por esse *codeswitching*.

[9] GSL: A nível de amigos acho que depende muito, lá está, como a CG disse, depende muito da situação, não é? quando eu estou com os meus amigos- e também depende do que eles veem, não é? Por exemplo, há muitos amigos meus, até mais da comunidade *queer*, que eles veem muito, por exemplo, RuPaul e isso - eu não vejo - e muitas vezes eu sinto que eles estão a falar uma língua diferente da minha, eles criaram toda uma espécie de- absorveram toda uma espécie de vocabulário que é completamente inerente ao programa. E esse programa obviamente que também absorve muito da cultura *queer*, e eu não vendo esse programa estou completamente *outed* da conversa porque eu não- e há muita coisa que eu não sei – portanto depende. (...) E depois mais uma última categoria são os meus amigos que se recusam terminantemente a falar inglês e que até criticam o facto de termos que recorrer ao inglês, ou seja, pessoas que gostam bastante da literatura – purista - e dos grandes clássicos, e pronto, acabamos – eu acabo um bocadinho por não usar tantos termos em inglês a não ser para fazer piadas por exemplo “ah, *hashtag* coiso” ou - pronto, esse tipo de piadas. Às vezes quando nós queremos dizer uma piada ou recorrer ao humor também usamos muito o inglês.

O mesmo se aplica a contextos profissionais, onde a maior parte dos entrevistados admite que o preconceito contra o uso de CS é maior. Esta ideia varia de acordo com o perfil do superior hierárquico, mas é, no geral, encarado como pouco profissional, juvenil e indicador de pouco cuidado com o registo.

No caso abaixo, tratando-se da referência a dois professores, o primeiro docente é significativamente mais novo que o segundo, tendo estudado no Reino Unido e conduzindo trabalho numa área relativamente recente, com profunda influência do mundo anglo-americano; enquanto o segundo não só é mais velho, como conduz trabalho numa área com uma tradição já plenamente estabelecida em Portugal; ainda que ambos sejam perfeitamente fluentes nas duas línguas. Não é certo

até que ponto esses fatores têm influência na atitude dos docentes, contudo, é possível que de alguma forma contribuam para uma eventual explicação, particularmente se tivermos em conta os trabalhos que revimos sobre a importância da idade e do meio na percepção de CS<sup>55</sup>:

[10] RR: Com o Professor X o que me acontece é que pronto é um contexto mais formal, realmente, porque estás numa reunião com um superior, mas o que acontece é que eu estou a falar com ele como se estivesse na mesa do café. Não, pronto, não me sai assim as asneiras que se calhar me sairia na mesa de café, mas em termos de *codeswitching* e de vocabulário em si é tudo muito básico, tudo muito simples (...) Há muitas expressões que nós estamos a conversar, não sei quê, e como a bibliografia aí é inteiramente em inglês ele vai buscar o termo em inglês, usa o termo em inglês e já aconteceu vezes em que ele me espe-, pá, em termos de texto ele lançou-me uma frase e meia em inglês. Só que também foi estabelecido desde início que eu que me dava muito bem tanto com o português como com o inglês, portanto se ele preferisse também estava ok. Depois também tive outra situação em que com a Professora Y eu usei- fiz- eu já não me lembro o que é que foi mas foi assim um conector, assim uma coisa muito básica, eu acho que foi mesmo o *regardless* que eu tenho mesmo dificuldade em encontrar essa- essa expressão em português e eu falei e eu disse “oh Professora, desculpe, eu não me lembro mesmo do termo em- não me lembro mesmo do termo em português” não sei quê, e a Professora ficou a olhar para mim, tipo, como se eu fosse verde. Portanto se calhar para uns está tudo bem e para outros, pronto, demonstra aquela falta de formalidade ou andamos aqui a brincar ou, pronto.

Excepcionalmente, tivemos uma informante que considerava o CS como parte tão integrante do seu discurso normal, servindo como marcador de familiaridade, que afirmou não fazer adaptações de acordo com o interlocutor, nem mesmo quando este não é proficiente em inglês<sup>56</sup>:

---

<sup>55</sup> Cf. Gardner-Chloros, McEntee-Atalianis e Finnis (2005), Dewaele (2010) ou Dewaele e Wei (2013b) – secção 1.4.

<sup>56</sup> Os falantes parecem concordar que o inglês, como é usado pela sua geração, é mais uma ferramenta para incluir falantes do que para os excluir. É dado o exemplo particular da Academia, onde circulam

[11] CF: A minha maneira descontraída e familiar de falar inclui *code switching*, por isso eu não vejo razão para estar a inibir-me de falar de uma forma confortável e casual com pessoas que me são próximas, mesmo que eles não percebam.

AO: Mas não perdes aí o *meaning*, tipo, das palavras, o contexto que estás a falar?

CF: Não, da maneira como eu faço *codeswitching* com os meus pais são coisas que, tipo: um, eles já apanharam pelo sentido, são coisas que dão para apanhar pelo sentido; ou eles depois de mil vezes eu a dizer acabaram por saber o que é que é.

### 3.3.4 CS como código de assuntos sensíveis

São raras as circunstâncias em que os informantes admitiram usar CS para excluir observadores da conversa, em parte porque o inglês é tão difundido que é difícil encontrar quem não o entenda<sup>iii</sup>, como apontaram vários participantes. Desta forma, a ostracização com base no uso da língua ficou quase exclusivamente reduzida a elementos da geração mais antiga, podendo, em situações excepcionais, ser usado com pares. Nos exemplos abaixo, encontramos testemunho de falantes que alternam para inglês de forma a impedir que adultos mais velhos os entendam, caso não queiram ser ouvidos, seja por crerem que seriam mal recebidos ou porque pretendem discutir assuntos sensíveis ou tabu. Da mesma forma, em situações extremas, o inglês pode funcionar, entre pares da mesma geração, como um código de emergência para garantir a segurança dos membros de um grupo, sem hostilizar os potenciais agentes de violência também presentes. Este sistema só funciona quando os sujeitos estão

---

muitos alunos estrangeiros, ainda em processo de aprender português, e onde o inglês como língua franca e língua de cultura, assume o papel de ponte. A situação não é equivalente para o ensino preparatório onde prevalece ainda a associação do inglês a valores de *coolness* e autoridade cultural, servindo a língua como instrumento de hierarquia e exclusão, como analisaremos mais a fundo, mais à frente. Deixamos este excerto em nota de rodapé uma vez que o uso de inglês entre jovens portugueses e estrangeiros não é o foco do nosso trabalho, contudo, parece-nos que este testemunho é profundamente indicativo da visão que os nossos respondentes têm sobre as potencialidades de aproximação ou ostracização de uma língua.

[11b] JZ: O inglês em ambiente académico é mais uma questão de integração do que propriamente de exclusão, enquanto que na escola notava que havia mais essa exclusão.

plenos de certeza que o código é partilhado pelos membros internos ao grupo, mas não pelos externos:

[12] TM: Eu tenho experiência com algum tipo de exclusão mas mais de ordem geracional. Portanto numa mesa onde há *Boomers* e *Millennials*, por exemplo, é frequente *Millennials* usarem o inglês para excluir os *Boomers* da conversação.

[13] RR: Nos vamos sair à noite e já toda a gente sabe que há sempre um piropo para aqui, um piropo para acolá, e malta assim a meter-se e que não é muito bem-vinda. O que acontece é que as pessoas na mesa, que eu tenha conhecimento, sabem todas inglês, e são fluentes em inglês, e o que acontece é que elas são capazes de falar connosco em inglês para o sujeitinho que está extra, que veio incomodar, não perceber. E normalmente são perguntas tipo *Are you safe? Do you need help? Do you need anything?* tipo, só para- só para ter a certeza que tu estas confortável com a situação sem teres que entrar ali logo imediatamente num conflito, pronto, com a entidade extra que compareceu sem ser chamada.

Relativamente ao uso de inglês como código privado perante a necessidade de discutir assuntos sensíveis ou tabu, temos o testemunho de uma falante, que dá o exemplo de temáticas sexuais como um tópico frequentemente discutido em inglês, não em virtude do assunto, mas da reação negativa dos observadores circundantes a discussões sexuais abertas num espaço público.

[14] GG: Ou, tipo, se quiseres dizer algo que é um bocado tabu ainda, por exemplo questões de relações íntimas sexuais, e estás com a tua amiga a passar na rua mas, por exemplo, há vários velhinhos, e tu estás a dizer “olha, aconteceu isto e isto ontem à noite” mas em vez de dizer “olha, fiz isto e isto ontem à noite com 80” dizem em inglês e ninguém te olha de lado, ninguém te vai julgar.

A língua de comunicação de tópicos sensíveis não é consensual aos participantes, dividindo-se estes entre aqueles que consideram que o uso de inglês depreende uma certa intenção de distanciamento ou cobardia ou proteção da

magnitude desses sentimentos<sup>iv</sup>, em virtude da diferente conexão emocional que os participantes sentem com as duas línguas; e aqueles que assumem que obtiveram a sua educação emocional na *internet*, dela derivam todos os seus mecanismos de processamento e autoanálise e por isso, sendo-lhes mais fácil discutir emoções em inglês, fazem-no sem sentirem que se traem a si próprios:

[15] MR: Eu sinto que falo muito inglês porque eu escolho falar inglês, acho que é, tipo, uma decisão muito consciente de eu consigo expressar-me melhor em inglês então eu vou usar o inglês.

[16] MC: Eu tenho um amigo que quando está chateado, triste, ou com emoções muito fortes ele liga-me, manda-me mensagens, e fala, em inglês – unicamente - e houve uma vez que eu tive que dizer “olha, eu preciso que pares porque chega um momento em que eu não te levo a sério, porque eu sinto que isto é performativo, e eu sei que não é, que é só assim que tu sabes expressar-te, porque foi assim que tu começaste a educar-te acerca da tua saúde mental e acerca da tua maturidade emocional, foi assim que tu aprendeste a comunicar as tuas emoções mas eu não consigo ser boa amiga - e isso é um problema meu - mas eu não consigo ser boa amiga se tu me falas sempre em inglês. Preciso que fales comigo em português quando tens algum problema mais grave. Se não conseguires eu vou dar o meu melhor mas temos que arranjar um equilíbrio”. E senti isso com outros amigos também da comunidade LGBTQ+.

### 3.3.5 A comunidade LGBTQ+

Esta relação entre a comunidade LGBTQ+ e um uso mais produtivo de CS é referida, independentemente, nos vários grupos de respondentes. A hipótese é a de que os sujeitos *queer* se sentem mais atraídos pela *internet*, na medida em que, em comparação com os seus pares heterossexuais, lhes é disponibilizada, pelas vias tradicionais, menos informação, ou informação menos adequada, sobre a sua identidade, educação sexual, saúde mental, relações alternativas, etc, e isso os impele a procurá-la autonomamente. A integração numa comunidade *online* redefine as afiliações do sujeito, que passa a anexar uma identidade mais multidimensional do que



a dos seus pares heterossexuais, confirmando aquilo que Hoffman (1991)<sup>57</sup> sugere sobre o potencial do CS como um marcador de identidade coletiva<sup>58</sup>. Estes testemunhos comprovam também o que a análise estatística da secção anterior propôs.

[17] CA: Eu penso que muita gente que introduz o inglês no vocabulário são pessoas, por exemplo, que fazem parte do LGBTQ+, que tem questões associadas à sexualidade e à identidade de género e que por isso também se juntam nesse sentido e que também reforça a sua pertença ao seu grupo de amigos, por causa dessa comunidade na *internet* que não existe cá fora. Ou seja, quando existe um certo grau de separação da pessoa com o mundo presencial, não da *internet*, penso que também tem mais tendência a cair para o inglês.

A própria comunidade é, como apontaram os entrevistados, um meio de entrada de vocabulário estrangeiro, estando tão densamente conectada com focos em diferentes países. São exemplos disso os termos *twink* ou *bear*, mas também *drag queen*, *butch*, *femme*, *furry*, *queer*, etc em circulação na comunidade, sem tradução disponível. Da mesma forma, o carácter insurreto e desafiador da comunidade transborda para a língua, desafiando estruturas linguísticas como a coordenação de género. Nestes casos, o domínio de um léxico em inglês serve o propósito de coesão e identidade grupal:

[18] GSL: Há muito vocabulário que é inerentemente [*gay*], pá, por exemplo, naquela categorização não é? O *twink*, o *bear*, oh pá, isso são coisas que estão muito presentes (...) Sempre houve muito mais vocabulário em inglês precisamente porque sempre houve muito calão associado- precisamente porque em Portugal não havia- não se iniciaram aqui esses movimentos portanto foi tudo muito importado

---

<sup>57</sup> Cf. secção 1.3.

<sup>58</sup> A abrangência desta hipótese envolve conhecimentos de sociologia que a autora não tem e que este trabalho não pretende abordar. Fica apenas registada a hipótese como foi colocada pelos informantes, não só porque nos parece relevante, mas também porque estatisticamente não é desprezável. Poderá eventualmente ser respondida por outros autores, noutros trabalhos.

[19] RW: “És tão burra” é meme. Sem mudar o pronome [género]. Tem que ser “És tão burra”.

PC: É *queer language*.

RW: É *queer language, for sure* (ah, estás-me a dizer que nunca dirias “És tão burro”?) Não! Não tem o mesmo sentido.

PC: É linguagem da bicha (...)

IS: Eu acho que ele está a tocar num ponto importante que é a questão, tipo, cultural (...) eu acho que falar no feminino, pelo menos sendo portugueses, tem poder porque o português é- tem uma carga muito masculina - a língua. E eu acho- por isso acho que essa pode ser a explicação, se calhar, numa questão mais de libertação, falar no feminino.

### 3.3.5 Vantagens sintáticas do inglês:

O carácter profundamente marcado do português a nível de género, assim como a sua formalidade<sup>v</sup>, a complexidade do seu sistema de cortesia, e a sua resistência à criação de neologismos, foram tudo características frequentemente apontadas como estruturas que motivam os falantes a preterir a língua nacional e a recorrer ao inglês:

[20] LP: Acho que o inglês tem duas grandes vantagens [gesto de aspas] - não num sentido- na minha perspetiva crítica: em termos de formas de tratamento é uma língua muito mais acessível do que o português - é uma língua muito marcada do ponto de vista de- a diferença entre a 2ª pessoa do plural e do singular - por isso o inglês pode ser uma forma de mitigar estas dificuldades - porque o *you* é muito mais universalizável. Em termos de tratamento de género também é uma língua que não tem género marcado, portanto que também tem- em certos contextos ajuda, porque permite-nos libertar um bocadinho dessas- dessa norma e dessa- dessa norma mais restrita que temos em português.

[21] BP: Apesar do português ter muito mais palavras - muito mais no sentido de alguns milhares mais - o inglês tem uma facilidade enorme, nomeadamente através de *portmanteau words* de criar neologismos. Nós temos - as línguas latinas em geral - uma inércia muito maior a criar

neologismos, portanto quando vocês dizem “*ok, you’re phubbing me*” para dizer que está a ignorar com o telemóvel é simplesmente um exemplo de que o inglês se molda quase de imediato à *internet*, e à forma como a sociedade vai evoluindo, e às necessidades da sociedade. E depois a maior parte das outras línguas vai de arrasto e criar, sei lá, 20 anos depois a palavra “alunar” só para dizer uma coisa que já aconteceu e que já nem sequer faz sentido. Portanto acho que isso é a explicação - a explicação não, a diferença – entre, se calhar, a riqueza absoluta e a riqueza relativa, efetiva.

Quando interrogados sobre se o inglês era mais eficiente/económico, vários participantes referiram falar sozinhos em inglês, muito mais do que em português, não associando necessariamente estes dois eventos como causa e efeito, mas não deixando de o referir. A falante que citamos abaixo chega mesmo a propor a relação:

[22] MF: Eu acho que inconscientemente é um fator porque inconscientemente eu acho que quando penso mais rápido é muito mais provável eu pensar em inglês quando estou a pensar rápido e acho que os pensamentos fluem mais rápido em inglês porque a língua é mais eficiente.

Da mesma forma, os falantes referiram que, por vezes, recorrem a CS porque a progressão do seu pensamento implicaria que recomeçassem a frase para acomodar sintaticamente a ideia nova, contudo, sendo o inglês sintaticamente mais flexível, o recurso a CS acaba por ser uma solução mais prática:

[23] AO: Há uma cena que também acontece, não sei se é geral, mas às vezes eu uso, tipo, as regras de português no inglês, tipo, “*thats very much dumb*” em vez de dizer, tipo, “*thats really dumb*” – não sei se, tipo, se conta (Sim, sim, isso é muito interessante, usas uma sintaxe portuguesa mas em inglês) Exatamente. (Portanto não é só vocabulário, também é sintaxe?) Exatamente.

### 3.3.6 CS como marcador de intimidade ou prestígio:

Outro valor que motiva o uso de CS, segundo os relatos dos nossos informantes, é a potencialidade do mesmo como marcador de intimidade, útil para distinguir as relações próximas das superficiais. Tal como o excerto abaixo sugere, um

registo monolingue é mais associado a situações com alguma formalidade e uma amizade que coíba um discurso não marcado transpõe alguma dessa formalidade, restringindo o nível de conforto e conseqüentemente de intimidade que pode ser estabelecido. O domínio de várias línguas sugere um conhecimento de várias culturas, sendo que a partilha de referentes culturais é uma estratégia basilar na construção de intimidade:

[24] TG: Para mim é-me difícil imaginar eu dar-me com alguém que só fala exclusivamente português porque para mim isso pertence ao domínio de pessoas com quem eu falo num contexto académico ou num contexto familiar mas aí está, é-me ingénuo da minha parte achar que não existe esse jeito; mas por outro lado tanto daquilo que eu consumo, daquilo que eu penso, daquilo que- daquilo que eu penso, daquilo que eu vejo, daquilo que eu falo, tem tanto a ver com o inglês - e não só com o inglês - o inglês, o francês, o italiano, cantonense, tipo, para mim é-me inexorável à maneira como eu penso usar conceitos e enriquecer a maneira como eu penso com outras línguas. Eu só consigo imaginar que cria uma barreira entre mim e alguém que só exclusivamente fala uma única língua, não sei, é a cena da comunidade. É quase bizarro porque isso-

GG: -mas então tu dirias que tu escolhes as tuas amizades com base também no domínio linguístico que têm em diferentes línguas?

TG: Eu não escolho- eu não escolho, mas eu consigo confirmar que me sinto mais confortável com gente na qual consigo fazer- inevitavelmente, claro que crio laços mais fortes.

A construção de uma relação próxima pode também passar por um uso intencionalmente incorreto do inglês, com propósito humorístico<sup>vi</sup>, incluindo sotaques forçados, decalques e abuso das estruturas sintáticas. Mais uma vez, notamos como o uso de inglês informal não pretende anexar valores de posição social ou académica alta, antes estabelecer aproximação:

[25] CR: Tem piada nós gozarmos com nós próprios, tipo a fingirmos que não sabemos falar inglês, e também mostrar que estamos à vontade um com o outro para só dizer merda.

[26] KS: Nós até inventamos palavras, por exemplo, principalmente verbos, imagina - oh pá, imagina – estou- gosto mesmo dumas sapatilhas que um amigo meu tem, nós dizemos todos, tipo, “olha, ‘tás a *rockar* grandes sapatilhas” ou “‘tás a *flexar*”, estás a ver? Tipo, é mesmo muito comum. E depois, talvez consequência de jogarmos, imagina, vou dar um exemplo muito específico, pronto: eu tinha um grupo com que jogava CS, estás familiarizada com Counter Strike, não estás Ana? E imagina, nós- é muito comum jogares com pessoal de todos os países e tu dizes “*could you please drop me an AWP or drop me a AK*”, “*drop me*” tipo “*droppar* a arma”, tipo, lá está, estás a ver? “*droppar*”, e depois entre nós dizemos “olha, *droppa* aí, *droppa* aí uma AK”.

A questão dos valores de estatuto e prestígio anexados pelo inglês, contudo, não é unânime: enquanto os falantes reconhecem que, num contexto de trabalho, o CS entre português e inglês pode representar maior nível de formação<sup>vii</sup>, uma educação no estrangeiro, pensamento original ou mundividência – como é sugerido por Kachru (1889) e Kamwangamalu (1989)<sup>59</sup> – ele pode também representar arrogância, vacuidade, exibicionismo ou ainda falta de profissionalismo e de aptidão, dependendo do cargo ocupado<sup>viii</sup> (comparando por exemplo um estagiário e uma posição administrativa):

[27] CD: O principal momento em que faço *codeswitching* e troco de uma língua para a outra é em ambiente mais científico, ou seja, às vezes há uma expressão que define mesmo bem o que tu queres e em português essa expressão não existe, ou existe parece que estás a dizer uma coisa errada, por exemplo “*scaffold*” em inglês, que é muito usado em Biocel, em Biomateriais, etc, se traduzirmos para português fica “andaime” e é muito estranho, portanto, eu vejo mais nesse cenário.

---

<sup>59</sup> Cf. secção 1.3.

[28] GSL: Sempre que eu ouço uma pessoas ou a falar muito- fazer muito *codeswitching*, das duas uma: às vezes, ou eu acho que é, pá, gen-z - está cada vez mais - é Gen Z total; ou então aqueles empreendedores que eu, meu deus... “ah agora vamos fazer um *briefing* e vamos fazer tipo” – ai isso é... Pá, eu nem sei esses termos, percebes? Houve várias vezes que fui a entrevistas de emprego e as pessoas diziam “vamos fazer um *group session*” - pá, não faço a mínima ideia... Eles diziam, tipo, coisas para lá e eu ficava, tipo “ok, fixe, vamos fazer uma sessão de troca de ideias”, não sei... E eu quero evitar isso, porque sou uma pessoa que, pá, eu gosto de pessoas e tudo, mas às vezes fico assim um bocado “...hm porquê?” Às vezes parece que as pessoas só querem mostrar que são tipo frescas e modernas e uhh, percebes? E “sou tão global!” E às vezes acho mesmo que isso só não reverte tanto a favor delas. Na minha perceção pessoal fico, tipo, “pá, tu não és assim tão global quanto pensas que és...”, percebes?

Como o excerto acima refere, a perceção do CS como fonte de prestígio é mais uma ideia da geração anterior e não desta<sup>60</sup>, que domina o inglês, o conhece na sua multiplicidade, e o entende como demasiado díspar para poder anexar qualquer valor<sup>61</sup>. Somos lembrados da proposta de Bourdieu (1977)<sup>62</sup> sobre como o capital

---

<sup>60</sup> Apesar do nosso estudo não fazer uma análise transgeracional da perceção dos falantes sobre CS, não nos sendo portanto possível confirmar as conclusões de Gardner-Chloros, McEntee-Atalianis e Finnis (2005), Dewaele (2010) ou Dewaele e Wei (2013b) para a sociedade portuguesa, este testemunho vai de acordo com as descobertas dos primeiros sobre como são os elementos com menor escolarização que têm a reação mais positiva ao CS:

[28b] JZ: Eu acho que, pelo menos no caso dos meus avós, há muito a ideia contrária, a ideia de que se nós misturamos inglês- português com inglês com outras línguas é precisamente porque temos um bom conhecimento de português e estamos a aprender mais sobre algo. Então os meus avós e outras pessoas - a minha bisavó também - quando eu uso, por exemplo, inglês no meio, eles não percebem mas no entanto acham “então é porque estás a fazer um bom trabalho na faculdade, é porque estás- consegues falar com o mundo todo”.

<sup>61</sup> Poder-se-á adiantar a hipótese de que o surgimento de um certo sentimento anti-anglo-americano, especialmente a partir de 2016, talvez, com o referendo do Brexit e a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos da América, tenha contribuído significativamente para a queda do prestígio popular que o inglês tinha, particularmente durante os anos da adolescência dos falantes.

[29b] BA: O dialeto mais falado na *internet* é o quê? É Ebonicus, né? É mais assim um mix de palavras hispânicas e mexicanas e da América latina e expressões e palavras do ghetto americano, e portanto – não estou a dizer que é errado as pessoas falarem assim, mas é claramente um nível mais casual, mais informal da língua inglesa que acaba por tirar algum prestígio à complexidade que a língua podia ter doutra forma. E à medida que esse tipo de dialeto se vai espalhando e vai abrangendo mais pessoas, e vai amalgamando mais pessoas, vai acabar por causar que o prestígio da língua inglesa acabe por descer.

linguístico pertence ao grupo que consegue convencer o resto do sistema da superioridade hegemónica da sua variedade. Enquanto nos primeiros anos de adolescência o inglês é ensinado nas escolas, na sua versão britânica, como uma língua de grande prestígio, com o passar dos anos, o contacto com as múltiplas variantes leva os sujeitos a terem de decidir a que norma se desejam afiliar. Cada sujeito atribui à sua norma o prestígio máximo, seja esse prestígio oriundo de estatuto socio-económico, educação, razões emocionais, etc, tentando, como Bourdieu sugere, convencer os outros da superioridade da sua variante. A isto acresce uma renitência de certas potenciais europeias como a França, a Itália ou a Espanha para reconhecer o monopólio do inglês como língua de cultura – facto notado pelos falantes, como transcrevemos em baixo. Enquanto Gal (1988) descreve o uso do Alemão L2 como um marcador de autoridade na sociedade Húngara, na comunidade portuguesa, na faixa etária que estudamos, o inglês, parecem indicar os falantes, não encerra os mesmos valores:

[29] JPM: Eu acho que quando uma pessoa usa inglês para tentar- que eu vejo que a pessoa está a tentar elevar-se acima da média usando um termo em inglês, eu até vejo isso como um fator de ridicularização, porque o inglês para mim, a nível de prestígio, está abaixo do português. Claro que em termos de importância não, mas em termos de prestígio, se uma pessoa ouvir outra pessoa a usar uma palavra estrangeira, por exemplo em alemão ou em francês ou em italiano - e em Portugal víamos isso muito há 50 anos para trás, por exemplo- como é que era aquela personagem d’*Os Maias* que se estava sempre a usar palavras em francês para se armar? (O Dâmaso) O Dâmaso! É um bocado isso, o inglês não tem esse, nunca teve e provavelmente nunca terá, esse peso que o Francês tem.

### 3.3.7 Perceção geracional e ameaça do CS à integridade da língua:

Vários falantes referiram como a sua visão do fenómeno evoluiu também ao longo da sua juventude, sendo mais prevalente a associação do uso de inglês a um tipo de estatuto ou a *coolness* nos anos da adolescência<sup>ix</sup>. Isto despoletava uma espécie de admiração-ódio pelos sujeitos que faziam CS com mais naturalidade, tal como

---

<sup>62</sup> Cf. secção 1.8.

Rampton (1995) descreve em referência aos sujeitos que marca como “*posh*” na comunidade inglesa que estuda. Ainda assim, na sua generalidade, todos os falantes concordam que esse sentimento se desvanece com a entrada no período adulto:

[30] CL: Acho que isto depende um bocadinho da idade que temos, sim. Eu diria que quando somos adolescentes mostrarmos assim que nos desenvolvemos bem no inglês, que pode dar- ou acharmos que nos dá, um ar de *coolness*, assim assim. Mas acho que, pronto, depois, com o passar dos anos, isso nos passa completamente, e o que é que é isso de “ah wow eu sei trocar entre as duas línguas” – não interessa a ninguém. (...) Na adolescência, em que estamos contra tudo e contra todos, não sempre, mas faz parte mesmo da adolescência ser uma altura de questionamento relativamente a tudo, e também de distanciarmo-nos dos nosso pais, etc, e portanto podemos usar isto também como uma ferramenta de mostrar “eu sou diferente, já não sou a criança que tu achas que eu era”, portanto acho que na adolescência pode ter algum papel nesse sentido sim. Mas depois isso acaba por passar com o tempo e acho que neste momento não e já é uma coisa naturalíssima.

A prevalência do inglês leva a receios entre a geração mais velha sobre a degradação do português, o seu abandono, e o desrespeito pela cultura e a história do país, encapsulado no uso da sua língua. Estes receios impregnam também, ainda que não uniformemente, a geração mais nova, que se divide sobre os riscos que o CS representa para a manutenção do português<sup>x</sup> e quanto de conformação e questionação existe no uso de uma segunda língua. O informante do exemplo [32] é da opinião que o vácuo identitário português («Portugal tem um problema grave de identidade nacional e de coesão e coerência.») leva adolescentes e jovens adultos a procurar outra identidade, noutra espaço, assumindo frequentemente uma afiliação anglo-americana, por ser essa a cultura a que estão mais expostos. Esta atitude não é já particularmente revolucionária, porque parece fazer parte de um movimento em massa que se desenrola há vários anos. Ainda que nem todos os informantes concordem que o seu uso de CS seja uma conformação, todos concordam que há casos em que assim é. A informante do exemplo [33] não mostra consternação com uma potencial ameaça do CS para o futuro do português, defendendo que fenómenos de



interferência são naturais ao habitual processo de evolução das línguas e que continua a haver um interesse em falar-se um português competente, a par de outras línguas, nas camadas jovens, não havendo, portanto, qualquer razão para alarme com a erosão do português. A descrição que os informantes fazem da sua conturbada relação com o português, evoca-nos o conceito de “metroetnia” de Maher (2005), que o descreve como uma dialética entre o desprendimento do passado, quando este é problemático, e uma afiliação ao mesmo, quando é estético:

[31] CA: Se o ensino que tens do português é “olha-me para o 5º império, olha-me para os Lusíadas” torna-se um bocadinho complicado as pessoas reivindicarem a sua própria língua, quando as noções que estão a reivindicar por trás são colonialistas, imperialistas, xenófobas – terríveis; e nem sequer são coisas que nós tenhamos vivido... Que é isto dos conquistadores pelo mar, porra? A maioria das pessoas nem nunca andou de barco na vida, não diz nada a ninguém.

É compreensível que uma certa renitência com o passado histórico português, particularmente nas gerações mais novas, os afaste da procura de um conhecimento mais profundo e mais amplo da sua língua, empurrando-os para outros códigos a que se possam afiliar de consciência mais tranquila. Dito isto, o passado colonialista, imperialista e xenófobo da cultura anglo-americana é, aliás, apontado também pelos entrevistados. Talvez por ser uma cultura a que se afiliam e não uma cultura que herdaram (distinção que analisamos no trabalho de Rampton (1995))<sup>63</sup> o peso do seu passado seja atenuado e isso seja suficiente para os falantes justificarem a si próprios uma associação ao inglês, motivada ainda por todos os outros fatores de utilidade comunicativa que já discutimos:

[32] MC: Eu não acho que seja o questionamento da convenção e a resistência à hegemonia, eu acho que é o contrário. É uma cedência à falta de identidade, porque cada vez mais é claramente um marcador de identidade [estrangeira] mas Portugal tem um problema grave de identidade nacional e de coesão e coerência. (...) Não acho que seja um questionamento de convenção nenhuma porque nem lhes ligam, não ligam à convenção da linguística

---

<sup>63</sup> Cf. secção 1.10.

portuguesa, não ligam à língua portuguesa, não valorizam a língua portuguesa - e bem, porque nunca nos deu nada. Estamos num momento cultural português em que a língua não tem um significado que tem para outros países. Raramente se houve alguém que não seja neo-nazi, ou muito de extrema-direita, a dizer que tem muito orgulho em ser português - não é uma coisa que se ouça. Por isso as pessoas não têm qualquer interesse em usar o português como marco identitário, a não ser que estejam no estrangeiro (...) Eu acho que indiferença não é rebeldia e é isso que acontece, é indiferença.

[33] CR: Há situações em que, oh pá, não sei, se nos desviarmos muito disto, se começarmos, se o *codeswitching* começar a ser uma coisa muito, muito, muito prevalente eu acho que esta pode ser uma das formas que se perde uma língua, ou que se deixa de desenvolver uma língua, e eu sinceramente acho que o nosso calão é muito engraçado e acho que é uma coisa que vale a pena, tipo, guardar.

RW: Estava a dizer que eu acho que não, acho que não é suficiente para uma língua *get lost*. Era o que eu estava a dizer, tipo, falo todos os dias mais ou menos cinquenta-cinquenta e nunca senti que perdi uma ou outra, *you know*? E também acho que muita gente portuguesa tem essa cena de- eu continuo a procurar saber falar a minha língua, até porque muita gente ainda evita *codeswitching* porque também não-não sabe, tipo, *at all* e-e a maior parte das pessoas que eu encontro que fazem *codeswitching* são os alternos, *deadass*. Então eu sinto que não vai acontecer porque *legit* as únicas circunstâncias que eu sei- que eu sei que línguas morreram foi, tipo, *colonized countries* (...) isso aí, lá está, é uma dimensão que foi, tipo, populações que foram obrigadas a falar uma língua enquanto que nós não somos obrigados *at all* e acho que nós sempre que quisermos fazer um estudo aprofundado do português e, tipo, saber mais sobre a nossa história sempre nos podemos informar e acho que não é isso que nos vai fazer perder *our roots*, *i think*.

Registamos, inclusive, relatos de falantes que reagem às insinuações de abuso da língua inglesa e de perda de identidade cultural com um resgate de anacronismos. O informante em questão refere como, em resposta às acusações de que o volume de

inglês que usa é excessivo e degradante para a identidade e a língua nacional, escolhe expor o quão descabidas tais preocupações são, hiperbolizando o que lhe é indiretamente pedido, assumindo uma caricatura de uma identidade ultra-portuguesa. Para este efeito, insere no seu discurso informal regionalismos ou anacronismos como “catita”, “trapalhão”, “malandresco”. O que começou por ser uma sátira acaba por constituir uma nova identidade, a do jovem português, duplamente afiliado a uma cultura global anglo-americana e a uma cultura local portuguesa, ambas parte integrante da sua participação na sociedade:

[34] TG: Mas também eu quando estou com português eu tento sempre inovar nessa medida, tipo, vocês sabem que eu uso “catita” imenso, tipo, essa é a minha maneira de gozar com as pessoas que dizem que eu uso muito inglês. Então, olha, uso o português original, não é?

MR: Sim, isso também acontece muito - desculpa interromper - mas isso também acontece muito com o grupo, tipo, o M e o C estão sempre a usar palavras, tipo, *out of nowhere*, que já ninguém usa tipo “trapalhão”, “malandresco”.

TG: São expressões excelentes para nós porque, tipo, convêm tanto que não existem em mais nenhuma língua (Disseste “convêm” como em “convey”?) ...Exato, “transmitem” era a palavra correta, sim. Eu sei que é uma má- eu, tipo, quando estou a falar muito à vontade eu traduzo diretamente.<sup>64</sup>

Outros falantes adotam uma visão estruturalista da linguagem, considerando que as estruturas linguísticas determinam o pensamento que é permitido aos falantes, encarando o uso de uma L2 como uma subversão dos limites que a língua nativa impõe, procurando outros universos culturais para enriquecer o próprio – proposta que vimos também aplicada em relação à comunidade LGBTQ+:

[35] IM: Nós precisamos de termos em inglês porque não os temos em português e isso de certa forma também pode ser uma forma de questionar as

---

<sup>64</sup> Salientamos aqui o decalque de *convey* para “convêm”, um fenómeno constantemente observado durante as nossas entrevistas. Neste caso o erro não foi intencional, contudo, assistimos também a casos em que fenómenos deste tipo são usados com propósitos humorísticos. Este fenómeno insere-se porventura mais no campo da psicolinguística, abordagem que não se enquadra neste trabalho e para a qual não temos qualificações.

convenções da própria língua. Porque se a língua não o tem em principio haverá um motivo para ela não ter esses termos E ao usares o inglês estás a, pode não ser uma coisa consciente, pode não ser no sentido de revolta nem de luta ou de algo semelhante, mas estás a fazê-lo porque queres questionar aquilo que a tua língua não oferece e que, conseqüentemente, que a tua cultura também não te oferece, e precisas de recorrer a outra para fazer isso.

O próprio papel dos sujeitos, enquanto falantes, no processo de evolução da língua não é consensual, tendo sido objeto de debate dentro dos grupos até que ponto a língua é autorregida e que papel têm as gerações de vanguarda no legado que uma língua deixa. A maior parte dos informantes, à imagem daquele que citamos no exemplo [71], são da opinião que é necessário assumir a língua como uma entidade viva, cujas mutações não podem ser evitadas, mas também um sistema que é dirigido pelos seus falantes e como tal, de menor ou maior forma, é importante consciencializar os falantes para o seu papel de agentes na construção da língua que se deseja ter. Em alternativa a esta posição, temos os sujeitos que não fazem juízos de valor sobre os diferentes estádios de evolução da língua e não creem ser de qualquer efeito modalizar ou redefinir o seu idioleto, de maneira a tentar afetar um sistema tão massivo como uma língua viva:

[36] GSL: Acho que estamos a assistir pela primeira vez - eu acho que é pela primeira vez - estamos a assistir a uma globalização que nos afeta um pouco sem nós quereremos, não é? Porque nós, lá está, por exemplo essa questão da língua é viva – ok, claro, a língua é viva, e nós temos imensos termos que foram absorvidos doutras línguas, mas ao mesmo tempo nós também somos os agentes, não é? da língua. Nós somos agentes. E acho que essa questão, talvez, de que a língua é viva nos desresponsabilize um pouco? Não é? Talvez. Sim, mas acho que é um compromisso, não?

### 3.3.8 CS como marcador socio-político:

Outro aspeto notado pelos entrevistados foi o posicionamento sociopolítico e a marcação identitária que uma língua possibilita, seja ela uma afiliação à cultura internacional, a uma cultura minoritária ou à cultura nacional. A escolha de um discurso monolíngue num meio fortemente internacional, como é o caso do *Twitter*,

citado abaixo, é um forte posicionamento de dissociação da identidade construída e assumida nesse meio, confirmando a posição de Giles e Powesland (1975), que propõe a funcionalidade do CS como um meio para sinalizar a divergência de uma identidade plural<sup>65</sup>. Podemos ver também, eventualmente um exemplo daquilo que Herman (1961) descreveu como *code loyalty*, a resistência oferecida, particularmente por falantes de normas desprestigiadas, em acomodar a escolha linguística do interlocutor. Se considerarmos que o português é uma língua europeia periférica, podemos, em comparação com o inglês internacional, maioritário,<sup>66</sup> entender a insistência dos falantes em usar um registo monolingue, mesmo que isso afete a transmissão da sua mensagem, como uma posição de resistência ao domínio maioritário que se pretende impor. É uma escolha da solidariedade com os seus conterrâneos em detrimento da escolha do poder. O estudo de Gal (1988)<sup>67</sup> concentra-se também na coexistência de normas padrão e normas vernaculares, que afirma permanecerem pela solidariedade que indexam, em resistência ao regime de prestígio e mobilidade individual. O trabalho da autora é particularmente fértil na medida em que expande as teorias de Bourdieu, criticando a sua desatenção à solidariedade como grande motivador de escolhas linguísticas. No nosso cenário, esta solidariedade seria não só para com os conterrâneos portugueses, mas também aqueles que não dominam o inglês, que são excluídos pela sua falta de proficiência, e com outras nações minoritárias ou periféricas que vivem a mesma situação que Portugal. A escolha do sujeito que citamos em baixo passa por uma resistência àquilo que seria uma conformação com o código não marcado de um domínio, contrariando quaisquer pressuposições que se possam criar sobre ele:

[37] JPM: Eu recentemente comecei a usar *Twitter*, assim de vez em quando, mandar assim uns... e o Twitter é uma comunidade anglófila por excelência, mesmo a comunidade portuguesa; e eu faço sempre *Tweets* sem abreviaturas, em português de uma ponta à outra, o que é provavelmente considerado estranho. Por isso eu uso o português para me dissociar da identidade coletiva, e não para me associar.

---

<sup>65</sup> Cf. secção 1.5.

<sup>66</sup> Em particular se considerarmos o histórico complexo de inferioridade nacional.

<sup>67</sup> Cf. secção 1.8.

[38] TM: É claramente fruto de uma situação pós segunda guerra, um domínio sobretudo americano mas iniciado pelos britânicos e- oh pá, ya, e é uma- uma conforma- uma – como é que se diz? Uma confor- (-mação?) – midade com o – conformação? Conformação? Conformismo! português é lixado... *It asks you to conform with the status quo* e o *status quo* é um domínio americano a todos os níveis. Mas quer dizer, pergunta a um marxista se ele usa *codeswitching* em russo, não é? Pá, é provável que não – português, não é? – um marxista português se usa *codeswitching* em russo - é provável que não. Portanto acho que, quer dizer, há, pronto, quer dizer, mesmo atingindo- mesmo que atingisses um nível de fluência necessário em russo seria pouco provável que o usasses fora de um “*privet*” de vez em quando, não é? E portanto existe uma-uma politiquice da coisa que está sempre inerente mas não é por usarmos que nos estamos a afiliar a esse ponto de vista.

Este último excerto problematiza a questão de anexação de identidade, sugerindo que o uso de inglês é mais uma questão de conveniência comunicativa do que um posicionamento político. Enquanto no primeiro caso o uso monolíngue de português é claramente um desafio ao *status quo*, ao código não marcado, no segundo caso há a consciência de que, de alguma forma, existe uma compactuação com uma cultura anglo-americana, ainda que não seja claro até onde vai esse compromisso, mas não é essa a motivação para o uso do inglês. Salientamos ainda a hesitação em que o falante incorre na terceira linha, tentando encontrar a palavra que lhe falta em português de forma a dar seguimento ao discurso que tinha começado nessa língua, fazendo várias falsas partidas, acabando por socorrer-se do inglês, em que a expressão que procura está imediatamente disponível, culpando indiretamente a complexidade do sistema morfológico português (talvez precisamente porque tendo mais palavras na sua competência lexical, como foi discutido anteriormente, a decisão da escolha exige mais ponderação).

Quando lhes foi perguntado a que valores se estavam a afiliar e que códigos indexava o tipo de inglês que usavam, todos reconheceram a existência de diferentes tipo de Ingleses (“Englishes” na proposta de Spring (2007)), contudo, se, por um lado, temos falantes que conseguem descrevê-los individualmente, indicar o que os

diferencia, explicar as suas conotações e mapear o uso crítico que fazem de cada um; do outro, temos falantes que não têm noção das diferenças ou dos valores associados aos diferentes dialetos e admitem a sua ignorância, variando inconscientemente de código, apenas como colorido de linguagem<sup>xi</sup>

[39] BA: Os Ingleses das massas a este ponto são muito influenciados pelas colónias ou pelos povos que foram oprimidos nessas terras, por exemplo, o inglês britânico, assim *posh*, já é muito raro ou praticamente extinto. Em Londres o que é que se utiliza? É assim um inglês com uma influência muito muçulmana, uma influência assim jamaicana, que está muito mais ligada às colónias do que ao tipo de inglês *posh* que normalmente nós associamos ao inglês britânico. (...) Nos Estados Unidos é um inglês bastante influenciado pelos negros, pelos afro-americanos e pelos hispânicos do que propriamente o inglês sulista ou o inglês mais assim de Nova Iorque que tipicamente associamos também ao sotaque e dialeto americano. E na *internet* vê-se também uma mistura desses dois (...) Por isso se falares inglês hoje em dia acho que estás a associar-te mais a grupos mais marginalizados, que estão a retirar poder hegemónico que o inglês tipicamente tinha, do que te estás a associar a um poder colonial que está a sobrepor o seu poder sobre outras culturas.

[40] CL: Exige um maior nível de conhecimento do inglês, o meu inglês ficou-se pelo Secundário e eu uso muito o inglês no meu dia-a-dia, a ler e assim e tudo mais, mas, depois, etimologicamente- e o discurso- e sei que existem esses tipos de inglês que tu falaste, mas o que me diz mais, ou o que eu mais facilmente consigo identificar, para além de inglês normais- lá está, “normais”, não é “normais” - o inglês americano e o britânico - será o *black english*, porque há expressões que eles usam e, pronto- Mas depois de resto não- não sei grande coisa. Sei que eu nunca iria tentar falar esse inglês porque não me sinto com a identidade cultural que devia para falar esse inglês - não sei se me estou a fazer entender. E podiam achar que eu-eu me estava a tentar apropriar de alguma coisa que não me pertence, que não faz parte da minha cultura e portanto o que eu tentaria falar seria sempre um inglês mais internacional, um inglês mais normal, que toda a gente compreendesse e que não fosse muito

específico, mas precisamente também porque não sou conhecedora o suficiente. (...) A questão é que há coisas que não nos tocam a nós, nomeadamente o *black english* não me toca a mim - ter eu essa opinião de achar que já é de todos. Portanto primeiro parte deles e de eu perceber o que é que eles acham que eu posso dizer e depois, sim, eu então assumo o que eles considerarem.

Aquilo que é proposto pelo primeiro falante vai de encontro ao que foi discutido sobre a perda de prestígio da cultura anglo-americana em anos recentes. A globalização diversificou o que era o registo padrão de inglês (o inglês “posh”, “sulista” ou “de Nova Iorque”, de acordo com a geografia), como descreve o falante em [39], com a emergência das antigas colónias anglo-americanas e, em particular, a sua entrada na *internet*. Este desenvolvimento popularizou novos registos de inglês, até aí desconhecidos da maior parte do público, os quais foram adquirindo uma outra forma de prestígio, um prestígio étnico<sup>68</sup> – tal como nos diz Canagajarah sobre a ascensão do local, motivada pelo capitalismo - um prestígio de subversão.

Aqueles dos nossos informantes que estão conscientes destes desenvolvimentos e destas afiliações escolhem recorrer a CS, sabendo que valores lhes serão anexados e assumindo essa percepção. Já a segunda informante faz parte do grupo que admite não ter conhecimento suficiente para fazer escolhas tão conscientes, não pretendendo tomar uma posição sociopolítica com a sua escolha de código. Contudo, o que diz sobre apropriação cultural e apreciação cultural, como vimos na secção prática, mostra-nos como mesmo aqueles sujeitos que não estão tão informados sobre os vários valores que o inglês pode anexar estão conscientes da problematização de uma afiliação cultural. Esta questão prende-se sobretudo com culturas historicamente desvalorizadas como primitivas ou pouco civilizadas, seja por costumes ou o uso da língua, e da percepção que os nativos têm de uma afiliação que não foi convidada. Vemos exemplos disto mesmo no estudo de Rampton (1995) que descreve como diferentes comunidades estão mais ou menos abertas a que elementos externos permeiem e experimentem a sua cultura. Esta consciencialização, mesmo da

---

<sup>68</sup> Com toda a polémica pós-colonial que isso envolve e que não cabe no escopo do nosso trabalho discutir.



parte dos respondentes menos informados poderá advir, potencialmente, da sua presença nas redes sociais ou da sua socialização com amigos com presença nas redes sociais, onde questões sociais como esta estão a ser discutidas e divulgadas.

A isto acrescenta-se o facto de os registos de inglês marcarem não só afiliação a uma cultura e um país, mas também a um grupo etário<sup>xii</sup> (divididos de forma muito inconsistente entre *Generation Z*, *Millennials* e *Boomers*<sup>69</sup>), à presença em redes sociais, que redes sociais, e a comunidades dentro destas (LGBTQ+, ativismo, *gaming*, desporto,...), como os informantes referem. Esta mesma função é descrita no trabalho de Eckert (1989) e Bucholtz (1996)<sup>70</sup>, testemunhando como os adolescentes adaptam o seu discurso de forma a sinalizar afiliação a um grupo social, que constrói coletivamente a identidade privilegiada – seja ela *Gen Z* ou *queer* ou *techie*... Se compararmos o excerto em baixo com o exemplo [32], vemos duas perspetivas muito diferentes sobre a identidade que CS entre português e inglês pode construir. Enquanto o sujeito em [32] considera que há um vácuo identitário em Portugal que leva os jovens a afastar-se de uma cultura que não lhes diz nada para se refugiarem na cultura do seu entretenimento – o inglês – abandonando assim os laços com a cultura portuguesa; o excerto [41] propõe que todo o consumo de *media* estrangeiros é filtrado por uma lente portuguesa jovem, forjada pelas experiências, vivências e referências culturais dos anos formativos, que não permite a substituição de uma cultura por outra, antes a mesclagem, a fusão, das duas. Esta é a forma encontrada pelo sujeito para melhor exprimir a dualidade identitária da geração que é portuguesa e vive inserida numa matriz cultural portuguesa, mas que, ao mesmo tempo, existe profundamente influenciada pela cultura digital, anglófila por excelência, pela globalização e pela supremacia da *pop culture*, mesmo no domínio português. Este exemplo assemelha-se à descrição que Myers-Scotton (1993) faz da sociedade africana que estuda, onde o inglês é a língua da comunidade internacional, associado à mobilidade social, sem deixar, contudo, de anexar uma herança classista e colonialista, daí a necessidade de um equilíbrio que projete as duas identidades. Também a noção de “metroetnia” de Maher (2005) nos parece relevante para este exemplo, na medida

---

<sup>69</sup> *Baby boomers*: denominação inglesa para a geração nascida entre 1946 e 1964.

<sup>70</sup> Cf. secção 1.12.

em que funciona como uma crítica a uma etnia rígida e a uma estrutura de poder central que determina como todos os seus membros devem agir.

É precisamente contra este preconceito que a informante se insurge, defendendo uma expressão fluida e híbrida da sua identidade. Daí resultam expressões como “*You are so burra*”, “*That is so verdade*” ou “*That is very much estranho*” – que soaram estranhíssimas a vários respondentes, não só porque a língua matriz é o inglês, o que não é comum nem na comunidade que estudamos, nem em nenhuma outra que revemos na secção prática; mas também porque a inserção de palavras singulares portuguesas não é habitual. Neste caso não estamos perante uma dificuldade do sujeito em lembrar-se da palavra na língua matriz (inglês), são tudo palavras simples (“*dumb*”, “*true*”, “*strange*”), não pertencem a uma área do saber que justifique a alternância para outra língua (como vimos com CS profissional ou associado ao ativismo). A opção pelo CS neste caso parece ter sobretudo uma função cômica, derivada da estranheza que causa, e que é consciente, fruto de uma decisão muito intencional do sujeito de reunir no seu discurso marcas da sua globalidade e presença digital, mas também as raízes nacionais que não deixam de ser parte integrante da sua personalidade. Como Woolard (1987) propõe, o CS não é uma escolha entre códigos, mas uma escolha de ambos os códigos, e de ambos os significados que anexam, a um mesmo tempo<sup>71</sup>. É possível que esta diferença de reações se deva ao facto de as expressões supra-citadas (“*You are so burra*”, “*That is so verdade*”, “*That is very much estranho*”) serem mais frequentes nos respondentes mais novos (entre os 20 e os 21) e a resistência a este tipo de uso ter sido registada especialmente nos respondentes mais velhos (entre os 26 e os 29), contudo, seria necessário um estudo com um protocolo mais focado em diferenças etárias para testar essa hipótese.

[41] CF: Eu acho que o que X disse é bué interessante porque eu acho que o tipo de inglês que a gente fala é inglês de pessoa portuguesa dos anos 2000. Tipo, isto já é tu pegares em, tipo, AAVE e, tipo, em- nos *RuPaul memes* e *whatever the fuck* que a gente vê, não é? Pegar nas *queer expressions* e AAVE e assim e a juntar tudo e a dar-lhe- e depois isso é filtrado com a lente com que

---

<sup>71</sup> Cf. secção 1.11.

nós recebemos de ser *teens* portugueses porque também- eu acho que também influencia, não é? a maneira como nós *perceive* aquilo que nos chega da América, vá, através das nossas experiências como português *teens*. E depois- e eu acho que é aí que está a diferença, é que, não é apropriação cultural, não é apreciação cultural, é- há uma amálgama de duas culturas ou de várias culturas que já se misturaram. (...) Se tu crescestes na *internet* num certo período de tempo isso vai ligar-te às outras pessoas independentemente da raça e etnia. Eu tenho um exemplo muito fácil disto: quando eu fui lá à Bélgica e nós estávamos com o pessoal Romeno - e eles são Romanos, *right?* *So* é tipo o outro lado da Europa - continua a ser Europa, só, tipo, pronto, tem esse *tea*. (...) O tipo de inglês que eles falavam era exatamente igual ao tipo de inglês que eu falava e já não era *british english* nem *american english*, era *internet english*. (...) (Tu consegues sentir-te mais próxima, CF, da malta Romena que referias, porque eles falam *internet english*, do que, *say*, betos da Foz? E digo betos da Foz porquê? Porque são a tua comunidade, a tua raça, a tua etnia, mas-) Mas não são a minha gente. Eu não consigo ter uma conversa tão franca e tão aberta com betos da Foz porque as nossas experiências não são as mesmas, nós não crescemos da mesma maneira do que, por exemplo, o pessoal Romeno que eu conheci lá na Bélgica que literalmente, *ya*.

### 3.3.9 *Cliques*:

Da mesma maneira vários falantes referiram a existência de diferentes níveis de CS, associados ao uso de CS exploratório e ao potencial do fenómeno como marcador identitário, ambos aspetos já discutidos. O processo começa pela introdução de expressões fáticas ou conectores muito simples, progredindo para termos mais específicos de determinadas comunidades, de forma a averiguar se o sujeito e o interlocutor se movem nos mesmos círculos, estão a par dos mesmos movimentos, vão concordar sobre determinados assuntos, culminando no nível mais elevado de CS, que existe, sobretudo, dentro de grupos com amizades já bem estabelecidas, onde

circulam piadas privadas e versões já irreconhecivelmente atualizadas de *memes*<sup>72</sup> populares. Esta linguagem interna ao grupo marca o nível último de intimidade, e neste contexto o CS é uma ferramenta dessa construção de laços:

[42] MC: Não acho que seja um marco de autoridade cultural e de *coolness* - neste momento o inglês já não é. Para mim. Acho que é muito mais só um marco de “eu sei onde é que tu andas, onde é que vais e onde é que tu gostas de te entreter”. Se falas inglês eu consigo perceber, até pelo teu inglês, se estás mais ou menos nos mesmos sítios que eu, de interesses, e é muito mais um identificador social e uma tática de sobrevivência social que nós arranjámos para saber com quem é que nos devemos aliar para nos satisfazermos.

[43] CM: Já me apanho - ou seja - não é tipo “ponto rainha” - ou seja - mas a traduzir de volta para o português, mas a preencher com o significado que tem em inglês (...) (Eu tenho uma amiga que começou a dizer “infusão” em vez de “tea”, uma vez, e era uma tradução tão clara de “tea” que não tinha como não ser interpretada como - ou seja - ela não estava a tentar traduzir, ela estava a construir *upon the meme* e acho que é a mesma coisa que estavas a dizer)

MR: “Infusão” é genial, *oh my god*.

Confirma-se a proposta de Gumperz (1982), afirmando que ainda que não seja possível a um elemento externo determinar a classe social, ou o nível de educação de um bilingue através do seu CS, outros elementos bilingues da mesma comunidade são frequentemente capazes de tirar ilações sobre os valores e as crenças dos seus companheiros. O primeiro excerto descreve a progressão do uso de CS para selecionar eventuais relações, enquanto o segundo dá um exemplo prático de uma piada interna a um grupo que exige um conhecimento relativamente profundo de cultura de *memes* para ser entendido. “Período rainha” é uma tradução literal do *meme* “*period, queen*”, profusamente popularizado pela comunidade *queer*, da mesma maneira que “infusão”

---

<sup>72</sup> «1. an idea, behavior, style, or usage that spreads from one person to another in a culture; 2. an amusing or interesting picture, video, etc., that is spread widely through the Internet» *meme*. In Merriam-Webster Dictionary. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/meme>

é uma tradução de “*tea*”, também uma expressão *queer*. Estes exemplos são semelhantes aos que vimos no excerto anterior, na medida em que exprimem a afiliação dual da geração. O recurso a CS para citar *memes*, usar calão ou fazer humor foi outra das funções mais frequentemente referida por vários dos respondentes, tal como a prática de citações<sup>xiii</sup>, tudo funções tradicionalmente conhecidas do CS (cf. Gumperz, 1982; Myers-Scotton, 1995, por exemplo):

[44] MC: Quando nós começamos a namorar eu não percebia nada, é um calão inglês, português, linguagem de *sound cloud*, linguagem de *gaming*, e agora também os *servers* no *discord* estão a- a criar mais linguagens novas específicas a cada *server* e calão novo (...) dizer “*bet*”, “apostar”, tipo, estás a dizer qualquer coisa tipo “ah esta comida está mesmo boa” e eles dizem “*bet*” (...) E a pior é quando alguém faz qualquer coisa mal ou deixa cair um copo ou qualquer coisa eles viram-se “*unlucky*” e eu “Que horror! Não! Que macho, ugh, que comportamento hetero, não gosto!” Mas sim, há muito essa linguagem e eu sinto que as pessoas também usam para esse tipo de exclamações.

[45] MR: Eu costumo usar bué com o meu namorado expressões como [nasalado] “*anyway*”, *white girl stuff*, estás a ver? *White girl talk*. (...) (Estavas a dizer, MR, usas “*anyway*” “mesmo *white girl*”: sentes que às vezes fazes CS para efeitos humorísticos?) Ah, sim, sem dúvida (Ou seja, nem sequer estás a dizer “*anyway*” de forma honesta, é completamente sarcástico?) Sim, sim, sim, sem dúvida, *totally*. (...) Em termos de humor as expressões de *white girl* e essas cenas é um humor que é- que é muito mais geral. Qualquer pessoa vai entender tipo a ironia e o sarcasmo facilmente (...) Mas, ya, tipo, em contexto de amigos muitas vezes também tem a ver com-com essa parte de ter piada ou, lá está, o sarcasmo ou- que em português se eu disser a mesma coisa não vai ter exatamente a mesma conotação.

[46] AC: Juntar inglês com português faz com que as coisas tenham mais piada. Tipo, dizeres, “*You’re cringe*” ou dizeres “tás uma beca *cringe*, meu *bro*” é completamente diferente.

No primeiro excerto o informante cita o uso de calão específico da comunidade *gamer/techy*, associando-o também a um registo de língua heterossexual, admitindo como mesmo entre sujeitos próximos é possível a existência de referências que não são partilhadas, barrando a entrada à conversação interna de sujeitos externos à comunidade. O segundo exemplo refere a utilidade do CS para fazer humor cultural, neste caso troçar de um estereótipo, que só pode ser entendido por alguém com um conhecimento relativamente específico da cultura americana. O terceiro exemplo recupera tudo o que analisamos interiormente sobre a marcação cultural dual que o CS permite.

Por todos estes motivos, os falantes salientaram a influência quer da *internet*, quer da cumplicidade com amigos, como os fatores mais relevantes na iniciação e evolução do seu uso de CS<sup>xiv</sup>. O exemplo [47] abaixo descreve a influência da *internet* como principal fonte de informação e o exemplo [48] exprime como o grupo de amigos (fãs de música, *stoners*, heterossexuais, *queer*) com quem o sujeito se dá não só condiciona se incorre ou não em CS mas também em que tipo de CS e por que motivos:

[47] MC: Falo em inglês porque as minhas pesquisas individuais em casa, na *internet*, são sempre em inglês; porque a língua que eu uso para me instruir pelos meus próprios meios, não é? de forma autodidata, é sempre o inglês; raramente eu uso o português. Eu aprendi a fazer crochet, eu aprendi a tocar guitarra, eu aprendi a fazer uma data de coisas, a cozinhar... eu raramente procuro coisas em português. Agora com algumas receitas *veggie* vou procurando mais em português porque os ingredientes, os substitutos das receitas em inglês, particularmente em inglês dos Estados Unidos, tem tanto coisa processada que nós simplesmente não temos aqui, porque não é legal.

[48] MC: Eu acho que os meus amigos tiveram muita influência mas depende da minha época de vida. Por exemplo, no secundário se fosse para falar de música, sim, falávamos em inglês ou usávamos palavras em inglês, porque as bandas eram inglesas. Mas depois houve uma altura ali no meu 11º/12º em que houve muita, muita, muita música *indie* portuguesa a vir - tipo os 2008 e coisas assim - e nós começamos a tentar ouvir mais música

portuguesa porque estávamos todos naquela de “isto é um ato de rebelia, ouvir música portuguesa é um ato de rebelia” porque tudo aquilo que nos é *spoon fed* – que não sei dizer isto em português – é tudo em inglês. Portanto os meios em que eu circulava tinham muita influência. Se fosse um grupo de amigos *stoner*, um grupo de amigos, de pessoal, que fuma muita erva as conversas vão ser sempre muito mais misturadas entre português e inglês porque as pessoas também têm normalmente - desses círculos, daquilo que eu conheço, não dizendo isto como regra geral ou lei - costumam ter interesse de uma forma de existir na *internet* ou uns com os outros que tem também uma cultura de países de língua Inglesa muito poderosa (...) Mas depois houve uma altura em que eu me dava muito com pessoas para sair à noite, heterossexuais, e aí o inglês nunca vinha à baila se não fosse para descrever roupa (...) Essa questão das pessoas LGBTQ+ precisarem de uma comunidade, porque a sociedade lhes falha como apoio emocional, também se remetem muito mais à *internet* para encontrar apoios e esse remeterem-se à *internet* faz também com que usem muito mais inglês e quando eu comecei a sair mais a noite com essas pessoas e com pessoas desses grupos notei que o inglês era muito, muito, muito mais usado.

A maior parte dos informantes conseguiu, inclusive, determinar diferenças na proliferação de CS no registo oral e no registo escrito, sendo a opinião da maioria que um registo escrito, em particular numa relação virtual, eventualmente pela inserção no domínio da *internet*, é mais rica em CS. Contudo, houve também vozes discordantes que apontaram um uso mais frequente do CS em contextos em que não há tempo para planear uma mensagem, ou para se lembrarem exatamente do termo que querem, como o registo oral, pelo que o discurso é mais espontaneamente alternado. Esta mesma hipótese do curto período de tempo para formular uma mensagem e da espontaneidade serviu de justificação ao uso de CS para atos expressivos<sup>xv</sup>, comum mesmo entre os sujeitos que admitiram fazer menos CS que os seus pares, uso notado já também por Gumperz (1972)<sup>73</sup>:

---

<sup>73</sup> Cf. secção 1.3.

[49] TM: Não só o destinatário como o próprio meio de comunicação, acho que é muito- pelo menos no meu caso é muito determinante. Nas redes sociais pelo modo escrito há muito mais *codeswitching* do que oralmente mesmo que entre amigos

[50] LP: Se pensarmos em termos de interação uma exclamação será algo muito mais emotivo, tendencialmente, e uma coisa muito mais do momento, e menos pensado. Se calhar é mais fácil nesses contextos alternar ou recorrer a expressões noutra língua do que um compromisso que se calhar pensamos mais naquilo que vamos dizer.

## 4. Conclusões

Myers-Scotton salvaguarda, no final do seu livro de 1993<sup>74</sup>, crer que a maioria das escolhas linguísticas feitas pelos falantes que analisou não são conscientes, posição que é apoiada por Poplack, Sankoff e Miller (1988: 98)<sup>75</sup>, quando notam o seguinte: “it must be a community mode in order to gain any real currency. An individual’s personal ability is operative but it is mediated by the norms of his speech community», ou seja, escolhas que começaram por ser intencionais tornaram-se tão padronizadas, de maneira a poderem ser perfeccionadas, sem espaço para enganos, pelos outros falantes da comunidade, que a lógica por trás da escolha entre uma língua ou outra se tornou subconsciente. Parece-nos ser este um caso semelhante àquele que estudamos. Enquanto registamos instâncias em que a alternância de línguas é muito consciente, por exemplo, quando os falantes desejam discutir tópicos sensíveis, mas manter uma certa distância emocional, de forma a conseguir manter um raciocínio mais estruturado, menos afetada pelos seus sentimentos; quando se intende fazer humor, seja ele culturalmente influenciado (como no caso dos estereótipos) ou não, desejando-se simplesmente fazer-se jogos de palavras; quando se discutem, dentro do meio ativista, conceitos criados por outras comunidades, desejando-se fazer o devido reconhecimento do seu trabalho; quando se incorre em *CS exploratório* ou em *CS*

---

<sup>74</sup> Cf. secção 1.7.

<sup>75</sup> *Idem.*



como mecanismo para identificação da “tribo”. Outros casos, sobretudo fenômenos de substituição lexical, seja de conectores - mencionados imediatamente pela esmagadora maioria dos participantes; expressões fáticas, como *sorry* ou *please*; termos variados de que o falante se lembra mais rapidamente em inglês do que em português; expressões adotadas como colorido de linguagem – todos esses usos nos parecem acrílicos e não significativos. Alguns participantes admitiram que haveria, eventualmente, razões de eficiência linguística ou prestígio ou afiliação sociopolítica que podiam estar na raiz da sua escolha, mas, na grande maioria das vezes, não estavam conscientes de nenhum desses aspectos. Outros falantes não identificaram nenhuma razão explicativa, invocando apenas força do hábito. Este uso coincide com a prática que Myers-Scotton (1993) classifica como *CS itself as the unmarked choice* e que descreve da seguinte forma:

In such switching, speakers engage in a continuous pattern of using two (or more) languages; often the switching is intrasentential and sometimes within the same word. The other types of switching do not show the same to-and-fro nature (...) the speakers must be bilingual peers; such switching typically does not happen when there is socio-economical differential between speakers or when they are strangers. Second, the interaction has to be of a type in which speakers wish to symbolize the dual memberships that such CS calls up. Typically, such interactions will be informal and involve only ingroup members. (...) But my impression is that engaging in such switching is more associated with familiarity with using the languages together than it is necessarily associated with high proficiency or with any social-identity factors, such as education or age. A structural argument supports the view that high proficiency is not required if the unmarked CS consists largely of singly occurring, embedded-language morphemes which are inserted into a matrix-language morphosyntactic frame. (...) For example, it is entirely possible that different social groups (i.e. possibly based on exposure through education to one of the languages involved) within the same geographical area (i.e. in the same city) might both use the same languages in their unmarked CS, but use them to different degrees. (117-120)

Este excerto descreve exatamente o fenómeno relatado pelos falantes, quer a nível da alternância constante («A maneira como nós *perceive* aquilo que nos chega da América, vá, através das nossas experiências como portuguesa *teens*.» – se olharmos para a citação [41], por exemplo), específica a segmentos muitos curtos, quase sempre palavras, ou mesmo morfemas (vimos «*flex-ar*», «*check-ar*», «*mut-ar*», «*dropp-ar*», noutros excertos); a nível da descrição dos falantes – pares bilingues no mesmo escalão socioeconómico, numa situação informal, com um nível de intimidade relevante, e com a intenção de sinalizar a pertença dual às culturas referenciadas («não é apropriação cultural, não é apreciação cultural, é- há uma amálgama de duas culturas ou de várias culturas que já se misturaram» - [41]). O nível de proficiência dos falantes varia, tal como notaram os nossos informantes («Exige um maior nível de conhecimento do inglês, o meu inglês ficou-se pelo Secundário» - [40]), sendo mais relevante o hábito de usar as duas línguas do que a fluência. É perfeitamente possível que diferentes grupos, da mesma geração, com níveis de formação semelhantes, na mesma área geográfica, usem deste tipo de CS em diferentes graus, tal como nos foi relatado.

Este uso não implica que deixe de haver CS enquanto *escolha marcada*, para os propósitos de discussão de assuntos sensíveis, homenagem, *CS exploratório*, etc. Alguns dos autores que citamos na secção 1.1 classificariam de forma diferente estes dois usos, alguns dos quais não considerariam o caso que descrevemos no parágrafo acima como CS. Porém, seguindo-nos pelo critério de Myers-Scotton, consideramos que qualquer alteração de variedade linguística é elegível para ser considerada como CS, subdividindo-se depois nos seus diferentes tipos, como mostrámos.

Se considerarmos a distinção que Rampton (1995) faz entre CS e *crossing* parece-nos justo propor que, na maior parte das instâncias que surge no nosso estudo experimental, estamos perante o primeiro, uma ferramenta que reforça a pertença ao grupo, um registo casual, nem sempre com significado social; contudo, quando identificamos momentos em que a alternância entre línguas é usada como instrumento na procura de uma tribo ou como marcador de intimidade, cremos que entramos já no fenómeno que Rampton classifica com *crossing*, um uso de membros externos de um grupo que procuram pertencer a uma identidade que não a que lhes

foi atribuída à nascença, seja por prestígio de *coolness* ou solidariedade social, uma decisão consciente e intencional.

O fenómeno é, de facto, mais abrangente do que a sua dimensão lexical, englobando dimensões pragmáticas, sintáticas e sociológicas. Assistimos a uma erosão do conhecimento de nativos da sua língua mãe, em virtude da desproporção de *media* anglófilos que consomem em comparação com os nacionais, mas assistimos também à consciência desta erosão e ao compromisso dos inquiridos em investirem nas suas responsabilidades como sujeitos falantes e herdeiros culturais. Por norma, os jovens discordam do preconceito de que a alternância entre línguas implica um fraco conhecimento linguístico, desmistificando a ideia que os falantes monolíngues são mais aptos do que os bilingues. Esta alternância pode funcionar como marcador de identidade profundo, marcador de intimidade ou simplesmente colorido de linguagem. A função exclusiva da língua muito raramente é praticada, unicamente em situações extremas ou com gerações mais velhas, quando se desejam discutir assuntos tabu. A comunidade LGBTQ+ é particularmente adepta do uso de CS, por reforçar a sua pertença a uma comunidade. Dentro do uso de CS no meio profissional, este pode indexar mais formação e mais mundividência, arrogância e vaidade ou falta de profissionalismo, dependendo do interlocutor e da posição hierárquica do falante. O prestígio da língua inglesa redefiniu-se de um prestígio indicador de classe e educação para um prestígio étnico, com o processo de globalização. A perceção e o uso de CS vai sofrendo alterações à medida que os sujeitos envelhecem, perdendo os índices de *coolness* que encapsula no ensino médio, quando a norma ainda é o inglês britânico ou o inglês americano padrão. Notaram-se diferenças entre o uso de CS em registo oral e escrito, ainda que os falantes não concordem unanimemente sobre qual dos meios é mais permissivo. A *internet* e as relações próximas, particularmente o grupo de amigos, foram identificadas como os fatores mais influentes na adoção e na evolução do uso de CS pelos falantes. Comprovam-se as funções cómica, referencial e exclamativa apontadas por outros autores.

Relativamente aos objetivos traçados no início do nosso trabalho verificamos que o CS é um fenómeno muito abrangente, ainda em mutação, cujo desenvolvimento teremos todo o gosto em ir acompanhando, eventualmente em trabalhos futuros.

Seria sem dúvida interessante organizar estudos comparativos inter-geracionais que comparassem o uso de CS entre crianças, adolescentes, jovens adultos e adultos, tendo em atenção, eventualmente, fatores geográficos, nível de formação, etc. Adicionalmente, um estudo mais aprofundado dos hábitos linguísticos da comunidade LGBTQ+, particularmente de sujeitos trans e não binários, assemelhasse-nos também um fértil caminho a seguir, contribuindo para o mapeamento em falta das margens tradicionalmente mais ignoradas da sociedade.

## 5. Bibliografia

- Auer, P. (1995). The pragmatics of code-switching: a sequential approach. In *One Speaker, Two Languages: Cross-disciplinary Perspectives on Code-switching* (pp. 115–135). Cambridge University Press.
- (1998). *Code-Switching in Conversation: Language, Interaction, and Identity*. London:Routledge.
- (1999). *From Code-switching via Language Mixing to Fused Lects: Towards a Dynamic Typology of Bilingual Speech*. Research Gate. [https://www.researchgate.net/publication/249840228\\_From\\_codeswitching\\_via\\_language\\_mixing\\_to\\_fused\\_lectsToward\\_a\\_dynamic\\_typology\\_of\\_bilingual\\_speech](https://www.researchgate.net/publication/249840228_From_codeswitching_via_language_mixing_to_fused_lectsToward_a_dynamic_typology_of_bilingual_speech)
- Austin, J. (1965). *How to do things with words*. Clarendon Press.
- Baker, G. (1947). Social Functions of Language in a Mexican-American Community. *Acta Americana*.
- Bernstein, B. (1971). *Class, Codes and Control*. Londres: Routledge and Kegan Paul.
- Bourdieu, P. (1977). *The economics of linguistic exchanges*. SAGE Journals. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/053901847701600601>
- Brown, P. & S. Levinson (1987) *Politeness*, Cambridge: CUP.
- Bucholtz, M. (1997). “Why Be Normal?”: *Language and Opposition in Nerd Girls’ Communities of Practice*. International Conference on Language and Social Psychology, Ontario, Canada. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED412761.pdf>
- Butcher, H. (1965). The attitudes of student teachers to education. *British Journal of Social and Clinical Psychology*.
- Canagarajah, A. (2007). *The Ecology of Global English*. Taylor and Francis Online. <http://dx.doi.org/10.1080/15257770701495299>

- Cedergreen, H. (1988). The spread of language change: Verifying inferences of linguistic diffusion. In *Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics*. (pp. 45–60).  
[https://repository.library.georgetown.edu/bitstream/handle/10822/555480/GURT\\_1987.pdf?sequence=1#page=63](https://repository.library.georgetown.edu/bitstream/handle/10822/555480/GURT_1987.pdf?sequence=1#page=63)
- Cook-Gumperz, J. (1986) Caught in a Web of Words: Some Considerations on Language Socialisation and Language Acquisition. In *Children's Worlds and Children's Language*, 37-64. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Creswell, J. (2014). *Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*. SAGE Publications.
- Crystal, D. (1997). The Cambridge encyclopedia of language.
- Dewaele, J. (2010). *Emotions in multiple languages*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Dewaele, J., & Wei. L. (2013a). Is multilingualism linked to a higher tolerance of ambiguity? *Bilingualism: Language and Cognition*.  
 ----- (2013b). *Attitudes towards code-switching among adult mono- and multilingual language users*. ResearchGate.  
[https://www.researchgate.net/publication/258505646 Attitudes towards code-switching among adult mono- and multilingual language users](https://www.researchgate.net/publication/258505646_Attitudes_towards_code-switching_among_adult_mono-_and_multilingual_language_users)
- Eckert, P. (2018). Jocks and Burnouts. In *Meaning and Linguistic Variation: The Third Wave in Sociolinguistics*, 31-39. Cambridge: Cambridge University Press.  
<https://www.cambridge.org/core/books/meaning-and-linguistic-variation/jocks-and-burnouts/EBAC41FDF58226D4AED62D57F77795DC>
- Edwards, J. (1977). Ethnic identity and bilingual education. In Giles, H. (ed) *Language, ethnicity and intergroup relations*. Academic Press  
 ----- (1985). *Language, society and identity*. Oxford: Basil Blackwell Ltd.

- Firth, A. (1996). The discursive accomplishment of normality on “lingua franca” English and conversation analysis. *Journal of Pragmatics*.
- Fishman, J. (1968). *Readings in the Sociology of Language*. Mouton Publishers.
- Gal, S. (1979). *Language Shift: Social Determinants of Linguistic Change in Bilingual Austria*. New York: Academic Press.
- (1988). *The political economy of code choice*. Z-Library.  
<https://booksc.org/s/the%20political%20economy%20of%20code%20choice%20>  
[0](https://booksc.org/s/the%20political%20economy%20of%20code%20choice%20)
- Gardner-Chloros, P., McEntee-Atalianis, L, & Finnis, K. (2005). Language attitudes and use in a transplanted setting: Greek Cypriots in London. *International Journal of Multilingualism*.
- Giles, H., & Powesland, P. (1975). *Speech style and social evaluation*. Academic Press.
- Goel, R. *et al* (2016). The Social Dynamics of Language Change in Online Networks. *Proceedings of the International Conference on Social Informatics (SocInfo16)*.  
[https://www.researchgate.net/publication/307904459\\_The\\_Social\\_Dynamics\\_of\\_Language\\_Change\\_in\\_Online\\_Networks](https://www.researchgate.net/publication/307904459_The_Social_Dynamics_of_Language_Change_in_Online_Networks)
- Goffman, E. (1967). *Interaction Ritual*. Harmondsworth: Penguin
- (1990) Interstitial Argument. In *Conflict Talk*, Cambridge: CUP
- Greenfield, L. (1968). Spanish and English usage self-ratings in various situational contexts. In Fishman, J. et al. (eds.), *Bilingualism in the barrio*. New York: Yeshiva University.
- Grice, H. (1975). Logic and conversation. In *Syntax and semantics, vol. 3: Speech acts* (pp. 41-58). New York City: Academic Press.

- Grosjean, F. (1982). *Life with two languages: An introduction to bilingualism*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gumperz, J. (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge University Press.
- Gumperz, J., & Hymes, D. (Eds.). (1972). *Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication*. Holt, Rinehart and Winston, inc.
- Hall, K., & Niley, C. (2015). *Code-Switching, Identity, and Globalization*. ResearchGate. [https://www.researchgate.net/publication/275964531\\_Code-Switching\\_Identity\\_and\\_Globalization](https://www.researchgate.net/publication/275964531_Code-Switching_Identity_and_Globalization)
- Hall, S. (1988). New ethnicities. In *Selected Writings on Race and Difference* (pp. 246–256). Duke University Press
- Heller, M. (1988). Strategic ambiguity: codeswitching in the management of conflict. In *Codeswitching: Anthropological and Sociolinguistic Perspectives* (pp 77-98). Mouton de Gruyter.
- Herman, S. (1961). Explorations in the social psychology of language choice. *Human Relations*, 14, 149-164.
- Hewitt, R. (1986). *White Talk Black Talk*. Cambridge University Press.
- (1989a). Creole in the Classroom: Political Grammars and Educational Vocabularies. In *Social Anthropology and the Politics of Language* (pp. 126-144). London: Routledge.
- Hoffman, C. (1991). *An introduction to bilingualism*. Longman.
- Holmes, J. (2013). *An introduction to sociolinguistics*. Routledge.
- Homans, G. (1961). *Social Behaviour*. Harcourt, Brace and World, Nova Iorque.
- Irvine, J. (1985). Status and Style in Language. *Annual Review of Anthropology*, 14, 557–581.



- Jacquemet, M. (2005). *Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization*. ScienceDirect.  
<http://www.lettras.ufrj.br/linguisticaaplicada/gtidentidade/docs/recom/jacquemet.pdf>
- Kachru, Y. (1989). *Code-mixing, style repertoire and language variation: English in Hindi poetic creativity*. ResearchGate.  
[https://www.researchgate.net/publication/229492371\\_Code-mixing\\_style\\_repertoire\\_and\\_language\\_variation\\_English\\_in\\_Hindi\\_poetic\\_creativity](https://www.researchgate.net/publication/229492371_Code-mixing_style_repertoire_and_language_variation_English_in_Hindi_poetic_creativity)
- Kamwangamalu, N. (1989). *Code-mixing and modernization*. ResearchGate.  
[https://www.researchgate.net/publication/229878317\\_Code-mixing\\_and\\_modernization](https://www.researchgate.net/publication/229878317_Code-mixing_and_modernization)
- Labov, W. (1966). *The social stratification of (r) in New York City department stores*. ResearchGate.  
[https://www.researchgate.net/publication/316501722\\_The\\_Social\\_Stratification\\_of\\_r\\_in\\_New\\_York\\_City\\_Department\\_Stores](https://www.researchgate.net/publication/316501722_The_Social_Stratification_of_r_in_New_York_City_Department_Stores)
- (1971). The notion of 'system' in Creole languages. In *Pidginization and creolization of languages* (pp. 447-472). Cambridge University Press.
- Lukes, S. (1975) Political Ritual and Social Integration. *Sociology*, 9, 289-308.
- Maher, J. (2005). *Metroethnicity, language, and the principle of Cool*. ResearchGate.  
[https://www.researchgate.net/publication/249930417\\_Metroethnicity\\_Language\\_and\\_the\\_Principle\\_of\\_Cool](https://www.researchgate.net/publication/249930417_Metroethnicity_Language_and_the_Principle_of_Cool)
- Makoni, S., & Pennycook, A. (2007). Disinventing and reconstituting languages. In *Disinventing and reconstituting languages* (pp. 1-41). Multilingual Matters.

- McIntyre, D. & Morrison, A. (1967). The educational opinions of teachers in training. *British Journal of Social and Clinical Psychology*.
- Mesthrie, R., Swann, J., Deumert, A. & Leap, W. (2000) *Introducing Sociolinguistics*. Edinburgh University Press.
- Milroy, L. (2003). *Sociolinguistics: Method and Interpretation*. Blackwell.
- Milroy, J. & Milroy, L. (1985) Linguistic change, social network and speaker innovation. *Journal of Linguistics*, 21(2).  
<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/milroy1985.pdf>
- Milroy, L., & Muysken, P. (Eds.). (1995). *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge University Press.
- Milroy, L., & Wei, L. (1985). A social network approach to code-switching: the example of a bilingual community in Britain. In *One speaker, two languages: cross disciplinary perspectives on code-switching* (pp. 136–157). Cambridge University Press.
- Myers-Scotton, C. (1993). *Social motivations for codeswitching : evidence from Africa*. Clarendon Press.
- Myers-Scotton, C. (1998). *Codes and Consequences: Choosing Linguistic Varieties*. Oxford University Press.
- Nycz, J. (2016). Awareness and acquisition of new dialect features. In *Awareness and Control in Sociolinguistic Research* (pp. 62–79). Cambridge University Press.  
[https://www.researchgate.net/publication/281377103\\_Awareness\\_and\\_acquisition\\_of\\_new\\_dialect\\_features](https://www.researchgate.net/publication/281377103_Awareness_and_acquisition_of_new_dialect_features)
- Otsuji, E., & Pennycook, A. (2010). *Metrolingualism: Fixity, Fluidity and Language in Flux*. ResearchGate.

[https://www.researchgate.net/publication/249025313\\_Metrolingualism\\_Fixity\\_Fluidity\\_and\\_Language\\_in\\_Flux](https://www.researchgate.net/publication/249025313_Metrolingualism_Fixity_Fluidity_and_Language_in_Flux)

- Pena, C. (2004). What do bilinguals think about their 'code-switching'? *RAEL: Revista electrónica de lingüística aplicada*.
- Pestana, M.; Gageiro, J. (2014). *Análise de dados para Ciências Sociais: a complementaridade do SPSS*. Edições Sílabo.
- Poplack, S. (1980). *Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPAÑOL: toward a typology of code-switching*. ResearchGate. [https://www.researchgate.net/publication/249932906\\_Sometimes\\_I%27ll\\_start\\_a\\_sentence\\_in\\_Spanish\\_Y\\_TERMINO\\_EN\\_ESPANOL\\_toward\\_a\\_typology\\_of\\_code-switching\\_1](https://www.researchgate.net/publication/249932906_Sometimes_I%27ll_start_a_sentence_in_Spanish_Y_TERMINO_EN_ESPANOL_toward_a_typology_of_code-switching_1)
- Poplack, S., & Sankoff, D. (1984). Borrowing: the synchrony of integration. *Linguistics*.
- Poplack, S., Sankoff, D. & Miller, C. (1988). The Social Correlates and Linguistic Processes of Lexical Borrowing and Assimilation. *Linguistics*.
- Preston, D. (1996). Whaddayaknow?: The modes of folk linguistic awareness. *Language Awareness*.
- Rampton, Ben. (1995). *Crossing: Language and Ethnicity among Adolescents*. London: Longman.
- Rauf, M. (2017). *The Motivations of Code-Switching of International Bilingual Students' Conversations at the University Level*. ResearchGate. [https://www.researchgate.net/publication/328860248\\_The\\_Motivations\\_of\\_Code-Switching\\_of\\_International\\_Bilingual\\_Students%27\\_Conversations\\_at\\_the\\_University\\_Level](https://www.researchgate.net/publication/328860248_The_Motivations_of_Code-Switching_of_International_Bilingual_Students%27_Conversations_at_the_University_Level)

- Reyes, I. (2004). *Functions of Code Switching in Schoolchildren's Conversations*. Taylor and Francis Online. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15235882.2004.10162613>
- [Sapir, E. \(1921\). \*Language\*. Nova Iorque: Harcourt, Brace.](#)
- [Schmidt-Rohr, G. \(1963\). \*Mutter Sprachze\*. Eugen Diederichs Verlag.](#)
- Sebba, M., & Wootton, T. (1984). *Conversational code-switching in London Jamaican*. Sociolinguistic Symposium 5, Liverpool.
- Seidlhofer, B. (2004). Research perspectives on teaching English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, 24, 209–239.
- Sert, O. (2005). *The Functions of Code Switching in ELT Classrooms*. The Internet TESL Journal. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED496119.pdf>
- Smith, A. (1982). Nationalism, ethnic separation and the intelligentsia. In Williams, C. (ed) *National Separatism*. University of Wales Press.
- Spring, J. (2007). *The Triumph of the Industrial-Consumer Paradigm and English as the Global Language*. ResearchGate. [https://www.researchgate.net/publication/241728731\\_The\\_Triumph\\_of\\_the\\_Industrial-Consumer\\_Paradigm\\_and\\_English\\_as\\_the\\_Global\\_Language](https://www.researchgate.net/publication/241728731_The_Triumph_of_the_Industrial-Consumer_Paradigm_and_English_as_the_Global_Language)
- [Taylor, D. & Jaggi, V. \(1974\). Ethnocentrism and casual attribution in a South Indian context. \*Journal of Cross-Cultural Psychology\*.](#)
- Trudgill, P. (1986). *Dialects in Contact*. Blackwell
- Weber, M. (1968). *Economy and Society*. Bedminster.
- Webster, H., Freedman, M. & Heist, P. (1962). Personality changes in college students. In N. Sanford (Ed.), *The American college: A psychological and social interpretation of the higher learning* (pp. 811–846). John Wiley & Sons Inc.

Williams, R. (1973) *Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory. New Left Review*

Woolard, K. (1987). *Codeswitching and Comedy in Catalonia*. Linguistic Society.

<https://journals.linguisticsociety.org/elaugue/pip/article/download/145/145-432-1-PB.pdf>

----- (1989) *Double Talk*. Stanford University Press.

----- (1999). *Simultaneity and Bivalency as Strategies in Bilingualism*. Academia.

[https://www.academia.edu/33515043/Simultaneity\\_and\\_Bivalency\\_as\\_Strategies\\_in\\_Bilingualism](https://www.academia.edu/33515043/Simultaneity_and_Bivalency_as_Strategies_in_Bilingualism)

## 6. Anexos

### Anexo 1 - Questionário

#### Codeswitching entre Português e Inglês

A presente investigação está a ser desenvolvida no âmbito de uma tese de Mestrado em Linguística para a Universidade do Porto. Tem como objetivo entender de forma mais clara de que maneira os jovens portugueses alternam entre Português e Inglês, com que propósito e como são percecionados. É garantida a total confidencialidade dos dados que serão apenas utilizados para os fins da investigação em questão. Agradecemos a colaboração.

##### Género

- Feminino
- Masculino
- NB
- Fluído
- Outro

##### Idade

##### Curso

##### Formação em Inglês até:

- 3º ciclo
- Secundário
- Faculdade

##### Sexualidade

- Heterossexual
- Queer

##### 1. Mistura Português e Inglês quando fala? \*

- Sim
- Não

##### 2. Considera que este hábito denota: \*

- Fraco conhecimento de Português
- Normal conhecimento de Português

**3. Considera que facilita a comunicação? \***

- Sim  
 Não

**4. Em que contextos mistura as duas línguas: \***

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Constantemente
Entre amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Em família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
No trabalho/faculdade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**5. Porquê? \***

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Constantemente
A palavra que quero não existe na minha língua	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não me lembro da palavra na minha língua	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A palavra existe na minha língua mas não tem o mesmo peso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para incluir outros na conversa/Para excluir outros na conversa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Só para palavras rituais como "yes", "no", "please", "hi", "thank you"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para clarificar o que quero dizer, caso seja ambíguo na minha língua	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para marcar uma mudança de tópico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para marcar a mudança de um comentário objetivo para um subjetivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Porque, linguisticamente, o Inglês é mais eficiente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para suavizar/intensificar um pedido/ordem/afirmação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para fazer um jogo de palavras/"pun"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Porque é mais confortável falar de assuntos sensíveis em Inglês	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para falar de assuntos sobre os quais só li/ouvi falar em Inglês	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Porque confere mais autoridade ao que quero dizer/Para marcar o meu elevado nível de educação/ Porque soa mais profissional e acho que pode ser vantajoso para subir na vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Porque me identifico com uma identidade colectiva associada ao Inglês como língua franca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Porque reforça a minha pertença ao meu grupo de amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Anexo 2 – Tabelas

Tabela 1 – Teste de Mann-Whitney entre amostra feminina e masculina

Motivações	p-value
1. Mistura português e inglês quando fala?	.317
2. Considera que este hábito denota:	<b>.017</b>
3. Considera que facilita a comunicação?	.716
4a. Mistura as duas línguas entre amigos:	.586
4b. Mistura as duas línguas em família:	<b>.000</b>
4c. Mistura as duas línguas no trabalho/faculdade:	.396
5a. Porque a palavra que quero não existe na minha língua	.387
5b. Porque não me lembro da palavra na minha língua	.408
5c. Porque a palavra existe na minha língua mas não tem o mesmo peso	<b>.018</b>
5d. Para incluir outros na conversa/Para excluir outros na conversa	.428



5e. Para palavras rituais como "yes", "no", "please", "hi", "thank you"	.672
5f. Para clarificar o que quero dizer, caso seja ambíguo na minha língua	.692
5g. Para marcar uma mudança de tópico	.106
5h. Para marcar a mudança de um comentário objetivo para um subjetivo	.059
5i. Porque, linguisticamente, o inglês é mais eficiente	.745
5j. Para suavizar/intensificar um pedido/ordem/afirmação	<b>.034</b>
5k. Para fazer um jogo de palavras/"pun"	.682
5l. Porque é mais confortável falar de assuntos sensíveis em inglês	.282
5m. Para falar de assuntos sobre os quais só li/ouvi falar em inglês	.070
5n. Porque confere mais autoridade ao que quero dizer/Para marcar o meu elevado nível de educação/ Porque soa mais profissional e acho que pode ser vantajoso para subir na vida	.981
5o. Porque me identifico com uma identidade colectiva associada ao inglês como língua franca	.648
5p. Porque reforça a minha pertença ao meu grupo de amigos	.258

Tabela 2 – Teste de Mann-Whitney entre maiores e menores de 25 anos

Motivações	p-value
1. Mistura português e inglês quando fala?	.259
2. Considera que este hábito denota:	.298
3. Considera que facilita a comunicação?	.396
4a. Mistura as duas línguas entre amigos:	.203
4b. Mistura as duas línguas em família:	.740
4c. Mistura as duas línguas no trabalho/faculdade:	.912
5a. Porque a palavra que quero não existe na minha língua	.836
5b. Porque não me lembro da palavra na minha língua	.469
5c. Porque a palavra existe na minha língua mas não tem o mesmo peso	.912
5d. Para incluir outros na conversa/Para excluir outros na conversa	.687
5e. Para palavras rituais como "yes", "no", "please", "hi", "thank you"	.360
5f. Para clarificar o que quero dizer, caso seja ambíguo na minha língua	.254
5g. Para marcar uma mudança de tópico	.880
5h. Para marcar a mudança de um comentário objetivo para um subjetivo	.446
5i. Porque, linguisticamente, o inglês é mais eficiente	.912
5j. Para suavizar/intensificar um pedido/ordem/afirmação	.758
5k. Para fazer um jogo de palavras/"pun"	.528

5l. Porque é mais confortável falar de assuntos sensíveis em inglês	<b>.005</b>
5m. Para falar de assuntos sobre os quais só li/ouvi falar em inglês	<b>.047</b>
5n. Porque confere mais autoridade ao que quero dizer/Para marcar o meu elevado nível de educação/ Porque soa mais profissional e acho que pode ser vantajoso para subir na vida	1.000
5o. Porque me identifico com uma identidade colectiva associada ao inglês como língua franca	.726
5p. Porque reforça a minha pertença ao meu grupo de amigos	.829

Tabela 3 – Teste de Mann-Whitney entre amostra heterossexual e *queer*

Motivações	p-value
1. Mistura português e inglês quando fala?	.389
2. Considera que este hábito denota:	.113
3. Considera que facilita a comunicação?	.334
4a. Mistura as duas línguas entre amigos:	<b>.004</b>
4b. Mistura as duas línguas em família:	.603
4c. Mistura as duas línguas no trabalho/faculdade:	.991
5a. Porque a palavra que quero não existe na minha língua	.499
5b. Porque não me lembro da palavra na minha língua	.121

5c. Porque a palavra existe na minha língua mas não tem o mesmo peso	.157
5d. Para incluir outros na conversa/Para excluir outros na conversa	<b>.006</b>
5e. Para palavras rituais como "yes", "no", "please", "hi", "thank you"	.852
5f. Para clarificar o que quero dizer, caso seja ambíguo na minha língua	<b>.004</b>
5g. Para marcar uma mudança de tópico	.052
5h. Para marcar a mudança de um comentário objetivo para um subjetivo	<b>.049</b>
5i. Porque, linguisticamente, o inglês é mais eficiente	<b>.027</b>
5j. Para suavizar/intensificar um pedido/ordem/afirmação	.388
5k. Para fazer um jogo de palavras/"pun"	.058
5l. Porque é mais confortável falar de assuntos sensíveis em inglês	<b>.007</b>
5m. Para falar de assuntos sobre os quais só li/ouvi falar em inglês	.065
5n. Porque confere mais autoridade ao que quero dizer/Para marcar o meu elevado nível de educação/ Porque soa mais profissional e acho que pode ser vantajoso para subir na vida	.387

5o. Porque me identifico com uma identidade colectiva associada ao inglês como língua franca	.070
5p. Porque reforça a minha pertença ao meu grupo de amigos	<b>.024</b>

### Anexo 3 – Guião das entrevistas

1. Várias comunidades consideram eu a mistura de línguas denota um fraco conhecimento da língua oficial – concordam com esta afirmação? É esta a vossa experiência, quando incorrem em CS ou quando alguém incorre em CS convosco? Ou, alternativamente, acham que a mistura de línguas facilita a comunicação – e se sim, em que situações?
2. Que tipo de vocabulário alternam mais – são conetores, expressões fáticas, bordões discursivos?
  - a. Tem a ver com o tema? - por exemplo se falarem de música ou cinema usam mais o inglês, mas se falarem de gastronomia ou futebol usam mais o português? Ou não?
  - b. Tem a ver com a relação com o interlocutor? – se é mais velho, mais novo, se a relação é mais ou menos formal, se estão numa posição hierárquica mais alta ou mais baixa?
  - c. Tem a ver com o objetivo da interação? – se quiserem fazer um pedido fazem-no em inglês ou em português? Põe um “please” no fim? Que efeito é que isso cria? Ordens - dão em português ou inglês? Expressões de entusiasmo e asneiras – mais em português, mais em inglês, uma mistura das duas?
3. Qual é a diferença, se alguma, entre ter uma frase maioritariamente em português, na qual se insere inglês ou ter uma frase maioritariamente em inglês, na qual se insere português? Tendo isso em mente, as seguintes frases foram-me todas ditas por amigos portugueses da nossa idade – que diferenças é que notam entre os enunciados das duas primeiras alíneas? Por que é que acham que o falante escolheu usar «mental health issues» e «atrofiada»? Cria algum efeito?
  - i. «És tão dumb» vs És tão burra
  - ii. «You’re so burra» vs You’re so dumb
  - iii. «Os meus mental health issues estão ao rubro este mês»
  - iv. «I was feeling really atrofiada, it’s really hard to explain»
4. Várias comunidades usam L2 para indicar maior nível de educação, para estabelecer distância social, para excluir alguém, para dar força a uma ordem – por exemplo, na África do Sul, onde o inglês é a língua da academia e do estado alguém pode alternar para inglês de forma a marcar uma posição socio-económica mais alta ou, na Hungria, por exemplo, um pai ou uma mãe que queira por um fim a uma discussão com os filhos pode alternar para o Alemão que indexa valores de autoridade mais marcados. Tem sido esta a vossa experiência, é com este propósito que usam CS, é assim que

- interpretam quando usam CS convosco? Ou, alternativamente, acham que serve mais para estabelecer intimidade?
5. Que influência teve a internet no vosso CS? Que influência tiveram os vossos amigos? Que influência tiveram os meios em que circulam? E «meios» aqui pode ser o meio do ativismo, das artes, o local onde trabalham, uma experiência Erasmus que tenham tido, etc
  6. De entre as funções que surgiram no questionário a que já responderam gostava que comentássemos em mais detalhe as seguintes:
    - a. «linguisticamente, o inglês é mais eficiente»
    - b. «é mais confortável falar de assuntos sensíveis em inglês»
    - c. «identifico-me com uma identidade coletiva associada ao inglês como língua franca»
    - d. «reforça a minha pertença ao meu grupo de amigos»
  7. Há autores que consideram o CS é um marcador de globalidade, de autoridade cultural, de *coolness* e há autores que o consideram uma forma de resistência à hegemonia da língua nacional, na medida em que a premissa dos jovens é o questionamento das convenções, daí o uso de uma língua que não a própria. Estas considerações referem-se a outras realidades que não a portuguesa, no entanto, a minha pergunta é se acham que alguma destas perspetivas se adequa à vossa experiência ou se, por outro lado, não acham que seja resistência nem questionação – é só conformação com uma prática já completamente *mainstream*?
  8. Há autores que acham que o CS pode ser um marcador de identidade, ou seja, anexa ao falante características da L que fala. Que características é que acham que indexam quando falam inglês e quando falam inglês convosco? Que valores indexa o inglês? Usá-lo não implica sempre uma afiliação colonial, na medida em que o inglês colonizou, de alguma forma, o espaço cultural global? Há vários ingleses? A qual é que se associam? Consegues discernir? Se usarmos códigos como AAVE ou *Queer English*, como é que se separa a apreciação da apropriação cultural?
  9. (opcional, dependendo do à vontade dos respondentes em responder à pergunta anterior) Há autores que propõe, em alternativa à noção tradicional de etnia, uma nova conceção que pressupõe que somos todos herdeiros de culturas de que nos afastamos de uma maneira ou outra, uma etnia que não se fecha dentro da sua comunidade, que é definida por elementos identitários não étnicos como a vizinhança, o género ou os interesses comuns – parece-vos que isto faz sentido, acham que etnia é o termo correto, estariam mais à vontade com “comunidade”?

## Anexo 4 – Notas de fim

---

<sup>i</sup> [1] PO: por exemplo, eu digo muitas vezes “love you” mas é tipo- imagina, não quer dizer que eu não sinta isso pela pessoa, porque se estou a dizer é óbvio que sim. [anuência] Mas não é no sentido de dizer “eu gosto de ti” ou “eu amo-te”, é, tipo, mais- às vezes a minha mãe vai-se embora, está-se a ir embora, e eu digo “love you” (...) Isto é um bom exemplo, a Gabriela está a dizer “é a mesma coisa que dizer “fuck you”” [anuência] eu às vezes digo “fuck you” mas não é no sentido [interferência] – cala-te, tu também é igual, não sei por que é que estás com coisas – não é no sentido literal de o que é que “fuck you” quer dizer, é só “ah, estás-me a irritar” e digo “fuck you”.

[2] GSL: Só uso o “Jesus”, só o “Jesus Christ” - “Jesus Christ”! Porque “Jesus Cristo” fica de repente muito católico - “Ai, Jesus Cristo!”

LS: Aí vou para o brasileiro, tipo, “Deus do Céu, Nossa Senhora”

CS: Ainda assim o registo misto tem uma carga humorística que “You’re so dumb” não tem e que atenua e- não sei é um “comic relief” da conversa e estamos a entrar numa zona perigosa e eu tenho de expressar isto de uma maneira em que a pessoa não vai ficar chateada comigo, não se vai sentir insultada.

<sup>ii</sup> [3] MC: Também nós não temos qualquer tipo de filmes nem qualquer tipo de media em português. Desde os “Morangos com Açúcar” que não há nenhum fenómeno televisivo bom o suficiente para as pessoas terem uma cultura unificada em português de referência – não temos! Que também é uma razão que as gerações mais novas não falam português calão - o calão português que existia já não existe.

[4] ZZ: Isto acontece porque quem consome efetivamente a cultura e a cultura é- é arte e a literatura e isso tudo - há aqui uma tendência para ser mais de elites, não é? Se nós formos a ver quem é- quem compra os livros em Portugal é quem tem poder de compra, porque os livros são- são caros. Quem vai ao teatro, quem vai aos concertos - estou a dizer algo que seja regular porque ir a um concerto de 2 em 2 anos, claro que é bom, não é? mas não é algo que faz parte da nossa vida, é um evento que nós aparecemos - e é sempre associado a quem tem poder de compra ou a quem já gere o seu dinheiro de uma forma a consumir aquilo.

<sup>iii</sup> [5] ZZ: Hoje em dia para excluir alguém já não acontece tanto porque, sei lá, eu vejo eu a dar aulas ao 1º ciclo: o 4º ano já usava expressões em inglês! Então o conhecimento do inglês já é tão-tão amplo, já toda a gente sabe - pode não saber falar a língua mas já conhece tanta expressão que não sei se ainda é usado para excluir alguém. Agora, claro, se eu ouvir a fala- o CS por exemplo com um Francês ou um Alemão, aí sim, é – que já aconteceu, já tive uma colega- uma colega de casa, a Lucifer, que fazia com o Alemão - e aí, sim, eu tinha perfeita consciência que era mesmo para excluir toda a gente que estivesse na mesa.

---

<sup>iv</sup> [6] GSL [sobre o CS da comunidade *queer*]: O que eu acho é que muitas vezes essa pessoa se refugia numa espécie de *lobby*, então parece que não fico a conhecer muito essa pessoa? Não sei- sinto- parece uma capa. Não sei explicar. Por exemplo quando falo- eu não me identifico assim tanto- eu não tenho assim muitos amigos desse tipo de *queer* com quem eu consiga estar tipo uma noite inteira assim a falar animadamente porque, não sei, parece que estão todos num- o que não tem nada de mal mas parece que estão assim todos numa, não sei, numa-

LS: -numa bolha

GSL: Numa bolha! Exato. Numa bolha semântica da qual eu não faço parte e que pretendem manter-se ali, percebes? Tipo, e fico sem conhecer bem o indivíduo, a pessoa, percebes? E também acontece o mesmo com esses homens de negócios - para mim fica um bocado “ok, já sei que tu fazes parte do *lobby* empresarial corporativo”

[7] CC: Acho que quando as coisas surgem de um lugar honesto e de exposição, não é? e quando estás a querer ser frágil, não estás necessariamente a querer- e pronto, lá esta, porque efetivamente se calhar a utilização da língua Inglesa tem uma conotação meia cómica ou suavizada, não é? Portanto, quando queres ser sério não utilizas este tipo de vocábulos.

<sup>v</sup> [8] SP: Eu normalmente uso isto [inglês] em relações informais. Muitas vezes em contextos onde quero tornar a situação mais *chill*, mais soft, tornar a situação mais tranquila entre as duas pessoas ou um grupo.

<sup>vi</sup> [9] CF: No que toca ao vocabulário depende, por exemplo, há cenas que não existe em português então eu transformo o nome em verbo, por exemplo, em português, faço assim umas merdas mesmo tensas com a- (Dá exemplos) “Shippar”.

BG: “Checkar”

CF: Tipo, “to ship”, n’ é? E eu “shippar”, “checkar”

BG: Vou-te- estás a ver quando tu- nós mandamos calar alguém e tu dizias “vou-te mutar”?

CF: “Vou-te mutar”, ya, isso acontece muito. Acontece muito com adjetivos ou, tipo, quantificadores, tipo, “very” também - “Ai isso é very estranho”, por exemplo.

[10] MS: Vocês não falam em inglês mas tipo irónico? Eu não sei explicar isto... Mas é tipo, em vez de “I’m really international” dizes [forte sotaque português] “I’m really international”. Eu faço isto buéda vezes, eu não sei porquê, eu não sei explicar. [anuência]

[11] GSL [sobre o aportuguesamento intencional do inglês]: eu acho que ele tenta não se levar a ele próprio tão a sério, ou projetar uma imagem de que ele não se está a levar, ou até o seu conhecimento de inglês, tão a sério. Acho que é mais isso, mas não tenho a certeza.



---

<sup>vii</sup> [12] GSL: Eu quando trabalho em design eu tenho obrigatoriamente que usar terminologia em inglês porque muitas vezes os programas de edição, os programas de design, estão todos em inglês, portanto tenho mesmo que usar. Ou, por exemplo, “faz aí um scroll down” - pronto, acho que todos nós usamos isto, “faz um scroll”. Ou então, vá, coisas mais específicas como, pá, “fazer um tracking”, um “curving”, isso é tudo muito inglês e isso são termos que nos não usamos em português. Por exemplo, mesmo na escola das belas artes ensinaram-nos sempre muito mais comumente esses termos (...) também para trabalhar com o estrangeiro e essas coisas todas é o mais fácil.

<sup>viii</sup> [13] CB: Às vezes a falar numa aula se calhar se começarmos a falar português/inglês tudo misturado vai quase parecer tipo *teen talk*, mas ao mesmo tempo quando ouves isso, sei lá, nos CEOs e nos empreendedores todos já é uma cena. Ou seja, já é visto como uma coisa boa, então não sei se não há ali assim uma coisinha de classismo.

[14] ZO: Dependendo do tipo de inglês que eu uso acho que me dá algum tipo de autoridade científica e académica, o que [imperceptível] um nível de inglês e determinadas palavras, acho que também usar demais já mostra caganices- cagonices, mas pronto, isso é outras questão.

<sup>ix</sup> [16] ZZ: Quando era mais nova, antes de estudar a língua e antes de perceber este processo do CS, eu associava pessoa que faziam isso a arrogância, eu achava-as arrogantes, eu achava “olha-me esta, esta esperta ou este esperto, que está aqui, agora vai falar em inglês, vai falar em português”. Mas se calhar eu acho essa arrogância porque- ou porque no secundário e no colégio em que estudei havia muito – como é que eu hei-de explicar? Era algo bastante comum para se as pessoas se destacarem – diferentes formas, não o CS em específico mas diferentes formas. E então eu sempre associei o CS em específico a um ato de- de mostrar que sei, que tenho conhecimento e talvez-talvez por ter essa conotação tão negativa para mim que eu sempre o evitei e sempre o contrariei.

[17] IM: Quando eu estava no 5º ano eu tinha uma colega de turma e essa colega de turma era inglesa e ela tinha uma aura muito importante à volta dela - ainda por cima era a típica inglesa, lourinha, de olhos azuis - e eu notava que em certas alturas ela falar inglês - porque claro com 10 anos já era fluente, enquanto a maioria de nos ainda estava dar os primeiros passinhos na língua - era uma forma de se distanciar e de se sobrepor ao resto da turma

[18] GSL: Houve uma moda que foi, por exemplo, sobretudo na poesia também, começar a colocar esses anglicanismos para refrescar a poesia e para dar aquele toque, ai, atual, moderno, global, e referenciar, tipo, marcas “ah porque eu estava aqui com os meus rayban ou estava aqui com-“ percebes? Internacionalizar a poesia. Eu achei piada mas depois deixei de achar e depois – eu não sei, é uma coisa assim mesmo, é um bocadinho um dilema para mim, tipo, se eu gosto ou não desse tipo de refrescar - não tenho a certeza ainda. Não tenho a certeza se isso para mim é fixe ou não porque, lá está, eu acho que também à medida que nós vamos envelhecendo – eu que já sou uma carcaça velha, não é? – tipo, eu acho que usava muitos mais anglicanismos antes e estou progressivamente a usar menos, não sei porquê (...)

---

[19] CC: Às vezes assumimos palavras e expressões inglesas que existem em português mas que nós mais facilmente assumimos a versão inglês, por exemplo, “overwhelmed”: existe o “assoberbado” em português e ninguém diz “assoberbado”, toda a gente diz “overwhelmed”. Tipo, e as palavras existem e eu tenho plena consciência que existem mas eu não acho que seja por lapso na minha cultura da língua portuguesa mas as vezes é um bocado por facilitismo ou por, se calhar, haver uma certa denotação- não estou a arranjar o termo agora, pá, engraçado - mas uma denotação fixe, vamos dizer, da língua inglesa. Soa sempre mais-mais cool falar inglês do que falar em português, e portanto pode ser também por aí que as pessoas as vezes assumem vocabulário em inglês.

MV: [sobre assoberbado/overwhelmed] Pá, é uma palavra que eu tendo a usar muito mas exatamente porque houve uma altura que eu disse “pá, não posso estar sempre a dizer “overwhelmed””, estás a ver? Então, às tantas, estive aqui a fazer uma procura rápida, pensar assim, “O que é que pode ser? assoberbado? avassalado?” tipo coisas desse género. E estou assim no meio de uma linguagem super informal e digo “hey, aquilo foi bué avassalador, foi bué- fiquei bué assoberbado, estás a ver? Tótil mesmo” e- e não faz sentido, estás a ver? É- acho que a palavra “overwhelmed”, “overwhelming” soa-me tipo- é muito mais encaixável em linguagem informal do que “assoberbado”, não é? Então eu percebo por que é que as pessoas usam.

<sup>x</sup> [20] BP: O Wolof também é um dialeto, ou uma língua, que tem muitas limitações, nomeadamente em termos de vocabulário, e o que os falantes fazem é emprestar o vocabulário do Francês. Eles não têm forma de falar Wolof sem meter termos franceses no meio (...) portanto sinto que isto é a outra vertente de uma resposta possível a esta pergunta que é: não é só um fraco conhecimento, é simplesmente, se calhar, a única forma de reter uma identidade - fazer esse CS.

<sup>xi</sup> [21] ZO: Acho que a maior parte das pessoas não têm conhecimento de facto em inglês, sólido, para poder usar palavras em inglês de uma forma consciente. Acho que, no meu caso, e talvez no caso de mais pessoas aqui, por vezes é um questionamento; mas a questão é: eu estou sempre- ou, muito raramente eu não estou a usar de uma forma crítica. (...) (Deixa-me só ver se eu percebi: não achas que é uma conformação, achas que é uma decisão muito pessoal e crítica da tua parte?) Da minha parte. Dos outros não.

[22] CD: Maior parte das vezes eu nem sei de onde é que as palavras vieram, eu só sei que apareceram num *post* da *internet* e eu “*ahaha funny*”

ACF: Sim, acho que é sintomático. Eu não tenho grande noção de onde é que vou buscar as coisas que vou buscar.

<sup>xii</sup> [23] CS: Se tiver mais intimidade com uma pessoa vou usar CS enquanto que se for uma pessoa que eu não conheço tão bem não o faço. Se bem que também pode acontecer que não conheço tão bem e faço por ter-por haver legitimidade por ser uma pessoa da mesma faixa etária.

<sup>xiii</sup> [24] EB: Eu uso muito (...) só para fazer jogos de palavras e puns e referências, por exemplo, de séries, citações e coisas assim.

---

[25] CSR: Vermos certas situações numa série ou vemos certas situações num filme, dito por pessoas inglesas, ou por pessoas americanas, tu sentes aquela necessidade de dizer da mesma forma que eles disseram para viveres a experiência da mesma forma que eles viveram, percebes?

[26] DA: Acho que a apropriação é automática e é inerente e não é insensível por parte do individuo, acontece porque- devido ao carácter mimético até do nosso próprio comportamento.

<sup>xiv</sup> [27] CG: Eu aprendi a costurar no Youtube e a ver vídeos em inglês, porque é o que há mais, pronto. Imagina, eu já considerei fazer um canal de Youtube, e é uma coisa que eu penso “Faço em inglês ou faço em português?” - que se calhar em inglês eu tinha um público muito maior.

[28] MM: desde que eu mudei de casa troco muitas receitas com a minha irmã, assim *random* – olha acabei de fazer CS sem querer – foi uma coisa que começou a acontecer e, imagina, nós sabemos que “teaspoon” e “tablespoon” têm tradução para português, não e? mas como nós partilhamos as receitas uma com a outra pela *internet*, sites de- que estão todos em inglês, muitas vezes quando estamos a cozinhar juntas ou a falar ao telefone ou mesmo pessoalmente uma com a outra digo “ai, o que é que é -nesta receita quantas *teaspoons* de cacau é que puseste? E quantas *tablespoons* de não sei quê?” - não sei, acho que acaba também por ser o tema, mas mais no sentido da forma como te expões ao tema.

[29] MM: Eu conheço um rapaz que aprendeu a jogar xadrez durante a quarentena e ele aprendeu a jogar com vídeos em inglês no Youtube. E tem mesmo piada porque ele não sabe traduzir as cenas para português, então eu estou a falar com ele e ele diz certas coisas que é mesmo estranho para mim ouvir, por exemplo, ele diz, em vez de “desistir”, ele diz “resignar” ,porque os ingleses dizem “resign” mas ninguém diz “resignar”, estás a ver? isto é um decalque completo! E ele faz imenso CS nesse contexto porque ele aprendeu as coisas de outra forma.

[30] BG: Entre as muitas coisas que começaram por tua causa em termos de discurso, ok? Uma delas foi “tenho tea para vos contar”. É tipo a tua cena - era o “tea”, man.

CF: Vou-vos dizer, “Tenho tea para vos contar” vem diretamente do Manas [outro grupo de amigos], porque eu não dizia “Tenho tea para vos contar” antes do Manas, portanto os meus *speech patterns* também vêm doutros sítios, eu não invento merdas sozinha.